

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA
DOUTORADO EM LITERATURA

Entre missais e evocações:
a prosa desterrada de Cruz e Sousa

Orientador: Prof. Dr. Lauro Junkes

Por Rosane Cordeiro da Silva

Florianópolis
2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA
DOUTORADO EM LITERATURA

Entre missais e evocações: a prosa desterrada de Cruz e Sousa

Por Rosane Cordeiro da Silva

Florianópolis

2006

Entre missais e evocações: a prosa desterrada de Cruz e Sousa

ROSANE CORDEIRO DA SILVA

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de “Doutora em Letras”, área de concentração em Teoria Literária. Curso de Pós-Graduação em Letras-Literatura Brasileira e Teoria Literária da Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Professor Dr. Lauro Junkes

Florianópolis

2006

Entre missais e evocações: a prosa desterrada de Cruz e Sousa

Rosane Cordeiro da Silva

Esta tese foi julgada adequada para a obtenção do título

DOUTORA EM LETRAS

Área de concentração em Teoria Literária, e aprovada na sua forma final pelo Curso de Pós-Graduação em Letras – Literatura Brasileira e Teoria Literária da Universidade Federal de Santa Catarina.

Prof. Dr. Lauro Junkes

ORIENTADOR

Prof. Dr.

COORDENADOR DO CURSO

Banca Examinadora:

Dedicatória

Aos meus pais,

Otemar Amaro Cordeiro e Maria de Melo Cordeiro (in memoriam), pela vida.

A minha tia,

Anna Pereira Conrad (in memoriam), pelo apoio e carinho.

Aos meus sogros,

Natalino João da Silva(in memoriam) e Laurete Nobre da Silva, pela ajuda constante.

Ao meu marido,

Rui Gilvano da Silva, com quem compartilho minhas angústias e felicidades.

Aos meus filhos,

Marianne e Vinícius, minha constante alegria.

Agradecimentos

A Deus, pela vida;

À família, pelo apoio e carinho;

A Lauro Junkes, pela paciente e dedicada orientação;

Aos funcionários, professores e colegas do Curso de Pós-Graduação em Letras;

Aos funcionários do setor de Santa Catarina da Biblioteca Pública do Estado,

A Academia Catarinense de Letras, pela colaboração;

À Zilma Gesser Nunes, pela sugestão de pesquisa;

Aos funcionários da Fundação “Casa de Rui Barbosa”, em especial a Laura Xavier,

pelo incansável atendimento;

Ao artista plástico, Luiz Si, pelas ilustrações;

A todos os amigos, parentes e companheiros de trabalho
que me ajudaram indiretamente com palavras de estímulo e verdadeira amizade.

*Soberbos
oceanos de imaginação onde mergulhou
seguro, o desenterramento de sua Obra, e
do Escuro para a Luz, ressuscitando-a das
sepulturas do Nada e fazendo-a logo abrir
clarões e asas no Espaço, tudo, tudo há de
ecoar, em extremo, nos desvãos do seu
cérebro a fenecer, como a vibração
esmorecidamente saudosa de rouca
fanfarra longínqua no fim crepuscular de
triste e ovante vitória assinalada por
aclamações e festões de louros, regada
abundantemente pelo vinho quente e
humano do sangue.*

Cruz e Sousa (Hora certa)

Lista de Ilustrações

Retrato de Cruz e Sousa..... p. 14

Lista de Abreviaturas

OC – Obra Completa

DS – Dicionário de Símbolos

ACL – Academia Catarinense de Letras

BPSC – Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina

BFCRB – Biblioteca Fundação Casa de Rui Barbosa

M – Manuscrito

MD – “Decaído”

ME – “Écloga”

MV – “Velho”

MR – “Rosicler”

MFS – “Fugitivo Sonho”

MDP – “Doença Psíquica”

MNV – “Nicho de Virgem”

MA – “Aroma”

MCE – “Croquis d’um excêntrico”

MBM – “Beijos mortos”

MNL – “Nem nosso livro”

MSP – “O senhor presidente”

MBSC – “Biologia e sociologia do casamento”

MB – “O batizado”

MCT – “Consciência tranqüila”

MHC – “Hora certa”

Mab – “Abelha”

MON – “Obsessão da noite”

Resumo

Esta tese sobre a prosa poética de João da Cruz e Sousa (Desterro, 1861 – Sítio, 1898) foi estruturada em cinco capítulos. O primeiro apresenta um estudo sobre o autor e o Simbolismo no Brasil; o segundo, uma análise sobre *Tropos e Fantasias* (1885) e *Missal* (1893), e o terceiro, sobre *Evocações* (1898). Os quarto e quinto capítulos são de crítica textual. Nestes, efetuei, transcrevi, atualizei e cotejei dezoito manuscritos em prosa com *Obra Completa* (1961/1995), além de nove desses manuscritos com suas respectivas publicações em jornais do final do século XIX. O cotejo dos nove textos confirma o manuscrito. Apresento, portanto, uma nova transcrição dos dezoito textos em prosa poética de Cruz e Sousa, mais próximos à vontade de seu autor.

Palavras-chave: prosa-poética, crítica textual, transcrição, cotejo.

Abstract

This paper is about João da Cruz e Sousa's poetic prose (Desterro, 1861 – Sítio, 1898). It has five chapters. The first chapter is about a study of the author and Symbolism in Brazil; the second one is an analysis about *Tropos e Fantasias* (1885) and *Missal* (1893); the following chapter is about *Evocações* (1898). The chapters four and five are related to textual criticism. I confronted, transcribed and update eighteen manuscripts in prose and *Obra Completa* (1961/1995). Afterwards, I have also compared nine of these manuscripts to their respective publications in the newspapers from the end of the nineteenth century. The confrontation of nine texts published in newspapers reaffirm the manuscripts. Thus, I present a new transcription of these eighteen texts by Cruz e Sousa's poetic prose, closer to the author's will.

Keywords: poetic prose, textual criticism, transcription, confrontation

Riassunto

In questa tesi su la prosa poetica di João da Cruz e Sousa (Desterro, 1861 – Sítio, 1898) ci sono cinque capitoli. Il primo presenta uno studio su l'autore e il Simbolismo in Brasile; il secondo, una analisi su *Tropos e Fantasias* (1885) e *Missal* (1893); il terzo su *Evocações* (1898). I quarto e quinto capitoli sono relativi a critica testuale, dove faccio una paragone, trascrizione e attualizzazione di diciotto manuscritti della prosa e *Obra Completa* (1961/1995). Faccio anche una trascrizione di nove di questi testi pubblicati in giornale alla fine secolo diciannove. La paragone dei nove testi pubblicati in giornale conferma i manuscritti. Allora presento una nuova trascrizione della prosa poetica di Cruz e Sousa, secondo il suo desiderio.

Parole chiave: prosa poetica, critica testuale, trascrizione, paragone

Sumário

Introdução	p.15
Capítulo 1. Cruz e Sousa, um simbolista prosador	p. 20
1.1 Sobre o Simbolismo	p. 20
1.2 Cruz e Sousa e a prosa simbolista no Brasil.....	p. 26
1.3 A província de Santa Catarina e o processo de culturação.....	p. 29
Capítulo 2. A prosa primeira: tropos, fantasias e missais.....	p. 35
2.1 <i>Entre pontos e vírgulas</i>	p. 35
2.2 <i>Missal: Broquéis</i> em prosa e em verso.....	p. 40
2.3 Entre o amor e a crítica.....	p. 45
Capítulo 3. De <i>Faróis</i> a <i>Últimos sonetos</i> : eterna embriaguez.....	p. 53
3.1 No fim o começo de tudo	p. 53
3.2 De pedras, risos e dor	p. 61
Capítulo 4. Da garimpagem à edição crítica.....	p. 69
4.1 Notas para a transcrição	p. 69
4.2 Transcrição e cotejo dos manuscritos com <i>Obra completa</i>	p. 75
4.3 Cotejo dos textos publicados nos jornais com os manuscritos.....	p.211
Capítulo 5. (Re) pensando a prosa dispersa.....	p.246
5.1 A prosa dispersa.....	p.246
Conclusão	p.263
Bibliografia	p.266



Introdução

“...não devemos dizer que um mortal foi feliz de
verdade
antes dele cruzar as fronteiras da vida inconstante
sem jamais ter provado o sabor de qualquer
sofrimento.”

(Corifeu – *Édipo Rei*)

Em 1987, como aluna do Curso de Graduação em Letras, desenvolvi uma pesquisa sobre Cruz e Sousa, nos jornais da antiga Desterro, século XIX. Desde então, é crescente minha paixão pela produção literária deste que foi um dos maiores poetas simbolistas. As leituras e pesquisas desenvolvidas resultaram na publicação de dois artigos: “Cruz e Sousa e o Moleque”¹ e a “Ambigüidade do riso”².

Em 1991, ao ingressar no Mestrado em Literatura Brasileira, optei por continuar o trabalho com os jornais, desta vez, resgatando três poemas satíricos do final do século XIX.³

Ao retomar as leituras e os estudos sobre a obra de Cruz e Sousa, resolvi trabalhar com a prosa “esquecida” deste catarinense de renome nacional, por ser essa de grande importância para a compreensão de toda sua produção poética.

Há, nos poucos estudos feitos sobre a prosa de Cruz, uma preocupação em defini-la como gênero literário. Poesia, prosa ou prosa poética? Nereu Correa afirma que é poesia em prosa ou prosa poemática⁴. Acrescentam-se outras classificações a estes textos, poema

¹ *Teias*, n.º 03, 1990, p.45-47.

² *Ô Catarina*, jul. 1993, p. 04.

³ *A poesia como arma política: o satírico na Desterro do século XIX*. Dissertação de Mestrado. Universidade federal de Santa Catarina, 1995.

⁴ *O canto do cisne negro e outros estudos*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981, p.13.

em prosa ou ainda prosa poética. Adotarei, neste trabalho, o termo prosa poética, por acreditar que há predomínio da prosa sobre a poesia, ou seja, a prosa é a disposição das palavras no papel, a poesia, a linguagem utilizada, assim como outros recursos da função poética da linguagem. Outro aspecto observado, nos poucos estudos feitos sobre a obra de Cruz e Sousa, é o de conter traços autobiográficos do autor; bem como o fato de possuir textos-embriões de futuros poemas.

Na prosa de Cruz e Sousa, temos a dissonância entre o poeta e o homem. De um lado, um poeta simbolista, aquele que se isola em uma “torre de marfim”, que busca, através do sonho e da musicalidade, a purificação espiritual; do outro, um homem, negro, marido e pai que precisa sobreviver em meio ao preconceito racial, social e literário. Nesses textos, Cruz e Sousa preza pela liberdade do homem e do artista. O poeta materializa, através de alguns textos, a dor, sua única saída para a sublimação. São documentos diversificados, de *Tropos e fantasias* a *Evocações* e de cartas familiares a artigos para jornais. Conhecemos um escritor mergulhado no ostracismo da dor. Esta é, portanto, seu alimento de criação.

Artista é um isolado, um esporádico, não adaptado ao meio, mas em completa lógica e inevitável revolta contra ele, num conflito perpétuo entre a sua natureza complexa e a natureza oposta do meio....⁵

Seu isolamento e inadaptação ao meio torna-o um “louco”, um ser amargurado. A interação e correspondência entre o espiritual e o material, assim como entre a prosa e a poesia de Cruz e Sousa lhe proporciona um todo desconhecido, vago, impreciso, objeto de inquietação e prazer. Há uma incessante busca pela correspondência de sentidos na arte e é através de aliterações, repetições, bem como da própria estrutura frasal do texto, que atinge,

⁵ SOUSA, *Obra completa*. Organização, Andrade Murici; atualização Alexei Bueno. – Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995, p. 667-668.

literariamente, a liberdade com que tanto sonhou, pois poesia e prosa mesclam-se de forma indissolúvel.

Não encontro dificuldades para classificar as obras em prosa de Cruz. Compartilho da opinião de Frota Pessoa, ao afirmar que alguém das letras jamais sentiria dificuldades em ler os textos em prosa de Cruz e Sousa, critica os argumentos sustentados por outros críticos de que a obra de Cruz é obscura e incompreensível: “Quem é um entendido em Letras não diz tal cousa, com sinceridade, ou se o diz, não o leu.”⁶

A prosa de Cruz e Sousa surgiu na Desterro, no final do século XIX, quando o escritor assumiu muitos papéis na imprensa local. No jornal *O Moleque*, atuou como redator chefe e, com a colaboração de Virgílio Várzea, publicou, em parceria com este, *Tropos e fantasias*. *Missal* foi a primeira publicação de Cruz e Sousa, em 1893, no Rio de Janeiro e foi alvo de críticas depreciativas em muitos jornais da capital. A temática voltada para o “Mar”, bem como o uso freqüente de símbolos que remetem à cor branca, além, é lógico, do autor ser de Santa Catarina, foram causas da aversão de alguns críticos que já enquadraram o autor e seu livro como trabalho “menor”. Em *Missal*, predominam textos descritivos com algumas características do novo estilo literário: o Simbolismo. Outros, porém, apresentam uma narrativa nada convencional, em que o narrador protagonista aparece na figura do sol, simbolizando o poeta, aquele que ilumina, um iluminado.⁷

Em *Evocações*, última publicação, temos uma prosa mais “madura” do artista. O livro possui textos metalinguísticos e autobiográficos, que mesclam vida e obra de Cruz e Sousa. O poeta inicia o primeiro capítulo com o texto “Iniciado”, traçando características de sua

⁶ *O País*, Rio de Janeiro: abr. 1899.

⁷ Temática do primeiro texto do último livro em prosa: *Evocações*. O poeta é um ser iniciado, um iluminado na arte.

poesia; passa pelo tema da loucura, em “Balada de Loucos” e finaliza com o mais lido (geralmente o único lido) de seus textos em prosa: “Emparedado”. Neste último, simboliza como viveu: entre paredes do preconceito.

Todavia, a prosa de Cruz não se limitou à produção do 1º e último livro publicados. Há cartas, artigos para jornais, crítica literária, contos, crônicas e outros textos que caracterizam um outro artista. Além de apresentar uma breve análise dessa prosa, tenho, como objetivo, cotejar 18 autógrafos de Cruz e Sousa com a publicação de *Obra completa* e de alguns jornais do final do século XIX. Foram feitas fotografias dos manuscritos, e sua (re)transcrição, a fim de apresentar um texto fiel à vontade de seu autor.

O título, *Entre missais e evocações: a prosa desterrada de Cruz e Sousa* deve-se à vida artística do poeta, fadada ao isolamento, enfim, ao desterro, bem como ao fato dos 18 textos em prosa, objetos de pesquisa e únicos manuscritos da prosa à disposição na Fundação Casa de “Rui Barbosa”, terem sido escritos e alguns publicados em jornais entre a publicação de *Missal e Evocações*. Além disso, muitas publicações da poesia sucederam-se, mas a prosa ficou desterrada, isolada, caracterizada, geralmente, como um trabalho menor.

Além de apresentar a transcrição de alguns textos em prosa, procuro contribuir também, para um estudo mais significativo da obra de Cruz e Sousa. Afinal:

as pegadas do escritor encontradas nos manuscritos, deveriam necessariamente romper a barreira da literatura e ampliar seus limites para além da palavra. Processo e pegadas são independentes da materialidade na qual a obra se manifesta e independentes, também, das linguagens nas quais estas pegadas se apresentam.⁸

⁸ SALLES, Cecília Almeida. Manuscrito e escrita. In *Historiografia literária e as técnicas de escrita. Do manuscrito ao hipertexto*. Organização de Flora Sussekind e Tânia Dias. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa: Vieira e Lent, 2004, p. 101.

Esta tese está estruturada em cinco capítulos. No primeiro, apresento um estudo sobre Cruz e Sousa, sua prosa e o Simbolismo no Brasil. No segundo, analiso o único livro em prosa do escritor publicado em Desterro, em 1885, *Tropos e Fantasias* e o primeiro no Rio de Janeiro, *Missal*, em 1893. No terceiro, apresento alguns temas constantes, principalmente, em *Evocações*, mas presentes também tanto na poesia de Cruz quanto nos demais textos da prosa dispersa. Os últimos capítulos são de crítica textual, onde faço o cotejo de dezoito manuscritos em prosa com a publicação destes em *Obra completa*, 1961. Cotejo nove desses manuscritos com suas respectivas publicações em jornais do final do século XIX. Apresento também quatro materializações da prosa de Cruz e Sousa, feitas, exclusivamente para este trabalho, pelo artista plástico Luiz Si.⁹ Proponho, portanto, uma nova transcrição dos dezoito textos em prosa de Cruz, respeitando sua vontade de fazer prosa, muito antes de fazer poesia.

⁹ Luiz Si, Luiz Carlos da Silva, nasceu em São José, Santa Catarina. Estudou no Instituto Estadual Dias Velho, frequentou também cursos de desenho, pintura e xilogravura no MAN (Museu de Arte Nacional) em Florianópolis. Participou de várias coletivas de arte em Santa Catarina, Paraná, Brasília e em Langenhagen, Alemanha e do 2º Salão Jovem do Museu de Arte Contemporânea (MAC), Campinas, e da Pré-bienal de São Paulo. Possui obras expostas em renomadas galerias de arte em muitos estados do Brasil. Foi amigo de grandes artistas como Martinho de Haro, Lindolf Bell, Mario Avancini, Hamilton Machado e outros. Em 1980 Luiz Si assumiu o cargo de professor de desenho e pintura na Casa de Cultura de Joinville. Atualmente, desenvolve importante trabalho no “Projeto de Inclusão pela Arte” nas Escolas da Rede Municipal de Ensino.

Capítulo 1

Cruz e Sousa, um simbolista prosador

“Sempre sol contra sol, sempre sombra contra
sombra, sempre espelho contra espelho.”
(Cruz e Sousa)

1.1 Sobre o Simbolismo

Para entender o surgimento do Simbolismo, faz-se necessário compreender os fenômenos que surgiram em meados do século XIX, como a intensificação da Revolução Industrial, quando o homem buscou explicar a realidade através da ciência. Desde então, Ciência e indústria relacionaram-se. Se, por um lado, houve benefícios inegáveis para a humanidade com a Revolução Industrial e conseqüente avanço da Ciência, por outro, o homem abandonou sua espiritualidade. O pessimismo frente a esse homem aparentemente “sem alma”, possibilitou o surgimento de teorias filosóficas e literárias que buscaram, em uma visão pessimista do mundo, uma resposta e conseqüente saída.

Assim sendo, o homem se condicionou, como as máquinas, afastou-se do mundo interior, da religiosidade, limitou-se. Schopenhauer, filósofo do século XIX, despreza o conhecimento científico e em “O mundo como vontade e representação, ilusão de nossos sentidos”¹⁰, introduz um pessimismo, um culto à dor, um dos temas do movimento simbolista. As contribuições de Bergson acerca da “intuição” e da “duração” (tempo psicológico) também são decisivas.

¹⁰ SCHOPENHAUER, Arthur. *Da morte - da metafísica do amor – do sofrimento do mundo*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

O artista finissecular, conhecido como “decadente”, nessa fuga do real, através de torres de marfim, do hermetismo, do exótico oriental ou reminiscências arcaicas e/ou míticas, introduz uma atitude artificial frente à existência. O Decadentismo foi uma fase de negação, de protesto do individualismo, de reação violenta contra o Positivismo, o Naturalismo e o Parnasianismo, ou seja, a redescoberta do mundo interior e a intuição eram a verdadeira atitude poética. Segundo Massaud Moisés: “O Decadentismo não passou de um estado de sensibilidade, o Simbolismo se transformou numa verdadeira doutrina de arte”¹¹.

Os simbolistas, portanto, negaram o Positivismo, o Naturalismo e o Parnasianismo, devido ao caráter objetivo dessas correntes, e voltaram-se à subjetividade dos românticos, ao “eu” interior de cada ser humano e poeta, ultrapassando a consciência, em busca do “eu” profundo. E:

...quanto mais mergulhavam nele, mais iam atingindo os estratos mentais anteriores à fala e à lógica: invadiam os escaninhos do universo íntimo de cada um, onde reina o caos e a anarquia, em decorrência de ali vegetarem vivências vagas e fluidas, pré-lógicas e inefáveis.¹²

Os precursores da literatura simbolista foram os anglo-germânicos, como Edgar Allan Poe, que valorizou a musicalidade e o sonho; entretanto, foi na França, com Baudelaire, Rimbaud, Mallarmè e Verlaine, que o movimento se consolidou. Sabemos que o Simbolismo francês foi decisivo para o Simbolismo brasileiro, mas há diferenças estruturais entre eles.

Alguns críticos costumam afirmar que o Simbolismo brasileiro distanciou-se do contexto sócio-político, como se o poeta se isolasse totalmente em uma “torre de marfim”. Mas, não é o que acontece com Cruz e Sousa, nosso maior representante, que deixa clara,

¹¹ MOISÉS, Massaud. *Simbolismo*. 3ª edição, São Paulo: Cultrix, s/d.p. 30.

¹² id. ib. p. 34.

em toda a sua produção artística, sua condição racial e social. Ele atuou em vários jornais da época, como *O Moleque* e *A Regeneração*, como um defensor de sua condição social. Em sua poesia e prosa também encontramos marcas desse artista inserido, sim, no meio social.

Algumas características do Simbolismo foram antecipadas pelos românticos, tal como a capacidade sugestiva, a musicalidade e o idealismo de origem platônica. Esta última, definida por Swendenborg, para quem

todas as coisas que existem na natureza desde o que há de menor ao que há de maior são correspondências. A razão para que sejam correspondências reside no fato de que o mundo natural, com tudo o que contém, existe e subexiste graças à Divindade.¹³

O poeta simbolista trabalha com a poesia como um todo. A relação forma/conteúdo, bem como a relação entre suas características são inerentes para uma possível, não necessária, decifração dos versos. Segundo Baudelaire, o poeta deve decifrar símbolos. Já Rimbaud afirma que ele deve ser um “vidente”. Ou seja, o poeta precisa ver além daquilo que foi expressamente dito; fazer associações; estabelecer relações plurissignificativas; tentar exprimir o inexprimível. Para Álvaro Cardoso “Verifica-se que o poeta tenta fazer da poesia meio para chegar ao cerne da vida, que por sua vez, é misteriosa, indecifrável.”¹⁴

O mistério dos versos, das palavras, de sons e a relação intrínseca entre eles caracteriza a poesia simbolista, que vai desencadear-se no vago, no hermetismo, no diáfano.

O Simbolismo, no Brasil, consolidou-se no final do século XIX. Entretanto, sabe-se que tendências desse estilo literário apareceram em outros períodos anteriores, como no

¹³ SWEDENBORG, Emmanuel. *Du ciel et del'enfer*. Paris, E. Jung-Trenttel, 1872, p.64. Apud GOMES, Álvaro Cardoso. *A estética simbolista*. 2ª edição, São Paulo: Atlas, 1994, p.17

¹⁴ GOMES, op. cit. p. 19.

Barroco e no Romantismo. Bastaria citar aqui, por exemplo, alguns sermões conceptistas de Pe. Antônio Vieira.

Na década de 1890, predominava, no Brasil, o estilo realista/naturalista, na prosa, e o parnasiano, na poesia. Mas, alguns escritores, como Cruz e Sousa, Oscar Rosas, Emiliano Pernetá, no Rio de Janeiro, formaram um grupo conhecido como “decadentista”, a fim de manifestar total descontentamento com a literatura predominante, objetiva e cientificista. Esse novo estilo literário opunha-se à objetividade, à exteriorização da corrente realista-naturalista-parnasiana.

Embora houvesse essa nova tendência literária, os estilos se entrecruzavam e aconteceram paralelamente, não havendo, portanto, uma data precisa para o término de uma e outra escola. Massaud Moisés¹⁵, todavia, data como término do Simbolismo brasileiro, a publicação de *Canaã*, em 1902. Já outros, a semana de arte moderna em 1922. O início do mesmo data de 1893, ano de publicação de *Missal e Broquéis* de Cruz e Sousa, o que não intimidou a produção realista-parnasiana. Segundo Afrânio Coutinho:¹⁶

Resultou que, como movimentos poéticos, o Parnasianismo e o Simbolismo, fenômenos literários diversos na atitude espiritual, na linguagem geracional e no estilo de expressão, permaneceram muito tempo ora paralelos, ora misturando-se. Escritores houve que se caracterizam pelas impregnações parnasianas e simbolistas.

Mas, o que se poderia chamar de Simbolismo? Talvez a resposta esteja no uso do símbolo. Entretanto, nem toda literatura que usa o símbolo pode ser caracterizada como simbolista. “Poderíamos nos ater a uma decisão sensata, que de resto explicaria uma quantidade de experiências cotidianas: o simbólico identifica-se com a existência, em

¹⁵ MOISÉS, op.cit. p.03

¹⁶ COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. 5ª ed. São Paulo:Global, 1999, p. 315.

qualquer linguagem, de estratos de segundo sentido.”¹⁷ Ou seja, o simbólico está na ambigüidade, nos muitos significados de uma palavra.

O Simbolismo buscou na subjetividade, no individual, na sugestão, na vagueza, no mistério, enfim, caracterizar essa “nova” literatura que, ao invés de nomear um objeto, o sugere, o evoca.

A contribuição do Simbolismo para a literatura posterior foi imensa. Os poemas em prosa e o verso livre, por exemplo, fundamentaram a poesia modernista. Além de estabelecer relações com o Parnasianismo e até mesmo com o Romantismo, também é um movimento precursor da escola modernista que se consolida, no Brasil, quase quarenta anos mais tarde. O uso do verso livre, a prosa poética e a poesia intimista são alguns exemplos da força desse estilo literário. Cruz e Sousa é, segundo Ivan Teixeira¹⁸, o verdadeiro criador do verso harmônico na literatura brasileira, teorizado, posteriormente, por Mário de Andrade no “Prefácio Interessantíssimo”¹⁹.

Sendo a vida misteriosa e inexplicável, como pensavam os simbolistas, era natural que fosse representada de maneira imprecisa, vaga, nebulosa, ilógica, ininteligível e obscura.

No Brasil, o Simbolismo foi abafado pelas tendências dominantes e seus adeptos foram tachados de nefelibatas.²⁰

Segundo Edmund Wilson, há duas correntes no Simbolismo francês: a sério-estética, da qual fazem parte os poetas Baudelaire, Verlaine, Mallarmé e outros, e a coloquial-irônica, com Tristan Corbière e Jules Laforgue, esta totalmente desconhecida no Brasil. Na sério-

¹⁷ ECO, Umberto. *Sobre a literatura*. 2ª edição, Rio de Janeiro:Record, 2003, p. 135

¹⁸ SOUSA, Cruz e. *Missal e Broquéis*. Organização e preparação do original, Ivan Teixeira. 1ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. XI.

¹⁹ MOISÉS, op.cit.p.321e322.

²⁰ id.ib. p.323.

estética encontram-se duas ramificações: a construtivista, de inspiração mallarmaica, e a neo-romântica, verlainiana. Cruz e Sousa representa esta segunda tendência, fruto da constante carga autobiográfica de seus textos.²¹

Torna-se, num primeiro momento, difícil caracterizar o Simbolismo, se partirmos, por exemplo, do nome deste estilo literário, pois, a princípio, toda arte é simbólica. E é justamente por esse motivo que Massaud Moisés afirma que nenhuma escola literária foi mais literária que o Simbolismo. Para comunicar essa busca do mais profundo sentimento, os simbolistas criaram uma nova linguagem, através de uma gramática psicológica, numa sintaxe psicológica e num léxico adequado à comunicação.

Os simbolistas compreendem que a poesia não é somente emoção, amor, mas tomada de consciência desta emoção; que a atitude poética não é unicamente afetiva, mas ao mesmo tempo afetiva e cognitiva.²²

Ou seja, é uma arte da intuição que busca, na sugestão, na evocação, a “tradução do sentimento”, aquilo que foi redescoberto lá no “eu profundo”. Para alcançar esse significado impreciso e vago, o símbolo significa a tentativa de “representar” metaforicamente todo o conteúdo vago e multitudinário do mundo interior do poeta. Por isso, o símbolo, associado à música, forma uma perfeita simbiose; e é mais do que uma convergência de caminhos: é uma iluminação.

Na década de 80, século XIX, foram publicados muitos textos e poemas em jornais que pré-anunciaram o Simbolismo no Brasil. Publicações de Medeiros e Albuquerque, Araripe Júnior, Nestor Vítor, Gama Rosas e Emiliano Pernetá são alguns exemplos.

Em 1890, Cruz e Sousa transfere-se definitivamente para o Rio de Janeiro e torna-se repórter da *Folha Popular*, e reúne o primeiro grupo de poetas simbolistas: Bernardino

²¹ SOUSA, *Missal e Broquéis*, op. cit. p.XV.

²² MOISÉS, op.cit.p. 35.

Lopes, Emiliano Pernetta e Oscar Rosa. Em seguida, surgem os “novos”: Carlos D. Fernandes, Tibúrcio de Freitas, Nestor Vitor, Maurício Jubim e Arthur de Miranda, que foram cruelmente criticados nos jornais e mal se defendiam. “O grupo simbolista, liderado por Cruz e Sousa, olhava de viés o grupo parnasiano, chefiado por Olavo Bilac.”²³

Cruz e Sousa liderava a fase combativa do movimento simbolista, que se expandiu com a publicação de *Missal e Broquéis*, em 1893, mas que apenas cinco anos depois se fecha, com a morte do poeta. Segundo Massaud Moisés, depois da morte de Cruz e Sousa “houve uma completa demolição do Simbolismo enquanto movimento coeso e diferenciado.”²⁴

1.2 Cruz e Sousa e a prosa simbolista no Brasil

Para estudar a prosa simbolista é necessário diferenciar o conteúdo da prosa do conteúdo da poesia. No final do século XIX, no Brasil, o gênero narrativo consolidou-se definitivamente nos romances e contos de Machado de Assis. Como enquadrar uma prosa intimista, que possuía características do gênero lírico, quanto ao conteúdo, mas que a forma aproximava-se do gênero narrativo? Alguns elementos dessa narrativa estão diluídos e podem, algumas vezes, ser identificados, como o espaço, o tempo, o narrador. Como em *Umbra*:

Volto da rua.
Noite glacial e melancólica. Não há nem a mais leve nitidez de aspectos,
porque nem a lua, nem as estrelas, ao menos, fulgem no firmamento.
Há apenas uma noite escura, cerrada, que lembra o mistério. Faz frio²⁵.

Predomina, na maioria dos textos, o que poderíamos chamar de descrição filosófica. São textos que se encontram entre o lirismo e a filosofia. Ou seja, “falar em prosa simbolista

²³ MOISÉS, op.cit. p. 63.

²⁴ id. ib. p. 65.

²⁵ SOUSA, Cruz e. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995, p. 495.

semelha uma impropriedade ou põe de manifesto uma dubiedade”.²⁶ Não é apenas uma questão de tipologia textual, mas sim de gênero. Não cabe um “ou” (poema ou prosa). Cabe um “e”. Ou seja, é um poema e uma prosa paralelamente. Podemos dizer que é uma correspondência fundamental entre eles, de forma que seja impossível separá-los e classificá-los. É válida, portanto, uma nova categoria de gênero literário, a prosa poética.

Para Suzanne Bernard:

Trata-se, na realidade, de um gênero distinto, não híbrido a meio caminho entre a prosa e verso, mas um gênero de poesia particular, que se utiliza da prosa rimada para fins estritamente poéticos, e que lhe impõe por causa disso uma estrutura e uma organização de conjunto, cujas leis devemos descobrir: leis não somente formais, mas profundas, orgânicas, como todo gênero artístico verdadeiro.²⁷

Podemos, portanto, afirmar que o Simbolismo, no Brasil, assim como na França, se caracteriza contraditoriamente, pois a forma dos sonetos, principalmente dos poemas de Cruz e Sousa, está presa ainda à tendência parnasiana, havendo uma alteração apenas no conteúdo e na linguagem. O último livro escrito pelo autor, *Últimos Sonetos*, exemplifica o que afirmamos. Em relação à prosa, alguns críticos dizem que, quanto mais poética for, mais simbolista. Tal observação é válida apenas para as características internas do texto, que identificam o estilo em questão, como o uso de aliteração, sinestésias, maiúsculas alegorizantes, vagueza e outras. Em relação ao conteúdo, a busca pelo indefinido, a sugestão, em oposição à descrição feita dos poetas parnasianos.

O poema em prosa pertence, portanto, a duas categorias literárias ao mesmo tempo. Para Massaud Moisés, é mais poesia que prosa, pois:

Se o Simbolismo, por seus axiomas, constitui um movimento literário substancialmente poético, infere-se que só a poesia tem cabida em

²⁶ MOISÉS, op. cit. p 215.

²⁷ BERNARD, Suzanne. Apud MOISÉS, op. cit., p. 219.

qualquer estudo que se empreender a respeito. Noutros termos: para ser simbolista, uma obra deve ser poética, por imposição mesma das doutrinas que os adeptos do movimento defendiam apaixonadamente.²⁸

Acreditamos que a prosa de Cruz e Sousa não possa ser definida de forma generalizada, pois seus textos são bastante diversificados. Há também um distanciamento grande entre *Missal* e *Evocações*, principalmente no que se refere ao eixo imagético e temático dos textos. Dizer, portanto, que *Missal* e *Evocações* são textos em prosa, não é novidade. Seria incorreto afirmar que pertencem ao mesmo gênero. Os dezoito textos transcritos,²⁹ posteriormente, são muito heterogêneos, tanto quanto à forma como quanto ao conteúdo, assim como outros de sua prosa que ficaram à margem. Alguns poderiam ser inseridos em *Missal*, outros em *Evocações*, e outros, ainda, em um outro livro sem uma classificação quanto ao gênero.

Quando Cruz e Sousa publicou *Missal*, tornou-se guia dos jovens fascinados pela novidade. Andrade Murici cita um número bastante grande de escritores que fizeram poemas em prosa, como Cabral de Alencar, César de Castro, Colatino Barroso, Oliveira Gomes, Nestor de Castro, Júlio Pernetá, Dario Veloso, Antônio Austregésilo, Pedro Vaz, José Vicente Sobrinho e outros. Mas, o poema em prosa foi introduzido por Raul Pompéia, que publicou *Canções sem Metro*. Teve também grande influência, no autor de *Missal*, a publicação de *Gouaches – estudos e fantasias*, em Lisboa, em 1892, de João Barreira.

Foi, portanto, o poeta desterrense quem consolidou a prosa poética na literatura brasileira, imprescindível, futuramente, à poesia e prosa modernistas. Esse fato deve-se ao

²⁸ MOISÉS, op. cit. p. 218.

²⁹ Capítulo 4.

poeta empregar nesses textos, um verbo incandescido e ágil, nada freqüente entre os nossos simbolistas.³⁰

A correspondência entre poesia e prosa, na obra do poeta Cruz, caracteriza-se por uma singularidade jamais encontrada em outro escritor brasileiro. Talvez porque os limites entre um e outro gênero não só se confundem, mas se complementam. Talvez também porque seja um erro querer separá-los, pois essa tarefa há muito já foi abandonada por alguns poucos críticos que buscaram debruçar-se sobre a prosa do poeta. Talvez, ainda, porque o próprio autor não quisesse separá-los, através do uso de um objeto novo, nem prosa, nem poesia.

Para Eduardo Portella,³¹ é importante estudar a poesia e a prosa do autor simultaneamente, para compreender não só o poeta, mas também o prosador.

O fato é que a poesia simbolista de Cruz e Sousa foi canonizada e, hoje, podemos afirmar que continua sendo objeto de pesquisa. Entretanto, sua prosa ficou à margem de uma leitura mais atenta, longe dos “olhos” preconceituosos de alguns críticos que enxergam esse trabalho do autor como literatura “menor”. O resgate desses textos faz-se, portanto, imprescindível, a fim de se conhecer Cruz e Sousa, um poeta, um crítico literário, um escritor, enfim, um leitor de seu tempo.

1.3 A província de Santa Catarina e o processo de aculturação

Na Desterro do século XIX havia poucos letrados e os livros eram raridade. Não contávamos também com uma biblioteca, nem tampouco com uma livraria. Oswald Cabral

³⁰ MOISÉS, op. cit. p.222.

³¹ PORTELLA, Eduardo. In *Jornal do Comércio*, 14 de dez. 1960. Acervo da FCRB, p.334.

conta que os primeiros livros a chegar aqui, foram uma doação do Vice-rei que mandou ao governador para que os vendesse:

Não eram cartilhas, livros de primeiras letras, para *desemburrar* – mas obras mais avançadas, algumas técnicas, outras literárias, que, de graça, os moradores seriam capazes de aceitar, para calçar algum pé de mesa mais curto, em chão desnivelado, mas, pagas, nem para ver as figuras, se é que as tinham, seriam capazes de adquirir.³²

E durante um bom tempo a Desterro viveu inculta, “atrasada” nas artes. Aos poucos as doações foram crescendo e, em 1854 tínhamos uma Biblioteca Provincial³³. Felizmente, no final do século XIX, o povo já tinha acesso a muitos jornais e a literatura, assim como a música, conquistava um público de leitores.

Predominavam, por aqui, poetas do acaso, que tinham como objetivo fazer versos por conveniência; outros buscavam criticar alguns políticos no poder. E foi assim que a sociedade de Desterro desenvolveu-se de forma bastante humorada.

Apesar do acesso tardio à cultura “européia” e da situação de miséria pela qual passava a província, nos primeiros anos do século XIX, houve uma pequena mudança, e a sociedade desterrense tornou-se autônoma como unidade política.³⁴

Na primeira metade do século XIX, a instrução primária no estado era bastante deficiente, sendo que pouca melhora aconteceu nas décadas seguintes; começando a crescer nos últimos vinte anos. Nesse período, a sociedade começou a se organizar e surgiram clubes e sociedades.

Nesse processo de desenvolvimento, a imprensa foi um veículo de culturação, e desenvolveu-se, depois de 1831, “de maneira inconstante, aparecendo, às vésperas dos

³² CABRAL Oswald. *Nossa Senhora do Desterro*. Memória I. p. 83. (grifo meu)

³³ José Coutinho foi o presidente que permaneceu mais tempo no governo catarinense, criou a Biblioteca Provincial, ao sancionar a Lei no. 373 de 31 de maio de 1854. id. ib. p. 97.

³⁴ CABRAL, Oswaldo R. *História de Santa Catarina*. 3ª edição, Florianópolis: Lunardelli, 1987, p. 107.

grandes pleitos numerosos jornais que, passadas as lutas eleitorais, em geral cerravam as suas portas.”³⁵

Alguns periódicos, dependendo do papel que desempenhavam e como o desempenhavam, sobreviveram por pouco tempo. Entre eles, alguns de relativa importância como *O Moleque* (1884-1885), *O Mosquito* (1888-1889), *Matraca* (1881-1888) entre outros. No final do século XIX, já contávamos com um número razoável de escritores, poetas e jornalistas, entretanto :

Apesar do regular número de poetas, da existência de uma Biblioteca Pública e da publicação de numerosos jornais, não havia uma só livraria no Desterro, cujo povo continuava a desconhecer os grandes nomes da literatura nacional e universal, privilégio que só um certo círculo de intelectuais desfrutava.³⁶

Os periódicos eram um meio de informação local e universal. Ora como meio de pura informação, ora como objeto de questionamento, exerceram importante papel na formação sociocultural do povo.

O número de poemas, nos jornais, que visava à crítica de políticos da época e até redatores de outros jornais, é prova de que a imprensa da capital, "foi partidária às vezes, violenta, outras cruel, apesar de bem humorada. Foi uma imprensa desassombrada, viril, apaixonada."³⁷ Ora através de versinhos, ora através de caricaturas, nesses periódicos havia espaço para a literatura.

O Brasil Império foi decisivo para a imprensa catarinense, pois nesse período ela se consolidou, saindo de sua fase transitória. Os periódicos estavam ligados a este ou aquele partido político. Devido a esse fator, encontram-se, em grande quantidade, as sátiras

³⁵ id. ib. p. 186.

³⁶ CABRAL, *Nossa Senhora...*, p. 107.

³⁷ CABRAL, *História de...*, op. cit., p. 187.

políticas. Como conseqüência das inúmeras brigas políticas e busca pelo poder, surgiram alguns poemas que caricaturavam adversários da época. As lutas foram constantes, fato este comprovado pelo grande número de caricaturas existentes nos jornais e dos "tipos rimados".³⁸ Ora publicados por conservadores retratando liberais, ora por liberais retratando conservadores, o cômico ganhava espaço nos jornais através de desenhos caricaturados e poemas satíricos, fato que acontecia, também em outras províncias do país.

As críticas não eram feitas somente de redator a redator ou de candidato a candidato. Havia críticas, inclusive ao estilo/escola literária. Em relação a este fato, Oswaldo Cabral nos chama a atenção para os literatos que faziam parte do grupo da "Idéia Nova". Dentre eles figuravam Virgílio Várzea, Santos Lostada, Araújo Figueiredo, Carlos de Farias e Cruz e Sousa. Segundo o estudioso, "os velhos reagiam à guerra que lhes era pelo grupo da Idéia Nova movida."³⁹ Os versos que seguem explicitam este fato:

Quem não sabe fazer versos
Não se expõe a tal perigo.

Para não poder fazê-los
Basta não poder medi-los,
Que alguns ficam como cobras,
Outros parecendo grilos.
(...)

Mas fazer ofensa em verso,
Sem versos saber fazer,
É a maior estultícia
Que se pode cometer.⁴⁰

e ainda:

Ó idiota emproado

³⁸ CABRAL, *Nossa Senhora...*, op. cit. Expressão usada por Oswaldo Cabral: poemas que caricaturavam personagens políticos. Segundo o mesmo: "Não era apenas Silveira de Souza a epigramar adversários. Havia outros poetas, piores mas nem por isso, menos agressivos." p. 131.

³⁹ CABRAL, *Nossa Senhora...*, op. cit., p.132.

⁴⁰ *O Argos*, nº 591, 12 de jun. 1860 - crítica feita a um poeta da época - Major Morávim.

Com pretensões a talento,
 Tu tens o crânio lastrado,
 Ó idiota emproado
 És literato atrasado

E poeta bolorento.
 Ó idiota emproado
 Com pretensões a talento.⁴¹

No artigo, “O franzino poeta e o latinista quadragenário”⁴², Altino Flores fala da crítica que os escritores “novos”, grupo Idéia Nova, faziam aos “velhos”. Em relação a Cruz e Sousa, ele afirma que vontade e coragem não lhe faltaram, mas que o complexo de inferioridade racial tolhava-o. Virgílio Várzea então era quem mais agredia, o alvo dos versos acima era o poeta Eduardo Nunes Pires.

E foi assim que a sociedade catarinense desenvolveu-se, apesar de distante dos grandes centros como o Rio de Janeiro e o jornal foi seu veículo de cultura e diversão. Aprendia-se e divertia-se. Ora através de poemas líricos, trechos de autores consagrados, ora através de triolés, charadas. E foi nesta prática informal do "fazer rir" que nasceram muitos escritores dentro e fora de Santa Catarina.

"A vida literária (e intelectual) do século XIX, portanto, girava em torno de seus jornais. Grande é o número dos editados por aqui (por jornais, entenda-se também semanários ou publicações que aparecem duas ou três vezes por semana). O espaço que a literatura possuía nesses periódicos era enorme. Podemos-se dizer que, sem a literatura, alguns nem poderiam ser editados por falta de matéria... Poemas em quantidade, contos, crônicas, romances em folhetins. E a crítica literária esboçando-se timidamente!"⁴³ Os jornais, além de informar, preocupavam-se, pois, com a literatura local, o que foi muito

⁴¹ *A Regeneração*, 03 de jan. 1884, p. 02. Triolet que Virgílio Várzea endereçou a Eduardo Nunes Pires.

⁴² *Anuário catarinense*. Ano I, no. 1, Florianópolis, jan. 1948, p. 54.

⁴³ MUZART, Zahidé L. Insulano. A crítica a serviço da literatura. *Diário Catarinense*, 23 de jun. 1987, p. 06.

importante nesse nascimento de nossa literatura, compondo os nossos "momentos decisivos."⁴⁴ A grande maioria dos textos de Cruz e Sousa, por exemplo, foram publicados em jornais de Desterro, por exemplo *Regeneração* e do Rio de Janeiro. E aqui, assim como nos demais centros do país, o fazer literário se mesclou ao fazer política.

A imprensa brasileira nasceu sob o signo da repressão e todas as suas lutas pela liberdade de opinião deram lugar a um tipo de imprensa, o pasquim, de características específicas. As razões do aparecimento e do desenvolvimento desse tipo de imprensa residiram na realidade, (...). Não surgiram de desejos, de deficiências dos jornalistas do tempo: brotaram da vida.⁴⁵

Salvo algumas exceções, o fato é que "poucos escritores e críticos ousaram romper com a respeitabilidade beletrista imposta pelos padrões transplantados da Europa".⁴⁶ Imposição e literatura, duas palavras incompatíveis.

⁴⁴ CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira : Momentos decisivos*. 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, vol. 1, 1975.

⁴⁵ SODRÉ, Nelson Werneck. *A História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. p. 96.

⁴⁶ MARTINS, Maria Helena. *A Agonia do Heroísmo* (Contexto e trajetória de Antônio Chimango). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1980, p. 56.

Capítulo 2

A prosa primeira: tropos, fantasias e missais

Que a tua forma seja floresta, seja mar ou
seja céu.
(Cruz e Sousa)

2.1 Entre pontos e vírgulas

A publicação de *Tropos e Fantasias*, em 1885, de Cruz e Sousa e Virgílio Várzea, pela Tipografia da Regeneração, foi alvo de críticas, pois compunha uma prosa diferenciada, tematicamente naturalista, mas que já apresentava algumas características “desconhecidas” para a maioria dos leitores da época. “Pontos e vírgulas” é um dos textos que compõem este primeiro livro. Por um lado foi recebido, pelos críticos de Desterro, de forma bastante positiva. Era um “interessante livrinho”, de dois jovens de “espírito adiantado”⁴⁷. Os dois escritores também sofreram com críticas vorazes, que, segundo Abelardo F. Montenegro, eram “galhofas de Anacleto e Otacílio que zurziam a ‘dinâmica’, vulcânica e jaguárica Escola Evolutiva”.⁴⁸ Anacleto publicou alguns triolés como:

Na gaiola do meu peito
O pássaro da alegria
Canta alegre, satisfeito
Na gaiola do meu peito,
Por isso tornei-me atreito

À vulgar versologia...
Na gaiola do meu peito
O pássaro da alegria.

Ó minha pomba arminosa!
Ó pomba da simpatia!

⁴⁷ Críticas feitas no *Jornal do Comércio*, de 14 de julho de 1885 e *Regeneração*, de 12 de junho do mesmo ano. Apud MONTENEGRO, Abelardo F. *Cruz e Sousa e o Movimento Simbolista no Brasil*. Florianópolis: FCC edições, 1988, p. 37.

⁴⁸ id. ib. p. 37.

Na tua face mimosa
 Ó minha pomba arminosa
 Existe a cor cetinosa
 Da rosa Alexandria!
 Ó minha pomba arminosa!
 Ó pomba da simpatia!

E Otacílio respondeu a Anacleto:

Ó minha galinha sura
 Que mariscas no quintal,
 És branca, amarela e escura,
 Ó minha galinha sura
 A minha faca procura
 O teu pescoço ideal,
 Ó minha galinha sura
 Que mariscas no quintal

Quero comer-te cozida,
 De molho pardo, ensopadas,
 Bem recheada e mexida
 Quero comer-te cozida;
 Pra viver tiro-te a vida,
 Minha galinha pintada;
 Quero comer-te cozida,
 De molho pardo ensopada!

Discordo de Lêdo Ivo quando, na introdução do livro, afirma que há ausência de Cruz e Sousa nos textos de *Tropos e Fantasias*, o primeiro e o único a ser publicado em Desterro. Para o crítico: “Nada nestes textos canhestros, anuncia ou antecipa o que ele haveria de ser.”⁴⁹ Por que exigir do poeta, em sua obra inaugural, o mesmo estilo literário que o imortalizou como grande poeta? Afinal, outros escritores tiveram seus momentos de maturidade, publicando obras “pequenas” se comparadas `aquelas que os imortalizaram, como por exemplo, Machado de Assis.

Por este e outros motivos, os quais destacarei posteriormente, acredito ser *Tropos e Fantasias* obra de grande importância para compreender todo o caminho percorrido por

⁴⁹ SOUSA, Cruz e; VÁRZEA, Virgílio. *Tropos e fantasias* (edição fac-similar). Introdução de Ledo Ivo. Rio de Janeiro/ Florianópolis: ministério da Cultura, FCRB/FCC, p. VII.

Cruz e Sousa; assim como são importantes os poemas publicados pelo autor no jornal *O Moleque*⁵⁰. Neste, Cruz e Sousa não se mostra como um poeta simbolista (ou raramente) com uma linguagem difícil e rebuscada, simbólica, mas com poesias simples sem muitas preocupações estéticas. Cruz e Sousa assume o posto de redator-chefe do jornal em maio de 1885, e utiliza pseudônimos⁵¹ a fim de não comprometer politicamente o semanário. *Tropos e Fantasias* é composto por seis textos de Virgílio Várzea, e seis de Cruz e Sousa. Virgílio Várzea e Cruz e Sousa eram grandes amigos e trabalhavam juntos no jornal *O Moleque*; o primeiro como caricaturista; o segundo, como redator chefe.

Dizer que não há Cruz e Sousa nos textos de *Tropos e Fantasias* não é relevante. O fato é que o leitor precisa ter acesso ao prosador Cruz e Sousa como um todo, não se abandonando sua prosa primeira, já sabendo que todas as outras ficaram à margem. Este livro representa como foi a estréia de Cruz e Sousa como literato, sempre precisando da ajuda dos amigos fiéis que o acompanharam. Esta fidelidade é perceptível em suas cartas, tamanho o carinho com que ele se comunicava com os amigos.

O que falta nos demais livros em prosa de Cruz e Sousa há em *Tropos e Fantasias*: um poeta consciente de sua sociedade, um cidadão observador que questiona, acima de tudo, o que desmistifica aquele Cruz isolado em uma “torre de marfim”. São abordados temas que caracterizam uma sociedade corrompida em diferentes níveis: na religião, na família. De leitura simples, apesar do estilo cultista e conceptista, próprios do barroco.

⁵⁰ Surgiu em novembro de 1884. Jornal de propriedade de um jovem ex-comerciante, português, Pedro Paiva, que, entusiasmado com a vida na imprensa, comprou uma tipografia e litografia, fazendo-se impressor. Era um jornal pequeno, ilustrado litograficamente, publicado semanalmente. Foi a 1ª publicação ilustrada que apareceu na antiga Desterro.

⁵¹ Eram pseudônimos de Cruz e Sousa no jornal: Zé K., Zot, Zut, Zatm Trac, Troc, Coriolano Scevola. Trac e Zé K. eram abolicionistas, fato que Cruz e Sousa, ele mesmo, assumiu apenas no último semanário, com o artigo “Abolicionismo”.

Em “Alegros e surdinas”,⁵² há a descrição da morte de uma criança, da natureza, da primavera. Há, no texto, uma invasão da dor. Já aparecem algumas características da poesia inaugural e simbolista de *Broquéis*: a presença do branco, o uso de sinestésias e aliterações.

Como em:

Cintila, cantava o verde florido dos prados e o azul refrigerante dos céus.
Almas e almas vagavam, como silfos, como asas, como nuvens e nuvens,
pelas zonas consoladoras e luminosas do idealismo.
Trinos e trenós, por tudo.

Uma analogia entre o piano, instrumento musical, e o coração: “o pulso do cérebro artístico” nos é apresentada por Cruz e Sousa em “Piano e Coração” . É um canto à musicalidade, expressa através da melodia do coração e a harmonia do piano:

Pela temperatura e o grau de sentimento de um, o músico estabelece a
proporção do outro.
Um dirige, outro executa.
Um tem a fórmula, outro funciona.
Um é o oxigênio, outro produz o raio.
Coração e cérebro aliam-se, homogeneízam-se.
Assim o piano, eternamente assim.

O narrador nos fala da contrariedade do amor em “A Bolsa da Concubina”.⁵³ O amor faz gigantes e faz anões, ilumina os espíritos nervosos e doentios. Parece um sermão de Pe. Vieira. Há uma reflexão sobre os dois lados do amor: glória e abismo. O narrador conta a história de um casamento feliz entre uma mulher, bonita e bem prendada, com um homem pobre que tinha uma amante. O casamento transforma-se em um inferno: ela envelhece, ele se torna um alcoólatra e os dois perdem um filho.

⁵² SOUSA, Cruz e; VÁRZEA, Virgílio. *Tropos e fantasias* (edição fac-similar). Introdução de Ledo Ivo. Rio de Janeiro/ Florianópolis: ministério da Cultura, FCRB/FCC.

⁵³ Dedicado a Horácio de Carvalho. id. ib. p. 443-448.

A ironia está presente em “O Padre”:⁵⁴ um *abutre de batina*, para quem o narrador deverá escrever um livro de versos que intitulará: *O Abutre de Batina*, que serão versos

puros, alexandrinos, todos iguais, corretos, com os acentos indispensáveis, com aquele tic da sexta, - tipo elzevir, papel melado – e ofereço-to, dou-to. Prescindo dos meus direitos de autor e tu assinas!...

O narrador mostra-se indignado com um padre que, como representante da igreja, deveria estar ao lado dos sofredores e não fazer da igreja “uma senzala, dos dogmas sacros leis de impiedade, da estola um vergalho, do missal um prostíbulo”.

Nesse texto, encontra-se a temática do riso, presente, posteriormente, em muitos de seus poemas em *Broquéis* e em *Faróis* e na prosa de *Missal a Evocações*.

A palavra que ri... de indignação; um riso convulso... de réprobo,
 funambulesco... de jogral.
 Um riso que atravessa séculos como de Voltaire.
 Um riso aberto, franco, eloqüentemente sinistro.
 O riso das trevas, na noite do calvário.
 O riso de um inferno... dantesco.
 Ouves, padre?
 Compreendes, sacerdote!...
 Entendes. Apóstolo?...

Em “Pontos e Vírgulas”,⁵⁵ o poeta implora pela piedade dos homens: “O poeta vos pede pouco, muito pouco.” E finaliza com o texto “Sabiá-Rei,”⁵⁶ em que conta a história de um pássaro que fugiu de uma gaiola aberta, em busca da liberdade da floresta, mas foi morto por um caçador. Para o narrador, o sabiá representa o filósofo da evolução natural, pois é a correspondência entre a beleza de sua cor e seu canto, podendo ser também a ave de luz. O vôo do pássaro o predispõe a servir de símbolo às relações entre o céu e a terra. De um modo mais geral, simboliza os estados espirituais, os anjos, os estados superiores do ser, além da amizade dos deuses para com os homens. Podemos, com certeza, associar o

⁵⁴ Dedicado a João Lopes. id. ib. p. 451.

⁵⁵ Dedicado a Artur Rocha. SOUSA, *Obra Completa*, op. cit. p. 453.

⁵⁶ Dedicado a César Muniz. id. ib. p. 454.

sabiá ao poeta, um homem de luz, que sofre, assim como as aves, com a ingratidão dos homens.⁵⁷

2.2 *Missal: Broquéis* em prosa e em verso

Há um pouco mais de um século foi publicado *Missal*, livro em prosa de Cruz e Sousa que causou estranheza entre os literatos da época, que o enquadraram como literatura menor. A publicação deste livro e de *Broquéis*, em verso, aconteceu por acaso, pois a editora Magalhães e Companhia estava investindo em autores inéditos.

A recepção dos críticos, presos às teorias científicas do século XIX, período em que se consolidava o parnasianismo brasileiro, não foi boa; entretanto, ao longo dos anos, *Broquéis* e *Missal*, as primeiras obras simbolistas, foram reconhecidas, assim como o poeta. Essas duas obras, introdutoras do Simbolismo no Brasil, em 1893, explicavam essa nova estética, que retomava algumas características românticas, repudiadas pelos realistas, como a religiosidade, o individualismo, mas pré-anunciavam uma tendência revolucionária, o modernismo.

Missal, todavia, foi enquadrado como livro de realização insegura, mas apresentava-se como conquista para os versos de *Broquéis*.

A partir de uma leitura atenta de ambos os livros, observam-se algumas características comuns a eles, assim como alguns temas. Mas, são gêneros diferentes e, portanto, qualquer comparação em relação à qualidade poderia discriminá-los. O fato de se encontrarem

⁵⁷ CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, números)* 4ª. edição, Rio de Janeiro: José Olympio, 1991, p. 687-688.

semelhanças entre os dois, a ponto de poder classificar *Missal* como “embrião” dos futuros versos de *Broquéis*, não pode descaracterizá-lo como um livro inovador e original.

Em *Missal*, assim como em *Broquéis*, é forte, por exemplo, o arquétipo do branco e toda a sua simbologia. É constituído por 45 pequenos textos, que tratam de temáticas bastante variadas: a simbologia dos astros, a metalinguagem, as características do novo estilo literário, o monólogo interior e textos “fragmentados”.

O livro começa com uma “Oração ao sol”.⁵⁸ Este é evocado como um Deus, a ouvir as orações do poeta. São muitos os possíveis significados para o sol.⁵⁹ Ele pode ser filho do deus-supremo e irmão do arco-íris; fonte de luz, de calor, da vida. Mas, pode ser também destruidor, além de ser símbolo de ressurreição e imortalidade. Em Astrologia, o sol é símbolo de vida, autoridade, é masculino e representa calor, dia, luz. Nas civilizações pastorais nômades, a dualidade Sol-Lua abrange a dualidade macho-fêmea. No horóscopo, ele representa a opressão social. Pode ainda representar o intelecto.

Enfim, os múltiplos significados para esse astro ambíguo, que se mostra durante o dia e se esconde durante a noite, representam a obra de Cruz, hermética, presa a elementos da natureza, inexprimível e inacessível.

Em Cruz e Sousa, o Sol é um rei-astral, um astro imortal, mas pagão, que simboliza vida e fecundidade. O poeta busca, no sol, amparo para seus textos, pede apoio, para que este o livre de “argumentos coléricos, atrabiliários, como que feitos à maneira de armas bárbaras, terríveis, para matar javalis e leões nas selvas africanas”⁶⁰.

⁵⁸ SOUSA, Cruz e. *Missal e Broquéis* (Organização de Ivan Teixeira). 1ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 03.

⁵⁹ CHEVALIER, op. cit. p. 836-841.

⁶⁰ SOUSA, Cruz e. *Missal e...* op. cit. p. 04

Podemos estabelecer algumas relações entre “Oração ao Sol” e “Antífona”, que representam um manifesto simbolista. Se em *Missal* o prosador ora ao sol, “Espírito de Irradiação”, que ilumine seu pensamento para que não seja tentado pelos “clássicos latins pulvulentos,”⁶¹ as teorias abstrusas, as regras fósseis, os princípios barráquios, as leis de Crítica-Megatério; em *Broquéis*, o eu-lírico canta, através da religiosidade, as características da poesia simbolista, aquela em que há uma harmonia de cores e perfumes, fecundando o mistério dos versos. Ou seja, ambos são um canto à religiosidade, ao caminho de luz, ao sonho, ao simbolismo, enfim.

No soneto “Em Sonhos”,⁶² o eu-lírico afirma que a claridade do luar o faz fecundar sóis e estrelas:

As águias imortais da fantasia
Deram-te as asas e a serenidade
Para galgar, subir à Imensidade
Onde o clarão de tantos sóis radia.

Assim como em “Sonho Branco,”⁶³ o eu-lírico segue, através de um “caminho aromal,” enflorescido, alvo, sereno, límpido, direito, sonorizado por aves, vestido de branco, por uma estrada da morte.

Em *Broquéis*,⁶⁴ os poemas “A Dor”, “Beleza Morta”, “Acrobata da Dor”, “Post Mortem” tratam da temática da dor, assim como em “Dolências”, *Missal*, em que o poeta conversa com um “Tu”, ele próprio, o poeta simbolista. O poeta é um velho cansado, um andarilho que sofre por todos os caminhos percorridos.

No entanto, pela tua retina cansada, desfilará tudo o que tu outrora amaste com intensidade: os ocasos afogueados, de verberações de metal

⁶¹ SOUSA, Cruz e. *Missal e...* op.cit. p. 04.

⁶² SOUSA, *Poesia Completa*, op. cit. p.07.

⁶³ id. ib. p. 11.

⁶⁴ id. ib. p. 13,17,29,28 respectivamente.

sobre o mar e sobre o rio. Os finos frios radiantes, de azul resplandecente. A Lua, como estranha rosa branca, perfumando o ar, derramando lactescências luminosas nos campos alfombrosos. Os navios, as escunas e os iates, todas as embarcações admiráveis, que fazem sonhar, balouçando nas ondas, em relevos nítidos, com gravuras esmaltadas ao fundo dos horizontes.

Tudo o que pensaste, o que trabalhaste pela Forma, com nervos e com sangue; tudo o que te deixou despedaçado, na amargura das lutas com o estilo e com a frase, cantará saudosamente no teu peito, cantará grandioso, solene, como os Salmos de Salomão.⁶⁵

O mesmo encontramos em “Velho”:⁶⁶

No entanto, pelos vestígios supremos, deixados, não só nas rugas da sua face, não só na tristeza e contemplatividade ascética dos seus olhos e até nos caracteres abstratos da Angústia que lhe singularizava o aspecto, como também, em todo o seu vulto fascinante, dominativo e grave, percebia-se o poder e a clarividência transcendental de um Predestinado, de um Inspirado, de um Deus perfeito e sagrado Deus concebido da Dor, alimentado e envelhecido na Dor.

Certo, era ele, o Poderoso da Dor, aquele a quem a Dor avassalara mas não vencera, a quem a Dor ungira, mas não execrara nem banalizara.

Em “Sob as Naves” e “Paisagem”⁶⁷ também predomina a descrição. No primeiro, é descrita uma igreja, e o eu-lírico invade o “templo iluminado” e sonha acordado, vendo a imagem de Nossa Senhora descer do altar e andar em sua direção. Nossa Senhora é caracterizada como uma mulher branca, com olhos azuis que o tentam ao pecado: “Eu sentia, sob aquelas rígidas carnes mortificadas, frêmitos vivos do sangue envenenado e demoníaco do pecado”. No segundo, há a caracterização de uma vila agrícola. Apresenta o deslumbramento do eu-lírico frente à natureza exuberante. Há a caracterização de toda a paisagem: ao lado esquerdo, ao lado direito, de manhã, à tarde. No final da tarde a vila é invadida pela noite, pela cinza, pela morte, pela melancolia, pois a luz, o sol, morre.

⁶⁵ SOUSA, Cruz e. *Missal e...* op. cit. p. 6.

⁶⁶ MV p. 201.

⁶⁷ SOUSA, *Missal e...* op. cit. p. 10 e 13.

A lua é testemunha e companheira de um “Bêbado”,⁶⁸ “Torvo, trêmulo e triste na noite (...)”. Há uma descrição subjetiva em que um “eu” observa a dor de um homem: “um desses seres tenebrosos, quase sinistros, a quem faltou um pouco de graça, um pouco de ironia e riso para florir e iluminar a vida.” O “eu” do observador é invadido pela imagem do observado que o penetra, com toda sua embriaguez, que está diretamente relacionada à dor.

Há que estar sempre embriagado. Tudo está nisto: é a única questão. Para não sentir o terrível fardo do Tempo que lhes dilacera os ombros e os encurva para a terra, embriagar-se sem cessar é preciso.⁶⁹

Em Baudelaire e em Cruz e Sousa, a dor de viver consciente é superada pela dor de viver em estado de embriaguez. Ou seja, a embriaguez é o remédio para os problemas do homem sofrido, mas a embriaguez de qualquer produto, desde que não permaneça são e conscientemente sofrendo. Enfim, é uma forma do artista fugir da realidade, manter-se vivo alienado do que se passa ao seu redor, ou ainda, meio para deixar o poeta florescer seu “eu”.

A metalinguagem é um aspecto observado em “Sabor”,⁷⁰ texto em que o eu-lírico caracteriza a verdadeira arte, aquela que sabe saborear, deixando claro que um sentido apenas não é suficiente para compreendê-la, pois o paladar materializa o pensamento, enquanto o sabor o abstrai.

(...) Não é portanto, suficiente, que se sinta o sabor na boca, que se o examine, que se o depure, que se o saiba distinguir com acuidade, com atilamento. É necessário, indispensável, que, por um natural desenvolvimento estético, se intelectualize o sabor, se perceba que ele se manifesta na abstração do pensamento.⁷¹

⁶⁸ id. ib. p. 18.

⁶⁹ BAUDELAIRE, Charles. *Pequenos poemas em prosa*. Trad. De Dorothée de Bruchard, 2ª edição, Florianópolis: Editora da Ufsc, 1996, p.181.

⁷⁰ SOUSA, *Missal e...* op. cit. p. 21.

⁷¹ id. ib. p. 22.

Através da sinestesia, a palavra é fruto de uma mente que “diamantiza a frase”, da mão que “burila astros” para que a prosa resplenda, cante e sonorize:

O cinzelador mental, que lavora períodos, faceta, diamantiza a frase; a mão orgulhosa e polida que, na escrita, burila astros, fidalgo entendimento de artista, deve ter um fino deleite, um sabor educado, quando, na riqueza da concepção e da Forma, a palavra brota, floresce, da origem mais virginal e resplende, canta, sonoriza em cristais a prosa.⁷²

O vento gelado e soluçante da Morte é companheiro de uma virgem e bela noiva, morta de amor, caracterizada como uma deusa fantástica, loira e pálida, em “Lenda dos Campos”,⁷³ tema também presente em “Beleza Morta”.⁷⁴

De leve, louro e enlanguescido helianto
Tens a flórea dolência contristada...
Há no teu riso amargo um certo encanto
De antiga formosura destronada.

No corpo, de um letárgico quebranto,
Corpo de essência fina, delicada,
Sente-se ainda o harmonioso canto
Da carne virginal, clara e rosada.

Sente-se o canto errante, as harmonias
Quase apagadas, vagas, fugidias
E uns restos de clarão de Estrela acesa...

Como que ainda os derradeiros haustos
De opulências, de pompas e de haustos,
As relíquias saudosas da beleza.

Em “Noctambulismo”, “Fulgores da Noite”, “Ritmos da Noite”, “Aparição da Noite”, temos o tema da noite, que possui múltiplos e ambíguos significados.⁷⁵ Os gregos chamam-na de filha do caos e mãe do céu e da terra. Já para os celtas, é o começo do dia, simbolizando também o tempo das gestações, das germinações, das conspirações. É durante

⁷² id. ib. p. 22.

⁷³ id. ib. p. 23.

⁷⁴ SOUSA, *Poesia*, op. cit. p. 17.

⁷⁵ SOUSA, *Missal...* op. cit. p.25,35, 107 e 120 respectivamente.

a noite que o inconsciente se libera. É ambígua, pois representa as trevas, mas é a preparação para o dia.

Tema presente em *Missal* e em *Broquéis*, a noite está, para Cruz e Sousa⁷⁶, sempre estrelada e acompanhada pela lua. A noite é desoladora. E é durante a noite que o eu-lírico deixa aflorar seus sonhos, que germinam suas idéias. A noite está relacionada aos sonhos, ao pensamento, à tristeza, à morte, à aparição da lua:

E a Noite, que verte fel no espírito, arrebatando-o não sei para que inferno de agitações, não sei para que tercetos Dante, ainda mais pesadas barras de chumbo arroja sobre o florido arbusto da Crença, cujas flores luminosas já a indiferença humana calcou a pés ou a ruidosa, jogralesca multidão dos cafés desdenhosamente cuspiu em cima.⁷⁷

Também em Baudelaire:

Oh, noite! Oh, refrescantes trevas! Vocês são para mim o sinal de uma festa interior, vocês são a redenção de uma angústia! Na solidão das planícies, nos labirintos pedregosos de uma capital, cintilação das estrelas, explosão das lanternas, vocês são o fogo de artifício da deusa Liberdade!⁷⁸

Sendo assim, podemos afirmar que entre *Missal* e *Broquéis* temos uma correspondência acentuada entre prosa e poesia. Se de um lado predomina o mar, como eixo temático da prosa de *Missal*, do outro, temos todo o eixo imagético, através de palavras que remetem ao branco, à purificação, em *Broquéis*. Portanto, o mar é o caminho para o sonho, assim como a prosa, o caminho para a poesia, ou ainda, para um gênero mais completo, a prosa poética.

⁷⁶ Em 1988, a Fundação Catarinense de Cultura, publicou *Sonetos da Noite*, uma seleção de poemas de Cruz e Sousa, com xilogramas de Hug Mund Júnior.

⁷⁷ SOUSA, *Missal*....op. cit. p.109.

⁷⁸ BAUDELAIRE, op.cit. Do texto: “O crepúsculo da tarde”, p. 121.

2.3 Entre o amor e a crítica

A publicação de *Missal* coincidiu com os primeiros anos do Brasil-republicano, período tenso, em que a instabilidade política dificultava o rumo que a literatura tomava. Sendo assim, muitos foram os comentários negativos à obra, mas pior ainda foi o silêncio que se estabeleceu em torno desta prosa, desconhecida, irreverente para olhares preconceituosos e condicionados.

Um dos livros que mais surpresa nos tem causado nestes últimos tempos, é sem dúvida alguma, este que temos aqui sobre a mesa, com o belo título acima de cujos trabalhos são firmados pela pena bastante conhecida e extremamente simpática de Cruz e Sousa.

Não sabemos, portanto, o motivo do *silêncio* que em torno desta obra de arte se fez, *silêncio* imerecido, injusto, que da que pensar e predisporia talvez o seu autor a não mais entreter-se (é um modo de dizer) com a arte, se Cruz e Sousa não estivesse bem compenetrado do valor do seu talento, da sua aptidão para as letras e não soubesse manejar a pena como um verdadeiro burlador da frase que é.⁷⁹

A crítica a *Missal*, nos jornais à época da publicação, dividiu-se. De um lado, alguns - elogios ao “hábil e desconhecido moço”. De outro, textos repletos de preconceito ao escritor de Desterro, apenas uma província do sul do país.

O *Missal* é um livro estranho, de um sabor deliciosamente acre. As sensações exquises que ele traz concretizadas, os sonhos, cujos ideais contornos nele vêm delineados em luz, têm um fundo nebuloso de dolência íntima, de nostalgia vaga.⁸⁰

Já no jornal *Geração*, de 12 de abril do mesmo ano, o redator critica ferozmente o livro: o uso de maiúsculas alegorizantes, o de sinestésias além da temática do mar, uma constante no livro. Percebe-se que o irônico jornalista se prende ao fato do escritor ser de Santa Catarina, pois duas vezes ele faz questão de mencionar a naturalidade do autor de *Missal*, o

⁷⁹ Texto de Santa Rita, que elogia a obra de Cruz, em *Capital*, Rio de Janeiro, 04 de março de 1893. Em 27 de maio do mesmo ano ele volta a elogiar o trabalho do simbolista. (grifos meus).

⁸⁰ O jornal *A Capital*, Rio de Janeiro, 27 de mai. 1893, apresenta uma crítica ao livro *Missal*, publicada no jornal *Diário do Comércio*, de Curitiba.

que caracteriza, certamente, o preconceito: “Bem se vê que é um sutil e quase estranho senteur esse Sr. Cruz e Sousa, que, se não nos enganamos, é santa-catarinense”.

E continua:

Como acima dissemos, o autor parece-nos ser santa-catarinense, essa circunstância, pois, parece atuar na maneira estática e submissa de admirador dominado, pela qual Cruz e Sousa faz invocações ao mar (com M, já se deixa ver), pela qual lhe encontra seduções, poesia e grandeza.

Arthur Azevedo, no jornal *Álbum*, de 10/03/1893, também faz uma crítica irônica ao livro que, segundo ele, não conseguiu terminar de ler, pois não o compreendia.

O Missal, apesar de suas pequenas dimensões, é um trabalho de leitura assentada difícil, ninguém a leva ao cabo de uma, ou mesmo de duas. Foi isso, pelo menos, o que aconteceu conosco, que apenas conseguimos por enquanto vencer-lhe pouco mais de metade. Com tempo e vagar havemos, porém, de chegar ao fim. Deus é grande.

Arthur Azevedo, diretor do jornal *Álbum*, em março de 1893, faz uma crítica bastante feroz a Missal, que, segundo ele, é um livro que possui muitos nervos e poucos músculos, ou seja, como um bife, ele serve mais para mastigar do que para engolir. Não é difícil saber o porquê desta metáfora, pois em meio a prosadores já consagrados pela imprensa, no século XIX, não havia espaço para uma prosa “diferente”, que resgatava alguns conceitos já ultrapassados pelos realistas, como a religiosidade e o subjetivismo, ou seja, com muitos nervos, alimentando muito pouco. Contraditoriamente, tivemos, um pouco antes, uma imprensa ativa, preocupada com a literatura, e que havia consagrado escritores como Olavo Bilac e Machado de Assis.

A crítica, feroz, anula não o movimento nem o autor, mas a obra. Imagine se a importância disso, justamente vinda daquele que na época

era o mais talentoso dos críticos e prioriza o que hoje poderíamos chamar de primórdios da “análise estética”.⁸¹

Ou seja, Arthur Azevedo, irmão de Aluísio Azevedo, busca criticar ironicamente um livro de que sequer havia terminado a leitura. Faltou-lhe sensibilidade, faltaram-lhe os sentidos para o ler *Missal*.

Em *Gazeta do Sport*, de 10 de março do mesmo ano, o redator Athos também critica a difícil compreensão do livro, o que é suficiente para ele considerá-lo “um amontoado de frases difíceis e formadas à força”. A ironia também está presente quando este afirma que, apesar disso, Cruz e Sousa é talentoso:

Realmente, acaba-se de ler qualquer daquelas fantasias não se tira de tamanha série de frases ocas, uma única conclusão sobre o temperamento e índole artística do autor, que se limitou a mostrar que tem talento e vontade de fazer coisas novas.

O crítico finaliza dizendo que é um livro feito por um nefelibata e, portanto, só poderá ser lido por um nefelibata.

A aversão dos críticos a *Missal* prendeu-se mais à temática do livro do que à forma. A temática do mar, também comum em Baudelaire⁸²: “Homem livre, hás de sempre amar o mar./ O mar é teu espelho e contempas a mágoa/ Da alma no desdobrar infindo de sua água./ E nem teu ser é menos acre ao seu abismar”.

Em Cruz e Sousa, não é estranho encontrá-lo em todos os seus livros, pois, o que dizer de um escritor ilhéu? A sonoridade expressa o barulho das ondas que, associada à sua profundidade desencadeia o mistério, fundamental para a poesia e prosa simbolistas. O mar é pura correspondência entre alguns diferentes seres que vivem ora na terra, ora na água.

⁸¹ RABELLO, Ivone Daré. *Um canto à margem – uma leitura da poética de Cruz e Sousa*. Tese de Doutorado. São Paulo, 1997, p. 75. A professora Ivone fala da crítica de José Veríssimo que apenas observa aspectos negativos na obra de Cruz e Sousa, diferente do que faz Araripe, que menciona também o talento do escritor, apesar de destacar alguns “defeitos” de sua obra em prosa.

⁸² BAUDELAIRE, Charles. O homem e o mar. *As flores do mal*. São Paulo: Círculo do livro, s/d.

O mar representa, portanto, um caminho, uma passagem, um devir constante. É um constante retorno. Ele vai e vem, além de despejar “coisas ruins”, purifica, descartando todo “lixo” que nele é arremessado. O mar também é assustador, pois, além de ser o lar e vida de muitos seres, pode representar a morte para o homem.

Ilhéu, pobre, filho de escravos, João da Cruz e Sousa, aguilhoado pelo complexo de inferioridade, encontrava, no mar, um maravilhoso refúgio⁸³.

O amor ao mar e à natureza e seguido pelo amor do poeta ao Sol – sultão dos espaços e sob cuja tutela se colocava.⁸⁴

O mar é, portanto, simbolicamente, um portador de turbilhões de pérolas e turbilhões de músicas. A ambigüidade deste símbolo é uma constante em *Missal*, pois é das luas trágicas e das luas meigas, mas é também, dos sóis purpúreos, sangrentos. O poeta roga ao mar para que conserve sua arte e toda a correspondência de sensações de idéias, de religiosidade e exotismo.

É o mar quem eternizará seu Pensamento, enfim, as páginas escritas. Para lê-las, faz-se necessário um espírito harmônico, para não poluí-las, não manchá-las:

Lá, nessas ignotas e argentadas areias, estas páginas se eternizarão, sempre puras, sempre brancas, sempre inacessíveis a mãos brutais e poluídas, que as manchem, a olhos sem entendimento, indiferentes e desdenhosas, que as vejam, a espíritos sem harmonia e claridade, que a leiam...⁸⁵

O mar está presente em praticamente todos os textos. Encontra-se um ser deslumbrado com a beleza, o mistério, a musicalidade presentes nele. Este simboliza a dinâmica da vida, pois tudo sai e retorna a ele. Pode ser ainda um estado de transição entre as possibilidades informes e as realidades configuradas, sendo, portanto, imagem da vida e da morte. Para os

⁸³ MONTENEGRO, op.cit. p. 22

⁸⁴ id. ib. p.25

⁸⁵ SOUSA,op.cit. p. 516.

místicos, simboliza o mundo e o coração humano, como lugar das paixões. É ainda símbolo das águas superiores, da essência da vida, do nirvana.

Em “Modos de ser”⁸⁶ Cruz e Sousa inicia seu texto com a seguinte frase balzaquiana: “faltariam sempre cordas à lira de uma alma que nunca tivesse visto o mar”. Enfim, o mar é pura correspondência, é ele quem amplia o modo de ser:

Gozar o Mar é viver, sentir a eflorescência da carne, crer nalgum poder forte, e épico que nos encoraje, dê ao pulso e ao cérebro essa poderosa segurança de existir.⁸⁷

A correspondência do sol, da lua, do mar e do céu, também é freqüente. Como em:

Mar das luas trágicas e das luas serenas, meigas, como castas adolescentes! Mar dos sóis purpurais, sangrentos, dos nabalescos ocasos rubros! No teu seio virgem, de onde derivam as correntes cristalinas da Originalidade, de onde procedem os rios largos e claros do supremo vigor, eu quero guardar, vivos, palpitanes, estes Pensamentos, como tu guardas os corais e as algas.⁸⁸

Esse encantamento do “eu-lírico” pelo Mar representa as infinitas possibilidades de vida e de morte, essencialmente ambíguo e, por isso, fascinante. É profundo, mas perigoso.

Em “A Janela”⁸⁹, a contemplação do “eu lírico” do mar é quebrada por alguém, o poeta é impedido de ver o mar, pois a janela foi fechada: “Agora um muro foi enrijecido”.

Podemos interpretar de diferentes formas a cena descrita. Denotativamente, foi erguida uma parede na janela, impedindo-o de olhar o Mar. Conotativamente, a parede pode representar a impossibilidade do poeta sonhar e viver.

Segundo Abelardo F. Montenegro, o poeta encontrava no mar um maravilhoso refúgio.

⁸⁶ SOUSA, op.cit. p. 496.

⁸⁷ id. ib. p.496.

⁸⁸ id.ib. p. 515.

⁸⁹ SOUSA, op.cit.p.493.

“O mar transmitia força às suas ações, vigor à sua vontade”⁹⁰. E ainda: “O mar está ligado à purificação e à ascensão social do poeta, ao seu desejo de triunfo sobre a linha de cor e de classe.”⁹¹

Enfim, através da leitura desses primeiros textos em prosa poética, podemos perceber que é grande o número de características que pré-anunciam o movimento simbolista. O uso de uma linguagem figurada, repleta de significações predomina, além da temática da “dor”, presente em todos os seus livros. Portanto, o Cruz e Sousa de Desterro já alimentava o sonho de fazer uma literatura diferente, através da dor, com dor e para a dor, ou seja, podemos afirmar que todo o sofrimento maior pelo qual passou o artista não se deve à sua cor, mas sim, à sua literatura, que invadia mundos literários bem consolidados, a serviço de uma minoria pensante, branca e dos grandes centros do país.

⁹⁰ MONTENEGRO, op. cit. P. 23.

⁹¹ Id. p. 24.

Capítulo 3

De Faróis a Últimos Sonetos: eterna embriaguez

“Este livro é de mágoas. Desgraçados
Que no mundo passais, chorai ao vê-lo!
Somente a vossa dor de Torturados
Pode talvez, senti-lo e compreendê-lo.
(Florbela Espanca)

3.1 No fim o começo de tudo: a (re)construção de um artista

Paulo Leminski define a vida de Cruz e Sousa através do oxímoro, pois esta é a figura da ironia que, através de palavras contraditórias, procura dizer algo, desdizendo-o. Ou seja, Cruz carregou no próprio nome a dor que o guiou durante a vida e após a morte: a dor de ser negro, pobre, desterrado e simbolista. Podemos acrescentar o fato de Cruz não ter sido criado como um negro, um escravo, e ainda, o fato de ser inteligente e persistente, em uma época onde lugar de negro, para a sociedade em geral, era na senzala, analfabeto e ignorante. Para Celestino Sachet,⁹² Cruz precisou desvendar a cruz de ser João e estar Cruz e Sousa. Portanto, o escritor João da Cruz e Sousa precisou construir-se e reconstruir-se como homem e como artista. Esse processo de difícil alcance só lhe foi possível no plano imaterial, espiritual, pois não houve espaço, nem tempo para Cruz fazer-se notar como “ser humano”, nem valer-se como artista. Esse é o motivo de sua dor, negra dor, que transmuta, dor da alma, eixo temático de seus textos em verso e em prosa. Sendo assim, na prosa de Cruz encontramos o prazer pela dor. Este masoquismo, portanto, refere-se ao plano

⁹² SACHET, Celestino. “A Cruz de Ser João e de Estar Cruz e Sousa”. In SOARES, Iaponan e MUZART, Zahidé Lupinacci (organizadores). *Cruz e Sousa: No Centenário de Broquéis e Missal*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1994, p. 87.

imaterial, a busca pela transcendentalização e sublimação. O desencanto com a vida levará Cruz ao encantamento pela morte, outro tema constante, principalmente em *Evocações*.

João da Cruz e Sousa nasceu em Desterro, a 24 de novembro de 1861. Era negro, filho do casal Carolina e Guilherme, negros libertos. A mãe trabalhava de doméstica na casa de Marechal Guilherme de Sousa. O pai era operário. Como Marechal e sua esposa Dona Clarinda de Sousa não tiveram filhos, afeiçoaram-se ao menino, que recebeu carinhos e mimos especiais. E assim foi, segundo Leminski, criado como branco. E foi em casa mesmo que o pequeno João foi alfabetizado e, aos oito anos, já lia seus versos ao casal. Em 1870, depois da morte do Marechal, Cruz e Sousa foi matriculado no Ateneu Provincial. Quando terminou o curso de Humanidades, começou a ensinar as primeiras letras e escrever para os jornais da época.

Em 1893, o poeta entrou para a Companhia de Teatro Moreira de Vasconcelos, da qual fazia parte a atriz Julieta dos Santos. Era satirizado pelos críticos, que o chamavam de “ilustre literato das cocadas e das laranjas d’umbigo”. Nas excursões que realizou como ponto da Companhia Teatral Moreira de Vasconcelos, tomava parte ativa na campanha abolicionista.

Pode-se afirmar que a publicação de *Missal* e de *Broquéis* está para a morte, assim como a de *Faróis*, *Últimos Sonetos* e *Evocações*, para a vida. A trágica vida e morte de Cruz e Sousa garantiram-lhe um espaço na literatura canonizada brasileira, fato nada incomum em se tratando de reconhecimento, pois grandes nomes da arte tornaram-se ilustres e “bons” após a morte. Com Cruz não foi diferente, mas sua expectativa era das melhores, afinal, para ele, a vida florescia depois da morte.⁹³

⁹³ “Junto da Morte é que floresce a Vida!/ Andamos rindo junto à sepultura./ A boca aberta, escancarada, escura/ Da cova é como flor apodrecida.” Soneto “Ironia de Lágrimas”, de *Últimos Sonetos*. In: *Poesia*

Essa relação morte/vida é muito clara em seus textos, principalmente, nos últimos, em que a dor, uma constante, é o caminho que, acredita o poeta, o guiará à transcendentalização.

A primeira página do periódico *O Debate*⁹⁴, do Rio de Janeiro, notifica a morte de Cruz e Sousa e sua chegada à Central. O jornalista não poupa adjetivos que enaltecem Cruz: “maravilhoso poeta”, “extraordinário artista”. Ou seja, a imprensa que crucificou Cruz nas suas primeiras publicações é a mesma que “chora” sua morte.

No periódico *O Debate*⁹⁵ lê-se:

Deliberou-se ainda levar a efeito a publicação das *Evocações*, para a qual já estavam há muito trabalhando os amigos do poeta, assim como a dos outros dois livros, *Faróis* e *Últimos Sonetos*, que constituem o espólio literário de Cruz e Sousa.

Para isso resolveu-se recorrer ao público, em vez de empreender-se esse serviço sob uma forma toda particular, como até então estava deliberado.

Na reunião de hoje se assentará definitivamente o processo que se deve adotar para tal fim.

Depois da publicação e crítica feroz aos livros *Missal* e *Broquéis*, restaram a Cruz e Sousa poucas páginas em jornais, insuficientes para a sobrevivência do artista no Rio de Janeiro, uma cidade diferente e extremamente “cruel” com os artistas novos.

A redação de *Faróis*, *Últimos Sonetos* e *Evocações* coincide com a morte do pai e a loucura da esposa, Gavita, dois temas determinantes destes três livros, publicados postumamente.

Além da dicotomia morte/vida, a dicotomia vida/obra são eixos temáticos presentes que se chocam com os imagéticos: sonho/dor e arte/loucura.

Completa; introdução e organização de Zahidé Lupinacci Muzart. 12^a. ed. Florianópolis: FCC: RBB, 1993, p. 154.

⁹⁴ Rio de Janeiro, 21 de mar. 1898.

⁹⁵ Idem.

Sendo assim, como um artista de fim de século, “decadente”, Cruz vê, na fuga da realidade, na torre de marfim, no hermetismo, única saída para sua produção artística. Tal característica foi motivo para que alguns críticos analisassem a obra do poeta unicamente a partir do aspecto biográfico, afirmando que Cruz e Sousa não se preocupava com a questão abolicionista, pois era negro, mas agia como branco. Tal observação anula toda a preocupação com a espiritualidade presente na obra de Cruz. Afinal, a literatura tem gênero ou raça? Se um escritor negro precisa se prender a questões relacionadas à negritude, então um escritor branco jamais poderia ter escrito sobre os negros.

O que é marcante, em Cruz, é uma literatura voltada para a espiritualidade. A correspondência de sentidos, presente em seus melhores textos, pode ser repassada para a vida do poeta como uma correspondência entre matéria e espírito, ocupando, assim, contínuos estados de alma, pois, segundo Feidelson Jr: “Enquanto o romântico deseja abandonar a Terra para encontrar Deus, o simbolista deseja encontrar a unidade do material e do espiritual aqui na Terra, de mundo artificialmente dividido”.⁹⁶

Ao analisar alguns aspectos de *Evocações*, Donald Schuler⁹⁷ afirma que o “eu-lírico”, nesse livro, é um novo herói épico que, ao invés de vencer sobre a terra, busca desprender-se dela e aventurar-se às estrelas. Podemos afirmar que esse é um sonho do autor presente já em seu primeiro livro em prosa, *Missal*, que vai crescendo ao longo de todo o seu trabalho. *Evocações*, com certeza, foge totalmente aos padrões pré-estabelecidos pelos literatos da “moda”, antecipando, de certa forma, o movimento de 22: “Se vivesse mais o

⁹⁶ FIEDELSON JR., Charles. *Symbolism and American literature*. 7 ed. Chicago: University of Chicago Press, 1969. p. 56. Apud GOMES, Álvaro Cardoso. *A estética simbolista*. Textos doutrinários. 2ª ed. São Paulo: Atual, 1994, p. 17.

⁹⁷ SCHULER, Donald. A prosa de Cruz e Sousa. *Travessia* (Revista do Curso de Pós-Graduação em Letras), Florianópolis: Editora da UFSC, 1993, p. 190.

poeta talvez houvesse apressado o advento do Modernismo...”⁹⁸ São textos ricos em metáforas, sinestésias, aliterações e, principalmente, musicalidade.

O livro começa com “Iniciado”, texto metalinguístico que caracteriza quem fala: um sofredor. É a dor, a via sacra da dor que fará o artista transcender.

Vem para a Dor, que tu a elevas, purificas, porque tu não és mais que a corporificação do próprio Sonho, que vagueia, que oscila na luxúria da luz, através da Esperança e da Saudade – grandes lâmpadas de luas de unção piedosa, cuja velada claridade tranqüila dá ao teu semblante a expressão imaterial, incoercível, etérea da Imortalidade.⁹⁹

É um texto de pura religiosidade em que convivem o pessimismo e o otimismo e dessa aparente oposição constrói-se o ser. A dor simboliza a luz que o guiará. Está presente a dor de um poeta louco e iluminado.

Se não tens Dor, vaga pelos desertos, corre pelos areais da Ilusão e pede às vermelhas campanhas abertas da vida e clama e grita: quem me dá uma Dor, uma Dor para me iluminar! Que eu seja o transcendentalizado da Dor!¹⁰⁰

Como sabemos, dor não faltava a Cruz e Sousa. A dor do preconceito, de estar à margem, de não ser reconhecido, enfim, de não poder ser. *Evocações* é um chamado de recordações. Há um alguém que relembra. O artista é um alquimista, um iniciado na arte entre um Deus, amado, e um diabo, temido.

Se havia dúvidas quanto ao gênero de *Missal*, por possuir características poéticas, em *Evocações* podemos dizer que este problema se intensifica. É um texto que se aproxima ainda mais da poesia, com o predomínio de substantivos e adjetivos. Enquanto em *Missal* predominam textos descritivos, em *Evocações* há filosofia. O artista é, antes de tudo, um ser pensante. Há alguém que questiona constantemente a arte, a morte, a loucura, a vida,

⁹⁸ PIERRE, Arnaud. *Correio da Manhã*, 18/11/1961.

⁹⁹ SOUSA, Cruz e. *Evocações*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1986, p. 18.

¹⁰⁰ id. ib. p. 17.

enfim. Ou seja, *Evocações* é um livro que inicia um novo gênero literário, avesso a todos até então existentes, e finaliza a produção de seu autor.

Em *Evocações* o artista apresenta-se como um iniciado na arte e na vida, mas finaliza o livro emparedado. O narrador é um peregrino em busca do sonho; é “um errante da dor”. A dor e a arte o levarão até a morte, portanto, sente-se atraído pelo mistério da vida, mas magnetizado pelo da morte. Enfim, o artista é um masoquista que deseja a dor.

E são diversas as dores desse artista, mas a dor mais intensa é a dor negra (“Dor negra”) – que de tão intensa deixa de ser dor, como se transmutasse do material para o imaterial. É tão venenosa e formidável, que só ela bastaria para fazer enegrecer o sol, ou seja, seria capaz de modificar a natureza:

Que as estrelas e as pedras horrivelmente mudas, impassíveis, já sem dúvida que por milênios se sensibilizaram diante da tua Dor inconcebível, Dor de tanto ser Dor perdeu já a visão, o entendimento de o ser, tomou de certo outra ignota sensação de Dor, como um cego ingênito que de tanto abismo ter de cego sente e vê na Dor uma outra compreensão da Dor e olha e palpa, tateia um mundo de outra mais original, mais nova Dor.¹⁰¹

A dor está diretamente relacionada à sublimação, à espiritualidade. Os textos “Região Azul” e “Asas” intensificam essa temática. No primeiro, temos imagens sinestésicas da cor azul que, simbolicamente, significa a mais profunda, imaterial, fria e pura das cores. “Imaterial em si mesmo, o azul desmaterializa tudo aquilo que dele se impregna.”¹⁰² É o caminho do infinito onde o real se transforma em imaginário, ou seja, o caminho da divagação, quando escurece torna-se o caminho do sonho, associado ao vermelho e ao ocre

¹⁰¹ id. ib. p. 122-123.

¹⁰² CHEVALIER, Jean et GHEERBRANT, Alan. *Dicionário de Símbolos*. 4ª edição, Rio de Janeiro: José Olympio, 1991, p. 90-91.

amarelo, manifesta as hierogamias ou as rivalidades entre o céu e a terra; mundo e arremesso da alma liberada em direção a Deus.¹⁰³

Em “Asas”, o artista procura definir esta palavra que, para ele representa “o desejo , o Sonho, o Pensamento, a Glória...”¹⁰⁴ A forma da asa está relacionada à forma da arte simbolista, a arte da música: “As asas são, antes de mais nada, símbolo do alçar vôo.”¹⁰⁵ Na tradição cristã, as asas simbolizam o espírito. Na bíblia, são símbolos constantes da espiritualidade, ou da espiritualização dos seres que a possuem, dizem respeito à divindade.¹⁰⁶ Portanto, as asas exprimem uma elevação ao sublime, um impulso para transcender a condição humana.

De um lado, busca pela sublimação, de outro, as tentações do mundo terrestre que desviarão o artista do seu caminho. Em “Sonambulismo”, o narrador divaga, à noite, deslumbrando a lua e entre o bem e o mal, vê-se perdoado por Cristo e purificado. Ele, o narrador, é um “médium”, um sensitivo que, iluminado por Deus, encontra-o e recebe o alívio divino necessário. Todavia, este mesmo Cristo do bem, vira do mal e torna-se satânico. Neste texto, temos o contraponto entre a justiça terrena – injusta – e a divina. O artista busca o perdão divino, pois sabe que não alcançará o perdão terreno.

Perdemos, portanto, a distinção entre o Deus do bem e o Deus do mal, que se tornam um. “Satã era Lúcifer, o mais belo dos Anjos, Anjo da luz. Satã foi o símbolo da Revolta e da liberdade, a liberdade absoluta, sendo uma reivindicação de si mesmo contra Deus.”¹⁰⁷

¹⁰³ id. ib. p.138.

¹⁰⁴ id. ib. p.138.

¹⁰⁵ DS, op. cit. p. 90-91.

¹⁰⁶ DS, op. cit. p. 90-91.

¹⁰⁷ *Travessia* – Revista do Curso de Pós-Graduação em Letras. Edição organizada por Zahidé Lupinacci Muzart. No. 26, Florianópolis: Editora da UFSC, p. 137-138.

Este satanismo em Cruz, freqüente também em Baudelaire, diz respeito ao mundo metafórico, criado pelo artista, que cria seu próprio mundo, pois o seu está “desgovernado” Segundo Simone Rufinoni, o satanismo em Cruz possui uma face mais abrangente, que é a do clamor às potências do mal e a das imagens negras articuladas à escvraidão.

O erotismo, em “Tenebrosa”, mostra-nos um artista sedento por amor. O desejo por uma mulher, o amor carnal:

Assim amar-te e assim querer-te – nua, lúbrica, nevrótica, como a magnética serpente de cem cabeças da luxúria – os olhos livorescidos, como prata embaciada; a fila rutila dos rijos dentes claros cerrada no deslumbramento, no esplendor animal do coito; os nervos e músculos contraídos e os formosos seios de cetinoso tecido elevados como dois pequenos cômoros negros, cheios de narcotismos letais, impudonorosamente nus – nus como todo o corpo! – excitantes, impetuosos, tensibilizados e turgescidos, na materna afirmação sexual do leite virgem da procriação da Espécie! E que a tua vulva veludosa, afinal! vermelha, acesa e fuzilante como forja em brasa, santuário sombrio das transfigurações, câmara mágica das metamorfoses, crisol original das genitais impurezas, fonte tenebrosa dos êxtases, dos tristes, espasmódicos suspiros e do Tormento delirante da Vida; que a tua vulva, afinal, vibrasse vitoriosamente o ar com as trompas marciais e triunfantes da apoteose soberana da Carne!¹⁰⁸

Em “Adeus”, o poeta vê-se embriagado por um amor não correspondido, despede-se deste amor que ele abandona ao esquecimento: “Fujo arrebatadamente de ti, levando para desertos áridos, sáfaros, longínquos, às regiões do Esquecimento, lá, muito para lá da monstruosa Terra, o único talismã precioso que me deste – a Dor!”¹⁰⁹

A mulher aparece, em *Evocações*, desde: virgem, dominadora, triunfal – de Seráfica, a grávida, mãe de “Mater”.¹¹⁰ O narrador de “Sensibilidade”¹¹¹ encanta-se com a velha Lúcia, com quem, apesar das rugas, identifica-se, pois ela é a personificação da dor. Para Marie

¹⁰⁸ Sousa, op. cit. p. 107-108.

¹⁰⁹ SOUSA, Cruz, op. cit. p. 102.

¹¹⁰ id. ib. p.40 e 41.

¹¹¹ id. ib. p. 128

Helene,¹¹² Cruz privilegia a mulher morta, a velhice, a múmia. Há uma morbidez poética nos versos de “Caveira” ou “Visão da morte”, que se repetem em “Mater” e “Seráfica”. Todavia, as mulheres simbolizam para o artista apenas um elemento de sugestão estética.

3.3 De pedras, risos e dor

A metáfora da pedra perpassa toda a obra de Cruz e Sousa, de *Missal a Evocações*, de *Broquéis a Últimos Sonetos*, ou seja, da poesia à prosa. Especificamente, em *Evocações*, vida e obra de Cruz mesclam-se, assim como os sentidos, como um sonho confuso e nebuloso. Como a situação do poeta no Rio de Janeiro não estava fácil, não são poucos os obstáculos a serem transpostos. Portanto, a dicotomia pedra-dificuldade versus sonho-vida é uma constante. De um lado, há pedras, de outro, dor. O riso aparece como um elemento mediador, como objeto de catarse, para rir na alegria e na dor.

E foram, sim, muitas as pedras no meio do caminho: sua situação social, sua raça, sua poesia, sua doença e, naturalmente, sua cidade, Desterro, uma província fora do eixo cultural importante da época. Cruz foi um homem emparedado. Em “Emparedado”¹¹³, suas últimas palavras foram:

E, mais pedras, mais pedras se sobreporão às já acumuladas, mais pedras, mais pedras... Pedras destas odiosas, caricatas e fatigantes civilizações e sociedades... Mais pedras, mais pedras! E as estranhas paredes hão de subir, subir, subir mudas, negras, terríficas! Hão de subir, subir, subir mudas, silenciosas, até as Estrelas, deixando-te para sempre perdidamente alucinado e emparedado dentro do teu sonho...

A ambigüidade da pedra em Cruz está diretamente relacionada ao sonho, única saída para o poeta “fugir” de seu trágico destino de homem negro, pobre, simbolista e

¹¹² TORRES, Marie-Helene. “O Satanismo em Cruz e Sousa e Baudelaire”. In: SOARES, Iaponan Soares e MUZART, Zahidé Lupinacci (organizadores) *Cruz e Sousa: no centenário de Broquéis e Missal*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1994, p.65-71.

¹¹³ SOUSA, op. cit. p. 391.

provinciano. Ele encontrou dificuldades em seu caminho, mas também foi uma pedra na estrada de alguns literatos da época, quando inaugurou uma nova maneira de fazer literatura.

Não havia, pois, no século XIX, lugar para um poeta com o perfil de Cruz e Sousa, ou seja, ele estava fora dos padrões pré-estabelecidos pela elite literária da época, ou seja, os realistas, principalmente os poetas parnasianos. Em meio a poetas tradicionais, como encaixar o poeta desterrense? Não podemos esquecer que, no final do século XIX, a literatura brasileira voltou-se para a ciência, em busca de explicações técnicas e precisas. Como enquadrar um poeta que, além de usar uma linguagem “diferente”, e, muitas vezes, a mesma forma de seus “oponentes”, busca, através da arte, a transcendentalização do espírito.

Um outro significado para pedra, em Cruz, é destacado por Manuel Bandeira, em sua *Apresentação da poesia brasileira*. As pedras são vistas por Bandeira como um caminho para a ascensão de Cruz, pois através delas ele subiu alto: “... ele não ficou emparedado dentro do seu sonho. O seu vulto, a sua voz subiram mais alto e continuam subindo...”¹¹⁴

Tal ambigüidade da pedra pode ser reforçada por sua simbologia. A pedra e o homem apresentam um movimento de subida e de descida. Há a distinção também entre os diferentes tipos de pedra: a bruta, símbolo de liberdade; e a talhada, obra humana e, portanto, símbolo de servidão das trevas. Existe ainda uma relação entre a pedra e a alma. Encontram-se estes diferentes significados para pedra em Cruz e Sousa, pois ao mesmo tempo que ela o encarcera, o instigará para sua ascensão espiritual. Ou seja, estabelece-se aqui a relação matéria *versus* espírito. Enfim, são necessárias pedras para que o poeta alcance as estrelas.

¹¹⁴ BANDEIRA, Manuel. *Correio da Manhã*, Rio, 19 de nov. 1961.

As pedras, em Cruz, estão ligadas a uma revolução interior, onde há uma outra voz: a voz do homem e do poeta que procura unir seus opostos. O homem e artista Cruz e Sousa não é único, mas vários. Ou seja, Cruz perdeu-se entre Florianópolis e o Rio de Janeiro, entre o fazer literatura e o fazer jornalismo, entre ser um poeta parnasiano ou simbolista, entre a poesia e a prosa, entre o ser negro, mas ter sido criado como um branco. Não só na vida, mas na arte ele foi por si só contraditório, e foi aí que ele se encontrou.

Em *Vale quanto pesa*, Silviano Santiago¹¹⁵ afirma que não interessa para Cruz e Sousa a cor da pele. A cor do vocábulo só interessa ao folclorista, antropólogo e poeta branco, pois “As fronteiras impostas pela escravidão passam a ser o verdadeiro muro para o negro, aquele que não o deixa vislumbrar nem o caminho histórico da raça no seu continente, nem o caminho do retorno.”¹¹⁶ Há, portanto, uma cumplicidade entre o escritor e sua arte. É uma literatura do mundo material e espiritual, antiga e moderna. Cruz foi um negro que recebeu educação de branco, segundo Leminski, alguém que precisava equilibrar seus opostos, por ser afro-descendente. Talvez por isso não tenha sido fácil ser Cruz e Sousa, pois “entre rendas e porcelanas, começou sua tragédia pessoal: futura fonte da voltagem de sua poesia,”¹¹⁷ e de sua prosa.

A pedra é, portanto, em Cruz, sinônimo para dor, a dor que alimentará o poeta a ascender. Paralela a esta, encontramos o riso, uma ambigüidade no homem João da Cruz e Sousa, que se traduz em verso e em prosa com a mesma intensidade, sendo um elemento de modernidade. Esta ambigüidade perpassa toda a prosa, especialmente de *Evocações*, pois o riso está mais relacionado ao sarcasmo, à dor, à tristeza, ao medo, do que à alegria. Temos

¹¹⁵ SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa* (Ensaio sobre questões político-culturais). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 121-125. É um estudo comparativo de Silviano Santiago sobre a questão do vocábulo na poesia de Adão Ventura, poeta mineiro, autor do livro *A Cor da Pele* e Cruz e Sousa.

¹¹⁶ id.ib. p. 123

¹¹⁷ LEMINSKI, Paulo. *Cruz e Sousa*. São Paulo: Brasiliense, s/d, p. 18.

uma prosa ligada à idéia de revolução interior, onde há uma voz: a do homem e do artista que procura unir seus opostos. O artista Cruz e Sousa não é único, mas vários, pois segundo Baudelaire, “o artista só e artista sob a condição de ser duplo e de não ignorar nenhum fenômeno de sua dupla natureza”¹¹⁸ e, por este motivo, repleta de traços biográficos de seu autor.

Sendo assim, tanto o poeta quanto sua prosa são ambíguos. Há uma relação de cumplicidade entre o artista e sua arte. É uma arte do mundo material e espiritual, antiga e moderna. É através da temática do riso que o artista expressa, na poesia e na prosa, essa ambigüidade, pois o riso pode expressar tristeza, como no exemplo citado acima, mas alegria também. Segundo Baudelaire:¹¹⁹ “o riso é a expressão de um sentimento duplo, contraditório, e é por isso que causa convulsão. A alegria é uma”. Para este autor, há uma diferença entre riso e alegria. Nos textos de Cruz e Sousa, encontra-se o riso de alegria em menor quantidade, prevalecendo o riso duplo, contraditório. É um riso ambíguo, ligado a dois mundos, que ao invés de se anularem, se completam: o mundo do amor e do ódio, de Deus e do diabo; um riso ligado à dor, ao choro. Baudelaire afirma: *o riso e a dor* “exprimem-se pelos órgãos onde residem o comando e a ciência do bem ou do mal: os olhos e a boca.”¹²⁰ Em Cruz e Sousa, o riso, expresso pela boca, está mais próximo das lágrimas que vêm dos olhos: “E a sorrir e a gemer e soluçando/ ah! Sempre em busca de almas vais andando”.¹²¹

Em *Poesia Completa*, encontramos o riso de diversas maneiras: o riso amargo e diabólico, estando quase sempre ligado ao amor, a um amor trágico e triste. O poeta não ri,

¹¹⁸ BAUDELAIRE, Charles. *Escritos sobre a arte*. São Paulo: Edusp/imaginário, 1991, p. 38.

¹¹⁹ id. ib. p. 38.

¹²⁰ id. ib. p.38.

¹²¹ SOUSA, Cruz e. *Poesia Completa* (Introdução de Maria Helena Camargo Regis). Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina: Fundação Catarinense de Cultura, 1981, p. 125.

sofre com o riso, amargo, acerbo e doente, ligado a dois mundos que, ao invés de se anularem, completam-se: o do amor e o do ódio, de Deus e do Diabo; um riso ligado à dor, ao choro. Em Cruz, bem e mal não se separam. Quem ri? Nos versos: Riem: a múmia: “Ris a punhais de frígidos sarcasmos/ e deve dar congelidos espasmos/ o teu beijo de pedra horrendo e frio!...”¹²², o Cristo de Bronze: “Na rija cruz aspérrima pregado/ canta o Cristo de bronze do Pecado,/ ri o Cristo de bronze das luxúrias!...”¹²³, o bêbado: “Na lama e na noite triste/ aquele bêbado ri!/ Tu’alma velha onde existe?/ Quem se recorda de ti?”¹²⁴, a caveira: “Boca de dentes límpidos e finos,/ de curva leve, original, ligeira,/ que é feito dos teus risos cristalinos?/ Caveira! Caveira! Caveira!!!”¹²⁵. Riem também os pastores e camponeses, um riso sem ânsia, risos frescos: “Podes rir, peitos ufanos/ belas almas feiticeiras,/ vós tendes nos risos lhanos/ o trigo das vossas eiras.”¹²⁶ Percebemos, portanto, que prevalece o riso “duplo”, contraditório, um riso irônico da vida e da morte: rir junto à sepultura, lá onde termina a vida material e começa a morte e “outra” vida, a espiritual.

Segundo Paulo Leminski, Cruz faz um jogo de palavras. A palavra “ri” aparece em muitas outras como frio, tristíssimo, ironia, irradiando-se por todos os poemas. Leminski afirma que Cruz e Sousa projeta a sílaba da alegria dentro do superlativo do seu contrário: um poeta com coração como tragicômico palhaço.¹²⁷ Esse jogo de palavras pode também ser estabelecido na relação rio, verbo rir, 1^a pessoa do singular e rio, substantivo. Ou seja, um riso que se assemelha ao rio e ao mar: o rio leva, mas deixa sempre algo, sendo a

¹²² SOUSA, Cruz e. *Poesia Completa*. Introdução de Maria Helena Camargo Regis. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura/ Governo do Estado de Santa Catarina, 1981. P.07.

¹²³ id. ib. p. 09.

¹²⁴ id. ib. p. 41.

¹²⁵ id. ib. p. 56.

¹²⁶ id. ib. p. 222

¹²⁷ Do poema “Acrobata da dor”: E embora caias sobre o chão, fremente,/ Afogado em teu sangue estuoso e quente,/ Ri! Coração, tristíssimo palhaço. *Poesia completa*. Organização, introdução e bibliografia por Zahidé Lupinacci Muzart. 12. ed. Florianópolis: FCC: FBB, 1993, p. 57.

corrente da vida e da morte. Na junção rio-mar, a ligação doce-salgado, a junção dos opostos, o acesso ao nirvana.

Este mesmo riso é encontrado na prosa de *Tropos e fantasias a Evocações*. Em “O padre”,¹²⁸ ri o padre escravocrata, temos, portanto, em *Tropos e fantasias*, um riso convulso, réprobo, funambulesco:

Um riso que atravessa séculos como Voltaire.
Um riso aberto, franco, enloquentemente sinistro.
O riso das trevas, na noite do calvário.
O riso de um inferno...dantesco.

Este riso está associado ao chicote que um padre escravocrata utiliza para açoitar homens, mulheres e crianças negras. Em “Oração ao sol” e “Noctambulismo”, temos dois risos diferentes. No primeiro, o narrador clama por um riso que se alastre, se disperse pelo Universo e o faça subir lá onde encontra-se o Sol. É o riso bom, associado ao sonho, à felicidade, enfim:

Pelo cintilar dos teus raios, pelas ondas fulvas, flavas, ó Espírito da Irradiação! Pelos empurpamentos das auroras, pela clorose virgem das Estrelas, brancas e castas noviças geradas do teu fulgor, faculta-me a Graça real, o magnificente poder de rir – rir e amar, perpetuamente rir, perpetuamente amar.

Mas, no segundo, temos o mesmo riso que predomina em *Evocações*, a risada de tristeza, venenosa. O mergulhador, na noite, ri uma risada aguda e acerba.

E é em *Evocações* que ele aparece com mais intensidade e frequência. E quem ri em *Evocações*? Riem os ‘fantasmas tenebrosos’¹²⁹, a multidão, que goza com distinções boçais, com a sua celulazinha empírica¹³⁰, ri a tarde¹³¹, riem as bruxas,¹³² “os deuses hirsutos, de patas caprinas e peluda testa cornóide riem, n’uma dança macabra de gnomos,

¹²⁸ *Obra Completa*. p. 449- 450.

¹²⁹ ...as montruosas risadas mefistofélicas doos teus fantasmas tenebrosos são como seres singulares, verdadeiros irmãos da alma. “A noite”, *Evocações*, op. cit. p. 59.

¹³⁰ id. p. 75.

¹³¹ id. p. 149.

¹³² Id. p. 222

cabriolando bizarros,¹³³ o bêbado de “Asco e Dor”.¹³⁴ São risadas mefistofélicas, bufas, mortais aparvalhadas. É o mesmo riso de ironia dos versos: Ironia! ironia! Ironia rindo às gargalhadas no fim da tarde pelas mascaradas obtusas e pela boca parva da multidão que aplaudia truanescamente como o supremo truão eterno.¹³⁵

Há um contraponto entre o rir e o sorrir. Jesus, por exemplo, sorri:

Ah! e como a branda face de Jesus sorria agora para mim com magoado sorriso de piedade; como esse sorriso me acarinhava, derramava perdões e clemências, do alto, sobre minh'alma terrena! Um sorriso da mais bem aventurada bondade, da ternura mais celeste, um sorriso infinito que abrangia toda a amplidão e se confundia com a claridade dormente da noite.¹³⁶ E quando Jesus transforma-se em Lúcifer, o sorriso transforma-se em gargalhada, em risada:

E ainda:

Mas, de repente, como por uma transmutação de mágica, tive um fundo sobressalto; do meio d'aquela espécie de torpor fui violentamente sacudido por uma impressão de deslumbramento, e, então, vi! estupefato, que aqueles divinos lábio lívidos a pouco e pouco se satanizavam e enrubesciam, passava sobre eles um relâmpago de fogo; aquela boca martirizada afinal embriaga-se estranhamente rubra! – e desvairadas gargalhadas vermelhas estalaram e rolaram retumbantemente pelo espaço afora como atroantes excomunhões...

E as estrepitosas risadas rolaram ríspidas, cortadas sangrentamente de sarcasmos e ensangüentando e abalando todo o espaço, como risadas de um Cristo satânico, despenhado e rebelde na eterna confusão dos séculos...

De vez em quando, no diálogo que ia estabelecendo com o outro, a sua boca sorria, n'um sorriso de resignada esperança, de muda contemplação, ou ferida por um sarcasmo tão puramente justo que a idealizava, ria claro, ria, mas um riso leal, bom e regenerante, fresco, balsâmico, capaz de inundar e imacular de bens as milenares e malélicas impurezas do Mundo decaído.¹³⁷

O riso, portanto, está relacionado ao sarcasmo, à sátira, ao preconceito que sofreu o artista em relação à sua obra em prosa. Ou seja, o riso serve também como elemento

¹³³ id. p.233.

¹³⁴ id. p. 145.

¹³⁵ id. p.152.

¹³⁶ id. p.116

¹³⁷ id. p.159.

metalinguístico, é utilizado pelo prosador que busca, através do mesmo riso de desprezo que recebe, devolvê-lo, como forma de defesa:

Riem de ti, acaso?! Pois, então, ri-te tu do riso...A tudo isso, a tudo isso, ri-te, ri-te... Por mais venenos, por mais perversidades, por mais volúpias malignas, por mais crime, por mais vício psíquico que essas risadas possam ter, fica simples e alto, intacto, imperturbável diante de tudo isso e ri-te, – risadas, risadas, grandes risadas vibradas d’alto e ao largo a tudo isso – grandes risadas, grandes risadas!¹³⁸

Nos dispersos também encontramos o mesmo riso. Para Bérqson¹³⁹: “o riso é, antes de tudo, um castigo feito para humilhar, deve causar à vítima dele uma impressão penosa. A sociedade vingá-se através do riso”. Em “Consciência tranqüila”,¹⁴⁰ ri o moribundo escravocrata daqueles que o assistem à beira da morte: “E ele ria alvarmente uma risada amarela e negra, que fazia lembrar o fúnebre caixão que o esperava”. Em “Obsessão da noite”,¹⁴¹ um tartufo ri uma risada de fel, o sol ri sua risada da aurora. E em “O senhor presidente”,¹⁴² ri o seu Barbosa, um riso de escárnio.

Para Raimundo Magalhães,¹⁴³ a preocupação com o riso, nos versos de “Rir”, em Cruz, denunciava uma natureza triste que se repetiria nos versos de “Acrobata da dor”. Mas como afirmamos, o riso está presente também na prosa e não é único, mas ambíguo, pois está relacionado muito mais à dor e tristeza do que à alegria.

¹³⁸ id. p. 185.

¹³⁹ BERGSON, Henri. *O Riso*. 1ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 99-100.

¹⁴⁰ MCT, p. 95.

¹⁴¹ MON, p. 147.

¹⁴² MSP, p. 192.

¹⁴³ MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. *Poesia e vida de Cruz e Sousa*. São Paulo: Editora das Américas, 1961, p.66.

Capítulo 4

Da garimpagem à edição crítica

“Que a tua forma seja floresta, seja mar ou
seja céu!”
(Cruz e Sousa)

4.1 Notas para a transcrição

Este é um trabalho de Edição Crítica que prevê duas etapas: a crítica textual (ou edótica) e a fixação e apresentação do texto com o objetivo de publicação. A partir do cotejo de manuscritos, com publicações em jornais e Obra Completa, procuro mostrar o caminho percorrido por alguns textos em prosa de Cruz e Sousa, do momento de criação até uma das últimas edições. Procuro seguir teoria lachmanniana,¹⁴⁴ ou seja, não alterar o texto original. Segundo Lachmann, na crítica textual não deve haver modificações segundo o arbítrio pessoal, ou seja, não se deve fazer uma crítica subjetiva, mas objetiva, absolutamente científica. Buscarei, portanto, a transmissão de textos “sem contaminação”, tendo, como objeto de pesquisa, os códices (ou manuscritos) particulares de João da Cruz e Sousa. Os manuscritos estão em bom estado de conservação. São textos em papel com 32cm de altura por 11 cm de largura.

O trabalho de garimpagem de um texto requer algum esforço físico, mas traz resultados surpreendentes. A cada supressão, acréscimo, inversão de palavras, desvio ou alteração, surge uma nova possibilidade de leitura. O cotejo dos 18 manuscritos em prosa, de Cruz e Sousa, escritos a mão, trouxe-nos a leitura de um texto mais próximo das intenções iniciais

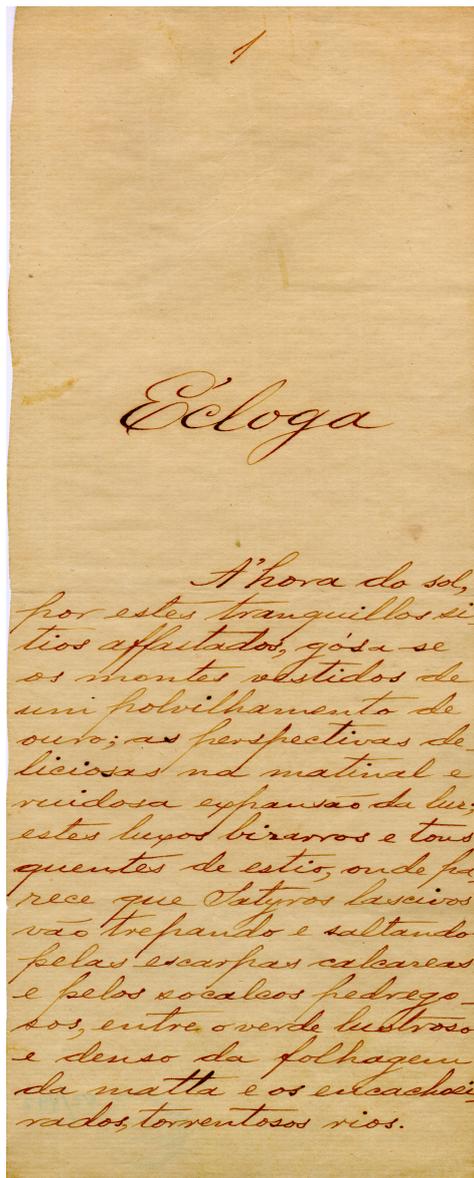
¹⁴⁴ SPINA, Segismundo. *Introdução à Edótica (Crítica Textual)*. 2ª edição rev. e atual, São Paulo: Ars Poetica Editora da Universidade de São Paulo, 1994, p. 76.

de seu autor, ou seja, um texto “sem contaminação”.¹⁴⁵ Procurei fazer uma transmissão vertical,¹⁴⁶ sem alterar o texto original. Através da Crítica Conjectural, procurei, também, datar alguns textos, neste momento. Alguns indícios contribuíram para datação como por exemplo, a data de publicação dos textos em jornais e a caligrafia. Foram mantidos os títulos, as dedicatórias, a identificação de local, data e a assinatura. Todas as páginas dos manuscritos são numeradas, mas não respeito a numeração do original. Para o protótipo houve, num primeiro momento, a reprodução mecânica dos textos (fotografia). Num segundo, efetuei a transcrição direta do manuscrito, para em seguida, cotejá-la com a publicação de *Obra Completa*.¹⁴⁷ Por último, indiquei, em rodapé, as alterações que se fizeram necessárias. Quando há atualização de vocábulos não há indicação no rodapé. Foi respeitada a estrutura dos parágrafos, mas não a disposição das palavras nas linhas.

A grande maioria dos textos apresenta uniformidade em relação à tinta utilizada, predominando a preta, raras vezes encontramos algumas correções, feitas pelo autor, com tintas de outras tonalidades. A grafia, na grande maioria, também é uniforme e legível. Há alguns textos em que a letra está rabiscada, mas legível, principalmente, com o auxílio da informática. A grafia de maior recorrência é a que se registra no manuscrito da próxima página:

¹⁴⁶ Transmissão vertical é quando a transcrição feita deriva diretamente do original, ou do arquétipo, ou ainda, de qualquer apógrafo.

¹⁴⁷ SOUSA, Cruz e. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.



Apresento, portanto, uma cópia fac similar do manuscrito, seguida de sua transcrição. Como não foi possível, em alguns momentos respeitar a paginação original, optei por terminar de transcrevê-las na folha seguinte.

O erros óbvios, *lapsus calami*, foram corrigidos, não havendo necessidade de observação em rodapé. Os erros graves são de supressão de palavras e de trechos de textos originais, que alteram significativamente. Como, por exemplo, o uso da palavra casta por calma (MB), a troca de capacidade por incapacidade (MBSC), de tépidos por tecidos (MA), raro

por vago (MFS), véu por vôo (MNV), verões por serões (Mab), entre outros, os quais apresento em uma tabela de cotejo.¹⁴⁸ Procurei respeitar os parágrafos, bem como o uso de maiúsculas alegorizantes e uso do apóstrofo, além da pontuação, por acreditar que quaisquer mudanças desse gênero alterariam o texto original, por se tratar de textos em prosa poética. As poucas vezes que alterei a pontuação, quando a identifico como “engano” do autor, faço sempre referência em rodapé.

Em *Obra completa*, os dezoito textos são apresentados em “Outras evocações” e Dispersos. O texto “Formas e Coloridos” é formado, segundo os manuscritos, por três textos: “A Abelha,” “Obsessão da noite” (versão 1) e “Obsessão da noite” (versão 2). Em OC são identificados como textos de Formas e Coloridos: “Abelha”, “Obsessão da noite”, “Hora certa”, “Rosicler” e “Beijos mortos”. Já “Biologia e sociologia do casamento” e “Um novo livro” são apresentados em dispersos.

Depois de muitas leituras e pesquisas sobre Cruz e Sousa, pensava em trabalhar apenas com sua prosa “canonizada”, representada pelos livros: *Missal e Evocações*. Tinha, como principal objetivo, analisar esses textos, buscando, na prosa, um entendimento e uma correspondência para a poesia de Cruz e Sousa. Mas, ao chegar à Fundação Casa de Rui Barbosa, em março de 2004, fiquei surpresa com o acervo de Literatura Brasileira. Buscava os manuscritos da prosa de Cruz e Sousa, à disposição para pesquisa. Ao checar o inventário de Cruz e Sousa, tive acesso a um precioso material que traduz parte da vida e da obra do grande simbolista. São cartas, artigos, textos em prosa e poesia que nos apresentam um homem ainda mais amargurado pelo destino, são retalhos da vida de alguém que foi muito criticado, mas, muito amado também. Como houve uma edição fac-similar de

¹⁴⁸ 5.2, p. 242.

Evocações,¹⁴⁹ resolvi, então, transcrever os dezoito e únicos manuscritos em prosa, publicados em *Obra Completa*.¹⁵⁰

O cotejo com a publicação foi de grande importância para o estabelecimento de um texto mais fiel à vontade do autor, respeitando-se, logicamente, o trabalho anterior de estabelecimento dos textos.

A transcrição dos manuscritos segue a ordem de catalogação da Fundação Casa de Rui Barbosa. “Beijos Mortos”, “Aroma”, “O Batizado”, “Biologia e Sociologia do Casamento”, “Consciência Tranqüila”, “Croquis d’um Excêntrico”, “Decaído”, “Doença Psíquica”, “Écloga”, “Formas e Coloridos I, II e III”, “Hora Certa”, “Nicho de Virgem”, “Um novo livro”, “Rosicler”, “O Senhor Presidente” e “Velho”.

Efetuiu-se também a transcrição de nove destes textos publicados em jornais do final do século XIX. Quatro deles: “O batizado”, “Doença psíquica”, “Croquis d’um excêntrico” e “Écloga” foram fotocopiados de originais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. O quinto, “Aroma”, foi fotografado de um original existente na Academia Catarinense de Letras de Santa Catarina. “Beijos Mortos”, “Decaído”, “Rosicler” e “Velho” foram fotografados de originais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Como houve alterações significativas, nos textos, procurei apresentá-los a parte. Efetuei, portanto, o cotejo do manuscrito com a publicação nos jornais, obedecendo à data em que foram publicados.

Andrade Murici, em 1978, doou todos esses documentos ao Arquivo do Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, cedido por Nestor Vitor, que o

¹⁴⁹ SOUSA, João da Cruz e. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1986.

¹⁵⁰ _____ *Obra Completa*. Organização, Andrade Murici; atualização Alexei Bueno. – Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

recebeu de Tibúrcio de Freitas e de Gavita, viúva do poeta.¹⁵¹ O inventário de Cruz e Sousa está dividido em séries: correspondências, documentos pessoais e recortes de jornal e produção intelectual. Nesta, encontram-se os manuscritos de *Evocações* e de outros dezoito textos em prosa, além de algumas poesias.

Segundo a professora Eliane Vasconcellos,¹⁵² na edição da *Obra completa* de Cruz e Sousa da Aguilar foram feitas alterações que alteraram o texto original. Algumas “incorreções” justificam-se pela grafia, outras, é provável, por erro de impressão. O cotejo com os jornais permitiu um entendimento melhor dos textos e do autor, assim como ratificaram as alterações efetuadas que prejudicam os textos como um todo, principalmente pela substituição de palavras e supressão de trechos, motivos que justificam uma revisão de obra completa. Tenho, portanto, como objetivo, apresentar um material “vivo”, a essência do poeta, enfim, seus autógrafos. Por uma questão de tempo, procurei analisar e (re)transcrever apenas os dezoito textos em prosa, pois são textos à margem da margem. Afinal, quando se ouve falar na prosa do simbolista, é citado apenas o texto “Emparedado”, que pertence a *Evocações*. É necessário, portanto, trazer ao conhecimento do leitor esses textos que tão bem representam Cruz e Sousa de forma bastante eclética, assim como todo o movimento simbolista, no Brasil, pois apresentam-nos um outro Cruz engajado socialmente.

Enfim, segundo a professora Eliane Vasconcellos, os manuscritos, a correspondência e outros papéis são importantes fontes de estudos da trajetória e da biografia de Cruz e Sousa.

Para o aparato dos textos foram adotadas as seguintes convenções:

¹⁵¹ VASCONCELLOS, Eliane. In *Cruz e Sousa: no centenário de Broquéis e Missal*/ Iaponan Soares e Zahidé L. Muzart, organizadores. –Florianópolis: Ed. Da UFSC, FCC ed., 1994, p.9-10.

¹⁵² Id.ib.

- 1) a primeira nota é sempre precedida de um asterisco e aponta a fonte da transcrição e autoria do texto; a segunda, indica outras publicações;
- 2) a ortografia foi atualizada conforme o sistema vigente, na atualidade, sendo anotadas as formas duvidosas;
- 3) sem risco de alterar o significado procuramos:
 - . simplificar as consoantes dobradas "LL", "CC", "FF", "PP", "NN", como em rebellião, buffo, ineffavelmente;
 - . simplificar os dígrafos helenizantes: "PH", "TH" como em: blasphemias, phantasia;
 - . trocar o "Y" por "I" como em satyro, lyrios;
 - . simplificar os grupos consonânticos impróprios; "CT", "PT", "SC", "BT" como em: electrica, scintillou, subtis;
 - . acentuar graficamente conforme o sistema vigente;
 - . atualizar os ditongos "EO(S)", "IO" e "OA" como em: tricórneo;
 - . atualizar a grafia no que se refere ao emprego de j - c - s - ch - h - s - como em: azas, magestade.
- 4) Utilizei [] para apontar as diferenças entre as publicações.
- 5) A supressão de termos aparece sempre em negrito e entre parênteses (), como em: ...de cérebro (**notável**) fazendo..., fazendo...
- 6) Apresento as alterações seguidas de colchetes, destacando os termos em negrito, como em: "... para o **tecido [tépedo]** enlaçamento dos..."
- 7) Procurei manter a pontuação do autor, quando necessária a alteração, esta foi indicada também em rodapé.
- 8) Mantenho o uso de maiúsculas alegorizantes.

9) Utilizei { } para os vocábulos ou expressões integralmente ou parcialmente ilegíveis.

10) Os acréscimos encontrados em *Obra completa* são apenas destacados apenas em negrito.

11) No caso da troca de ordem das palavras, utilizei o símbolo → como em: Como porém por Porém como.

12) Ao apresentar a fotografia do manuscrito e, ao lado, sua transcrição, as últimas palavras das páginas, quando “partidas”, são transcritas na página seguinte.

13) Utilizando indícios, procurei datar todos os textos (Crítica Conjectural). Indico o provável ano de publicação sempre depois do título, entre parênteses.

14) Na transcrição e cotejo dos nove textos publicados em jornais com os respectivos manuscritos, utilizei os critérios 2, 3, 7, 8, 9 e 11. Apresento também:

- asterisco para indicar a primeira página em que foi transcrito o manuscrito neste trabalho.

a. negrito para os termos acrescentados. Exemplo: *De toda a sua estatura nova, lírial, feita em linhas doces exala-se;*

- [] para as supressões. Exemplo: ...exala-se [brandamente um peregrino] perfume, um aroma delicioso de campo enroseirado, quando o luar acorda as culturas;

b. negrito e [] para as alterações entre os textos cotejados. Exemplo: ... ritmada [entoadá].

c. § e no. de rodapé para aqueles parágrafos que foram suprimidos no jornal.

d. Àqueles parágrafos que foram acrescentados nos jornais, utilizo (§), seguido de nota de rodapé no fim da transcrição.

- e. A cópia do jornal, no verso, é seguida pela transcrição, obedecendo as colunas em que foram editados os textos. As notas de rodapé indicam a diferença entre a publicação do jornal e os manuscritos.
- f. Obedeço à ordem de publicação nos jornais. Os textos: “Aroma”, “Croquis d’um excêntrico”, “Égloga”, “O Batizado” e “Doença Psíquica” são anteriores à morte de Cruz e Sousa; “Decaído”, “Beijos Mortos”, “Velho” e “Rosicler” são posteriores.

4.2 Transcrição e Cotejo dos Manuscritos com Obra completa

1. “Beijos mortos”	p.79
2. “Aroma”	p.81
3. “O Batizado”	p.85
4. “Biologia e sociologia do casamento”	p.89
5. “Consciência tranqüila”	p.95
6. “Croquis d’um excêntrico”	p.118
7. “Decaído”	p.125
8. “Doença Psíquica”.....	p.132
9. “Écloga”	p.135
10. FORMAS E COLORIDOS:	
“A abelha”	p.142
“Obsessão da noite” (v.1)	p.147
“Obsessão da noite” (v.2)	p.150
11. “Fugitivo sonho”	p.154
12. “Hora certa”	p.158
13. “Nicho de virgem”	p.163
14. “Um novo livro”	p.167
15. “Rosicler”	p.188
16. “Senhor presidente”	p.192
17. “Velho”	p.199

1. Beijos mortos (1897)

Para o frio silêncio¹⁵³ do firmamento, para a alta sideração das Estrelas, os beijos de chama que me deste outr'ora subiram mortos, frígidos, glaciais, sem aquele quente, inflamado clarão que os tornava apaixonados.

Foram-se os beijos e tu te foste também com eles, Alma sonora, Carne de perfume e de luz, cujos olhos, de tanto incomparável amor carinhosamente me falavam.

A minha boca, sequiosa e saudosa agora desses beijos que a constelaram, mal pode sonorizar as sílabas de sol – Amor – que

* no. 42491- FCRB – M s/ass, s/loc e c/num. OC p.738.

** *Rosa-Cruz*, RJ, sérieII, fasc.3, ago.1904.

¹⁵³ PARA O FRIO SILÊNCIO... OC.

tão inefavelmente sonorizava.

Foram-se os teus beijos, sumiram-se aqueles astros, que ardiam, e, agora, ei-los, já, frios, lá, acima,¹⁵⁴ no azul esplendor, esparsos no arqueado Azul infinito...

Que brilhem, lá, gélidos, esses beijos mortos, como a serena e sagrada Via-Láctea da Paixão!

Para mim, cá da terra, embaixo, eu os verei e os sentirei ainda palpitar para sempre sobre a minh'alma , purificando-a e iluminando-a, miraculosamente, contra o frio veneno negro da Dor, derramada fundo no meu peito por fulvos e inquisitoriais demônios atropeladamente arremessados à escalada vertiginosa do Mundo!

¹⁵⁴ ... ardiam , e agora, ei-los, já frios, lá acima, no...
(pont.) OC.

2. Aroma (1891)

Manhã clara¹⁵⁵, cristais de luz, que parecem ter finas vibrações de sonoros clarins no ar...

Uma d'essas manhãs líricas, aromadas, de um azul apaixonado...

Alta, loura, esguia, o perfil nervoso, destacado ao sol com a nitidez, a correção de gravura em aço, vem subindo a areada alameda das violetas e jasmims, dos resedás e lilases de antigo parque famoso, na *toilette* fofa e fresca dos climas quentes, meio dia em Dezembro, à fulva irradiação do calor.

De toda a sua estatura nova, lirial, exala-se brandamente um peregrino perfume, um aroma delicioso de campo

*no. 82489 – FCRB – M s/ass, s/loc e c/ num. OC p.703-704.

** *Revista Ilustrada*, no. 626, RJ, ago./1891.

¹⁵⁵ MANHÃ CLARA... OC.

enroseirado, quando o luar acorda as culturas.

As madeixas caprichosas, lânguidas serpentes do sol, preguiçosamente se lhe abandonam, em carícias luminosas, sobre as aladas formas arcangélicas¹⁵⁶ das espáduas de ouro, de marfim e rosa:¹⁵⁷ o colo claro esplende na brancura macia de penugentos veludos, fascinantemente desnudado para o tépido¹⁵⁸ enlaçamento dos braços, para o chamejante estreijamento dos beijos.

Toda a linha suave do seu perfil encanta, atrai os sentidos; enquanto o olfato penetrante, delicado, sutil, talvez por um requinte artístico de sensualidade, busca-a, procura-a, percorre-lhe o corpo todo, a rósea, áurea carne cheirosa, como infinidade de irrequietos e sequiosos faunos.

E tudo o que d'ela vem, a emanação virginal dos seus¹⁵⁹ seios e da sua boca, parece fecundar a luz de frescuras imaculadas, purificar o aroma das Cousas, inebriar o som.

Como que o ar onde cintila a auréola resplandecente da sua formosura recende embalsamado do feno fresco dos prados,

¹⁵⁶ ... formas, arcangélicas, das espáduas... (pont.) OC.

¹⁵⁷ ... de marfim e rosa; o ... (pont.) OC.

¹⁵⁸ ... para o **tecido [tépedo]** enlaçamento dos... OC.

¹⁵⁹ ... virginal dos (**seus**) seios e da....OC.

fica banhado em ambrosias, em nardos, mirras e sândalos orientais.

Experimenta-se rara sensação esquisita, que dilata, tensibiliza os nervos,¹⁶⁰ dá agudas vibratibilidades, intensos espasmos de luxúria, quando o olfato mais a sente, mais se aproxima d'ela, tateando-a, tocando-a, absorvendo-a, como se o olfato só para ela palpitasse...

Há um deslumbramento de gozo, quando, a flor¹⁶¹ decote lácteo do seio, entre os cetinosos rendados e os folhos luxuosos do corpete, um aroma impoluto de aristocráticas magnólias trescala, adocicado e morno.

E há também o mesmo, ou maior deslumbramento ainda, quando, n'uma graça de ave, ela abre, rindo a boca.

Então, não só de boca, não só do seio, como de toda a aveludada alvura d'aquela ser, evola-se um eflúvio

¹⁶⁰ ... dilata, **tensibiliza** [sensibiliza] os nervos... OC.

¹⁶¹ ... de gozo, (quando) à flor do decote...OC.

de forças virgens, a suprema beleza em auroras flavas aflora.

Delgada, ágil, com histerismos de mulher felina, faz idealmente lembrar cinzelada ânfora d'incenso, marchetado turíbulo de prata, de onde, para o alto, alam-se claros, alvos fumos puríssimos e sacros...

E, sempre que o olfato iluminado, atilado, sente, longe ou perto, o aroma casto, inalterável, da loura resplandecente, é como se ela, então, de repente vicejasse, florescesse na frescura cheirosa de suntuoso pomar de frutos e alvorecesse em rosas ou em flores níveas e afrodisíacas de Noivado¹⁶², majestosamente nua, de dentro de um tálamo branco...

¹⁶² **do [de]** Noivado...OC.

3. O Batizado (1892)

(Ao fulgurante talento de Horácio de Carvalho)

Por uma manhã¹⁶³ de aromas, cheia de rosas e ouro, em que voavam pombos em vôos triangulares ao alto dos beirais das casas, e os pássaros trinavam festivalmente nos arvoredos ramosos, um rancho alegre de lavradores descia, em caminho da igreja do sítio e no ruído vivaz de coloridas conversas¹⁶⁴ risonhas e cantadas, a íngreme ladeira barrenta d'aqueles terrenos agrestes, mais para o lado em que o mar freme e se encrespa à chicotada brusca dos ventos, nas brancas praias caladas.

Era um rancho em descanso e em festa, um tanto livre dos amanhos das terras e do longo mourejar dos dias passados, que levava a batizar um filho do seu amor, o gorducho pimpolho rosado das lavouras do seu coração, e que lá ia sorrindo na ternura das delicadas carnes infantis, cheiroso, perfumado de trevo, contente e fresco como um rosal, de

* no. 82490 – FCRB M com título sublinhado, c/ass, c/loc e c/num. Em OC aparece uma 2ª dedicatória a Gonzaga Duque-Estrada, feita quando o texto foi publicado no jornal *Novidades*, p.721-723.

** *Novidades*, Rio de Janeiro, 23 mar./1892,

¹⁶³ *POR UMA MANHÃ....OC*

¹⁶⁴ ... coloridas conversas, risonhas... (pont.) OC.

linda touca de fitas escarlates esvoaçantes na aragem, envolto n'uma toalha de trabalhadas rendas vistosas, sobre os orgulhosos braços polpudos da madrinha, rica rapariga de sol, radiante como um altar em Maio¹⁶⁵, florente como trigais.

O dulçuroso encanto d'esta¹⁶⁶ abençoada gente, passando ali, sob o raro e calmo damasco do Azul, através de campos, dava à paisagem uma leve graça pitoresca de pintura aldeã pastoril, ou lembrava essa tão séria vida holandesa disciplinar e feliz de outr'ora, em que as pessoas, só com terem um fértil pedaço de pasto vivo e o bucolismo e o idílio de alguns bois amenizadamente a gozarem, ou a viçosa horta dentro da simpleza campestre de cercados verdes, eram, para todo o sempre, consoladamente ditosas e cristãs!

Na margem dos caminhos alvoroçados do rumor e da alacridade¹⁶⁷ vibrante da luz, em murmurosas fontes cristalinas¹⁶⁸ cujos finos veios de prata corriam nitidamente esfiados, rudes mulheres lavadeiras tagarelavam, batendo a roupa na pedra, com

¹⁶⁵ ... em **maio**, [**Maio**] florente... OC.

¹⁶⁶ ... encanto **dessa** [**desta**] abençoada... OC.

¹⁶⁷ Na margem dos caminhos alvoroçados **de** [**do**] rumor e **de** [**da**] alacridade... OC.

¹⁶⁸ ... cristalinas, cujos ... (pont.) OC.

um estalo seco, à proporção que interminantemente¹⁶⁹ desenrolavam os picantes episódios de amor e as fundas desgraças negras d'aquele sítio, que desfolhavam e sumiam na correnteza espumante e túrgida das águas.

O rancho dos lavradores tomava agora por um comprido atalho, fazendo curva, coleando, até chegar a uma ampla várzea, onde, no tom alvo de uma visão de balada, ficava a igrejinha, muda e clara no dia, como um símbolo sereno de religião e de fé¹⁷⁰ na crença e na primitiva paz vegetal da natureza.

Subiam já, sorrindo e falando, o curto adro da igreja e entravam,¹⁷¹ na alegria comunicativa do ato que iam realizar – pura e cândida alegria essa! Tão pura e tão cândida mesmo como a infância que floria no colo da madrinhas - quase mais batizada também pela luz que a acariciava e doirava então do que pelas católicas águas lustrais que lhe deveriam apostolicamente banhar a virginal cabeça pequenina.

À volta, após o batizado, na humildade rústica do lar, os chorados repinicanos,¹⁷² da viola, entre

¹⁶⁹ ... que **interminantemente** [**interminamente**]... OC.

¹⁷⁰ ... Como um símbolo sereno de religião e de fé, na crença... (pont.) OC.

¹⁷¹ ... e entravam na alegria... (pont.) OC.

¹⁷² ... chorados repinicanos da viola... (pont.) OC.

cantigas esfuziadas¹⁷³ no rosto meigo da criança, aos padrinhos,¹⁷⁴ aos pais, n'um tropear jubiloso e fremente, e n'um alentado e aberto gozo tranqüilo de felicidade obtida sem queixas, sem invejas, sem cuidados e sem remorsos, na pobreza casta¹⁷⁵ e sagrada das suas almas chãs, ante a lembrança do Senhor do Bonfim e da cera que a Maricas prometera o ano passado para que aquele bem tão querido, agora alvorecido no mundo, nascesse e se batizasse e crescesse sem males, sem dores, são, saudável como os Campos¹⁷⁶ que se andavam sachando e mondando por tantos verões amados.

Não há nem doces nem vinho.

Tão somente¹⁷⁷, mais quase à noite, no meio dos sonoros guizos dos grilos melancolicamente nas folhagens mudas de sombra, os ocasos em chama¹⁷⁸, tão vermelhos como se houvessem passado nas nuvens uma enorme esponja grossa embebida e encharcada em sangue¹⁷⁹ são a acesa púrpura do vinho com que estas serenas gentes dos sítios apenas se confortam e aquecem, nas suas festas, dos frios invernos da vida.

Cruz e Sousa

Desterro

¹⁷³ ... esfuziadas no rosto... (pont.) OC.

¹⁷⁴ ... aos padrinhos aos pais... (pont.) M. Mantém-se OC.

¹⁷⁵ ... pobreza **calma** [**casta**] e...OC

¹⁷⁶ ... como os **campos**[**Campos**] que... OC.

¹⁷⁷ **Tão-somente** ... [**Tão somente**] OC

¹⁷⁸ ... ocasos em **chamas** [**chama**]... OC.

¹⁷⁹ ... encharcada em sangue, são... (pont.) OC.

4. Biologia e Sociologia do Casamento (1886)

(Pelo Dr. Gama Rosa)

Entre as obras¹⁸⁰ de Herbert Spencer e as produções do ilustre Sr. Dr. Gama Rosa,¹⁸¹ encontramos o mesmo tom de conjunto, os mesmos traços gerais, os mesmos golpes de observação e de crítica científica, a mesma serenidade idealizadora.

Na verdade, ter calma filosófica num país equatorial, inter-tropical¹⁸² de um sol causticante,¹⁸³ é uma qualidade verdadeiramente e seriamente admirável, tanto mais se essa calma, se essa tranqüilidade de análise, se esse esforço mental paciente é completado¹⁸⁴ por uma orientação¹⁸⁵ e abstração de cérebro notável,¹⁸⁶ fazendo lembrar o caráter pacificamente frio e pensador da raça anglo-saxônica.

O Dr. Gama Rosa identificou-se, compenetrando-se profundamente das teorias, dos princípios de doutrina do sábio bretão. Discute e amplia de frente os assuntos. Essa sua nova obra, *Biologia e sociologia do casamento* exata e certa¹⁸⁷ nos processos críticos e filosóficos,¹⁸⁸

* No. 82492 - FCRB – M s/ass, s/loc e c/num. – O C p. 760-762.

** Segundo Raimundo Magalhães Júnior, foi publicado em *A Regeneração*, Desterro, 2jun/1886, mas não o encontrei. Há, portanto, equívocos tanto em Andrade Murici quanto em Raimundo Magalhães Júnior, pois o jornal é *Regeneração*. (CONFIRMAR)

¹⁸⁰ ENTRE AS OBRAS... OC.

¹⁸¹ ... Gama Rosa encontramos... (pont.) OC.

¹⁸² ... equatorial e inter-tropical, de... (pont.) OC

¹⁸³ ... de um sol **caústico** [**causticante**], é...OC

¹⁸⁴ ... paciente são completados [é completado] por... OC

¹⁸⁵ ... por uma **notável** orientação... OC.

¹⁸⁶ ... de cérebro (**notável**), fazendo... OC

¹⁸⁷ ... exata (**e certa**) nos processos... OC

¹⁸⁸ ... e filosóficos.... (pont.) OC.

como está, parece-nos uma grande obra extraordinária que há de ficar viva e triunfante para a sociologia brasileira.

A complexidade de espírito, a forte chama imaterial de talento e o elevado poder técnico do filósofo brasileiro, solidificados por um largo critério indestrutível e por um vastíssimo cabedal de conhecimentos teóricos das questões e problemas que esclarece com a sua ininterruptível onda psíquica de saber e de luz, não estão ao nível das capacidades inferiores, nem podem ser medidos pelas conformações débeis, que não pairam como os pensadores, como os filósofos,¹⁸⁹ nos altos ares soberanos da crítica científica.

Os documentos, os dados, e todo o material ativo e regularizado da sua obra¹⁹⁰, a ferramenta de que ele se serve para poli-la, para dar-lhe convicção, sinceridade e verdade, estabelecem um ponto de partida geral, utilitário, dominante e prático¹⁹¹. Daí partem, então,¹⁹² as poderosas razões caras, iluminadas e puras¹⁹³ deduzidas das

¹⁸⁹ ... os filósofos nos altos... (pont.). Mantém-se como em OC.

¹⁹⁰ ... da sua obra, a ferramenta... (pont.). Mantém-se como em OC.

¹⁹¹ ... geral dominante, utilitário e prático. → OC.

¹⁹² Daí partem então as... M. Mantém-se transc. De OC.

¹⁹³ ... razões, caras, iluminadas e puras, deduzidas das... (pont.) OC.

diferentes fórmulas de casamento, como a monogamia, a poligamia, etc., em uso nas diversas tribos de raças indo-européias.

O casamento civil com divórcio, biologicamente¹⁹⁴ sociologicamente demonstrado na obra de que tratamos,¹⁹⁵ é uma necessidade coletiva da família brasileira. No estado de evolução e ampliação de raciocinamentos práticos e positivos, lógicos e humanos a que as gerações chegaram, retardar ou embaraçar o desenvolvimento completo da família é atrasar¹⁹⁶ é puxar para trás a humanidade.

A família deve ser, não uma parte dependente dos fatores sociais, mas sim um corpo unitário, complexo como um organismo, entrando, como agente principal,¹⁹⁷ em toda a orientação da vida moderna. Da família sairão, pela sangüinidade, pelos meios, pelos temperamentos, pelas influências e relações sexuais, pelo cruzamento de elementos de raças melhores, as bases de¹⁹⁸ uma sociedade nova que há de garantir e aperfeiçoar a atividade material e intelectual futuras, definindo e acentuando a estética do tipo.

¹⁹⁴ ... com divórcio (**está**) biologicamente,... OC. Acrescentou-se uma vírgula entre: .. biologicamente, sociologicamente...

¹⁹⁵ ... que tratamos, **que** é... OC. Acrescentou-se uma vírgula entre depois de “demonstrado”.

¹⁹⁶ ... da família é atrasar é ... (pont.) M. Mantém-se como em OC.

¹⁹⁷ ... agente principal em toda... (pont.) OC.

¹⁹⁸ ... as bases e [de] uma... OC.

E, para chegarmos a esse complemento radical, integral¹⁹⁹ dos direitos da felicidade humana, é o casamento civil, com divórcio,²⁰⁰ a única força preparadora e naturalmente estabelecida no nosso centro²⁰¹ mesclado de tipos desencontrados e opostos ao progredimento deste ramo sul da raça latina.

Entre nós, brasileiros,²⁰² há uma defectiva tendência etnológica, sobre²⁰³ todos os outros povos, como um brunet especial, para a exterioridade nas aspirações. Não se vê²⁰⁴ caráter nacional de investigação e generalização no desdobrar dos fenômenos que nos próprios fatos biológicos e sociológicos²⁰⁵ nos apresentam.

O caráter exterior, tão pujantemente explicado e tão sabiamente desenvolvido por Spencer na Educação intelectual moral e física,²⁰⁶ documentado pelo testemunho de Humboldt nos índios orenoques, tem servido até hoje de embaraço às faculdades criadoras de longa reforma social do individualismo da nação.

Por ora, no Brasil, toda a integração de crítica

¹⁹⁹ ... integral, dos... (pont.) OC.

²⁰⁰ ... divórcio a única... (pont.) OC.

²⁰¹ ... estabelecida, no nosso centro, mesclado...

²⁰² É mantida a pontuação de OC, separando o aposto. Entre nós brasileiros... M

²⁰³ ... etnológica, **comparada com a de [sobre]** todos os outros... OC.

²⁰⁴ ... não se vê (**o**) caráter... OC.

²⁰⁵ ... que os próprios fatos biológicos (**e sociológicos**) nos apresentam. OC.

²⁰⁶ ... Educação intelectual e física... (pont.) OC.

toda a aplicação sintética de filosofia é flutuante e vaga como as névoas que nascem dos lagos silenciosos adormecidos na nitidez e na transparente brancura das manhãs.

O Dr. Gama Rosa, portanto, trazendo à luz da ciência as causas que a matrimonialidade católica obrigatória produz²⁰⁷ não concorrendo para a seleção natural, não protegendo nem dignificando os destinos nem os mister²⁰⁸ para que²⁰⁹ a humanidade se propõe – para engrandecer-se – presta um distintíssimo e o mais real e franco serviço à sociologia, honrando-a com a amplidão do seu espírito superiormente alimentado de idéias evolutivas.

Para explanamento²¹⁰ da cor dos princípios da obra Biológica e Sociológica do Casamento,²¹¹ basta-nos tirar à página 169 o seguinte: “O progresso que é uma conquista sobre o indeterminado e o incerto, tende justamente, ²¹² instituir a previsão, a exatidão, eliminando o acaso nas condições da vida; mas presentemente o arbitrário e o fortuito encerram ainda importância

²⁰⁷ É mantida a pontuação de OC. ... obrigatória produz não...M.

²⁰⁸ ...os [ilegível]... OC. Mister corresponde a propósito, meta DA, p.1142.

²⁰⁹ ... **aos quais [para que]** a humanidade...OC.

²¹⁰ Para explanação... OC. Apesar de n/d, mantém-se o original.

²¹¹ ... da obra *Biologia e Sociologia do Casamento*, ... OC.

²¹² ...justamente instituir a... M. Mantém-se transc OC.

capital.

Ninguém ignora que as mais brilhantes situações sociais são perfeitamente compatíveis com a capacidade²¹³.

As condições dessa seleção artificial encontram-se mais comumente no privilégio por direito de nascimento, na postergação da justiça, no favoritismo, na amplitude²¹⁴ deixada ao azar no curso da vida humana e leis econômicas do mundo.

Vê-se deste²¹⁵ corolário de argumentos práticos, que o livro em questão não implica conseqüências graves para o país, mas sim traz desenvolvimentos mais necessários e mais latos²¹⁶.

São circunstâncias, ainda mais, são²¹⁷ leis extremamente variadas, essenciais, incontroversas²¹⁸ e permanentes, tiradas dos próprios casos biológicos e sociológicos e inclinadas²¹⁹ à personalização e assimilação de uma raça.

²¹³ ... compatíveis com a **incapacidade** [**capacidade**]... OC.

²¹⁴ ... na amplitude, deixada... (pont.) OC.

²¹⁵ Vê-se, por **este**[**deste**] último... OC.

²¹⁶ ... traz desenvolvimentos (**mais necessários e**) mais latos... OC.

²¹⁷ ... – ainda mais, - são... OC.

²¹⁸ ... essenciais, **ilegível** [**incontroversas**] e OC.

²¹⁹ ... são casos biológicos (**e sociológicos e inclinadas**) e tendentes à personalização... OC.

5. Consciência tranqüila (1897)

– O ilustre,²²⁰ o douto homem rico, o abastado²²¹ e poderoso senhor de escravos está já, segundo a previsão do seu médico, quase às portas da morte.

Sobre o luxuoso leito largo, na alvura fria dos linhos, entre os gélidos silêncios das paredes altas, ele está mudo, semimorto, dormindo, como que se predispondo para o sono eterno.

* No. 82493 - FCRB – M c/num, s/loc e s/ass, folha pautada. OC p. 678-685.

²²⁰ O ILUSTRE, OC.

²²¹ ... o douto homem rico, o (**abastado e**) poderoso...OC.

No confortável aposento onde ele aguarda afinal o último suspiro, vai e vem, abafando os passos, toda uma sociedade de honrados bajuladores, de calculistas espertos e frios, de interessados argutos, de herdeiros capciosos, de tipos bisonhos e suspeitos, almas simplesmente consagradas ao instinto de conservação da vida no que ela tem de mais caviloso e oblíquo.

Graves e grandes, como bocejos lassos, como tédios esquecidos, os momentos do moribundo se prolongam e os comentários esfuziam e ferem à surdina²²² o ar doentio, pesado...

- Não há dúvida que vamos perder um homem útil, prestimoso, eminente, carregado de saber e virtudes, bom e piedoso, ah! Sobretudo bom e piedoso. Que coração de anjo para os humildes, para os tristes, para os fracos, para os desamparados. A sua bolsa, sempre inesgotável, dividia-se com todos. Verdadeiro apóstolo da caridade, da religião e da ciência,

²²² ... e ferem à surdina o ar... M. Mantém-se vírgulas, como em OC.

era um justo na acepção da palavra, de uma moral elevada até a santidade. Nunca me há de esquecer de como ele foi sempre generoso para essas raparigas miseráveis, gente baixa, que nem ao menos tem a vala comum para cair morta e que ele afinal protegia com a sua bolsa e arranjava-lhes noivos entre pobres diabos da plebe, quando por acaso elas deixavam de ser virgens com ele... De muitas, de muitas sei eu que²²³ ele tornou felizes com o seu prestígio, dando-lhes casamento e dinheiro. Sim! Porque outro fosse ele, como esses bandidos que por aí andam, que deixariam²²⁴ as pobrezinhas ao desamparo e com filhos. Ele, não; casava-as logo e assim trazia felicidade aos casais que constituía. Muito, muito justo, sempre foi muito justo em tudo! Homem distinto! Homem distinto! Este é dos poucos que pode morrer

²²³ ... muitas sei (**eu**) que ele... OC.

²²⁴ ... que deixaria as... Mantém-se como em OC.

com a sua consciência tranqüila, perfeitamente tranqüila!

Quem assim falava com esta ingênua malignidade, com esta nova, inédita inocência, com esta terrível e eloqüente ironia, por si próprio, no entanto, desconhecida, era um homem de olhos ladinos e gestos sacudidos, próspero, rubicundo, expressão loquaz de ave rapace, nariz ativo,²²⁵ espécie sagaz de furão de negócios, parecendo estar sempre ocupado em absorver e conhecer pela atilada pituitária o ar das cousas e dos interesses imediatos.

Num dos dedos da sua mão ágil, pronta, precisa para o assalto à vida, com a medida exata dos grandes golpes ocultos, reluzia a clara gota d'água iriada de um rijo brilhante.

Mas, o troféu de glórias deste curioso exemplar humano era o famoso e filaucioso cavanhaque, meio diabólico, meio cínico,²²⁶ que ele aflagava com

²²⁵ ... nariz **altivo**[ativo], espécie... OC.

²²⁶ ... meio cínico que... (pont.) OC.

gravidade e volúpia, abrindo em leque, n'um gozo particular, como se o cavanhaque fosse o seu inspirador e o seu oráculo naquela eloqüência.

Como todo o bandido bem acabado, perfeito, como todo o tartufo casuístico, tinha o seu séqüito, os seus satélites, que instintiva ou calculadamente ouviam e aprovavam sempre em silêncio servil tudo o quanto ele dizia e lhe forneciam a manhosa e morna atmosfera feita de rastejantes e vermiculares sentimentos na qual ele vivia à farta, n'um transbordamento de tecidos adiposos, cevando-se nas lesmentas vaidades e caprichos mesquinhos dos outros, lisonjeando-lhes as pretensões, alimentando-lhes os vícios, devorando-lhes o ar, numa verdadeira existência parasitária.

Mas, agora, todas as atenções se voltavam²²⁷ alvoroçadas, ansiosas, para o velho moribundo, que acordara afinal em sobressaltos, o olhar desvairadamente pairado num ponto, como se por um esquisito fenômeno tivesse ressurgido do terror

²²⁷ ... voltavam, alvoroçadas,... (pont.) OC.

do sono eterno e viesse ainda perseguido por glaciais fantasmas que o arrastavam pelos cabelos e pelas vestes, através de uma treva duramente muda e aflitiva...

E, ou fosse remorso ou fosse álgido medo da hora extrema ou fosse mesmo agudo e histérico delírio imaginativo de senil e tábido celerado que vai morrer, o certo é que todos, no auge do espanto, no mais esmagador dos assombros, sem poder conter a súbita e estupenda torrente que lhe foi espumando e jorrando da boca bamba, ouviram este cruel e amorfo monólogo ²²⁸feito de lama e podridão, de estanho inflamado, de ferro e fogo, de acres e apunhalantes sarcasmos, de ódio e visco, de mordentes perversidades, de chagas nuas, de lacerações de carnes gangrenadas, de soluços e estupros, de ais e risadas, de suspiros e

²²⁸ ... monólogo, feito de... (pont.). OC.

concupiscências baixas, de beijos e venenos, de estertores e lágrimas tudo rodando, rodando através do pesadelo da Morte.

Como que a seu pesar²²⁹ um fenômeno desconhecido o transfigurava, punha-lhe na boca a eloqüência viva de chamas devoradoras. Ele era naquele momento²³⁰ a presa formidanda das correntes da matéria, que os mais curiosos e estupendos sentimentos abalavam: como que uma outra natureza, sem ser propriamente, legitimamente a sua, a natureza dos mistérios que paira acima de tudo o que nos é terrenamente acessível, a natureza do Incognoscível das Esferas, dos maravilhosos Ritmos,²³¹ o inspirava, falava pela voz dele, enchia-o de fluidos prodigiosos, arrebatava-o para um meio sonho e para um meio delírio, onde, contudo, transpareciam faces verdadeiras das cousas, já galvanizadas pelo passado.

Aquilo era como que o exemplo vivo, iniludível e supremo, dessa vaga névoa, dessa bruma de Abstrato, que há em todo o Tangível, do Sobrenatural,²³² que há em todo o Verdadeiro.

-Ah! Lá se vão elas, vejam, lá se vão elas! Quantas! Quantas! Eram todas minhas! Vinham entregar-se ao meu ouro que tinha, tilintava, tinha com a sua luz sonora. Olhem, lá vão elas! Todos aqueles corpos eu beijei, eu gozei, eu depravei, eu saciei! Todos aqueles belos corpos brancos se adelgaçaram, se quebraram, vergaram²³³ em curvas voluptuosas de abóbada estrelada²³⁴ às minhas furiosas luxúrias. Parecia que corcéis de fogo disparavam no meu sangue, corriam a toda à brida nos meus nervos, tanto a sensualidade me agitava,

²²⁹ ... a seu pesar, um... (pont) OC.

²³⁰ Ele era, naquele momento, a ... (pont.) OC.

²³¹ ... maravilhosos ritmos (Ritmos)... OC.

²³² ... do Sobrenatural que há... (pont.)OC.

²³³ ... quebraram, vergaram, em... (pont.) OC.

²³⁴ ... abóbada estrelada, às... (pont.)OC.

me vertiginava, aguilhoava-me com os seus agulhoes acerados. E eram todas virgens²³⁵
que eu desviei, estrábico de gozo, nas formidáveis alucinações da

²³⁵ ... virgens, que eu.. (pont.) OC.

carne. Pois se eu tinha o meu ouro, o meu ouro que agisse sem demora e mas trouxesse vencidas; pois se eu tinha o meu ouro, o meu ouro que as escravizasse à minha lascívia, o meu ouro que as fascinasse, o meu ouro que as atraísse, o meu ouro que as magnetizasse, o meu ouro que as cegasse, o meu ouro que as perdesse, o meu ouro que as aviltasse! Pois se eu tinha o meu ouro, que mal então que eu comprasse formas de argila, com o meu ouro de forma de sol! Pois se eu tinha o meu ouro! Pois se eu tinha o meu ouro! Pois se eu tinha o meu ouro!²³⁶

Por entre os linhos alvos do leito, naquelas brancuras preciosas, como que um rio de ouro, um cascatear de ouro, uma música de ouro vinham então finamente e fluidamente rolando, distendendo pelo leito os seus harmoniosos e claros veios de ouro, numa feéria de som, de

²³⁶ Pois seu tinha o meu ouro! Pois se eu tinha o meu ouro! (2vezes) Em OC não há repetição.

alvura e de ouro.

E o senil e tábido milionário estava ali como um célebre mago dominado pelo ritmo alucinante, pela vara magnética desse êxtase de visionário moribundo, pela doentia e sonâmbula superexcitação nervosa, por toda essa vertigem, por todo esse deslumbramento hipnótico, fatal, enlouquecedor, do ouro. E ele ria alvarmente uma risada entre amarela e negra, que fazia lembrar o fúnebre caixão que o esperava...

Todos, estupefatos, suspensos, diante daquele delirante e sensacional espetáculo que não podiam encobrir nem conter, tinham a respiração sufocada, os semblantes transformados,²³⁷ lívidos, tão lívidos que pareciam outros tantos moribundos que ouviam, imóveis, num espanto de angustioso terror, esse outro sinistro moribundo falando.

Agora, porta mais negra e mais ensangüentada se abria escancaradamente, num rápido rasgão²³⁸ de raio que fende as nuvens, ao delírio do cérebro demente do quase morto: era como se nenhum escrúpulo delicado, sutil, o prendesse mais²³⁹ à terra e aos homens; se todos os fios e laços das suscetibilidades da alma se houvessem partido, despedaçado e ele ficasse só nos instintos, à vontade, besta desenfreada, livre de todas as correntes do Sensível, sob o impulso primitivo, selvagem, desorientado, animal, deserto, da simples matéria e da

²³⁷ ... semblantes **transtornados**[**transformados**]... OC.

²³⁸ ... **pálido** [**rápido**] rasgão de... OC.

²³⁹ ... o prendesse (**mais**) à terra... OC.

simples carnalidade:

- Ah! Ah! pois não era o meu ouro, só o meu ouro, sempre o meu ouro que comprava tanta carne humana, desprezível, que eu via entrar nas senzalas, de volta do eito?! Negros trêmulos, velhos e tristes, com o dorso curvado por uma remota subserviência ancestral, atávica, fantasmas de pedra, mudos e cegos na sua dor absurda...

Às vezes era pelos amargos desfalecimentos da tarde; e, no fundo denso da noite algumas estrelas espiavam como sentinelas, de olhos acesos e vigilantes, aquela torva massa trôpega e tarda que caminhava como do fundo de um tempestuoso e formidável sonho: os crânios desconformemente alongados, os perfis com deformações hediondas, talhados à bruta por mãos

de gênios rebeldes, infernais²⁴⁰ e os olhos envenenados pela mais atroz, bárbara e mórbida melancolia das melancolias. Como que vinham, num turvo e amorfo desfilar do centro misterioso da terra, com a cor original da terra, com a cor das trevas primitivas, esqueléticos, cadavéricos, éticos, na assombrosa condensação de todas as criações shakespearianas, arrastando os miseráveis e ensangüentados farrapos das almas.

Parecia-me que se cavava de repente, por toda a extensão do eito, imensa, profunda cova; que essa cova era como velha chaga secular formidavelmente grande, sinistramente sangrenta, a devorar, a devorar, a devorar carne humana, legiões e legiões de míseros, um fabuloso mar negro e selvagem de corpos e almas amaldiçoadas... E essa chaga tremenda, avassaladora, fatal, ia então alastrando, não já sangrenta, { }²⁴¹de, podre, gangrenada, aberta a monstruosa e purulenta boca verde.

Não sei para que sobre-humano horror eu recuava, para que noite caótica de horror animal eu mergulhava a tremer, a tremer, a tremer...

Ficava então de repente com a imaginação dominada por cruéis sobressaltos, com ansiedades, delírios a se vulcanizarem no cérebro... Subiam-me ao cérebro obsessões de loucura, como que os meus pensamentos se agachavam, se encolhiam aterrorizados a um canto do cérebro... Um medo agudo, invencível, me amarrava os nervos... Todo eu gelava, suave medo... E aquela bamba,

²⁴⁰ ... infernais, e os... (pont.) OC.

²⁴¹ ... já sangrenta, mas verde, podre... OC.

trôpega e tarda massa torva, fenomenal, numerosa, estranha, tão estranha aos meus sentidos apavorados, dava-me a impressão fantástica de abismos que caminhavam, de tenebrosas florestas de corpos cheias de rugidos de feras, de garras, de dentes devoradores, que eu via de repente atirarem-se, arrojarem-se sobre mim, bramindo vingança, e despedaçarem-me, estrangularem-me todo.²⁴²

Ao meu espírito aterrado, ao mundo virgem e nunca visto de visões que se me desenvolviam no deslumbrado raio visual, era como se todos aqueles esqueletos negros²⁴³ se reproduzissem, surgissem por toda a parte turbilhões e turbilhões, tumultos e tumultos, matas cerradas,²⁴⁴ compactas, selvas bravias de esqueletos negros, toda a África colossal ululando e soluçando num ululo e num soluço milenário... E, por sobre todos esses milhões de cabeças tenebrosas, pairava no ar, solenemente, prognosticamente, sugestionadoramente,²⁴⁵ como o satânico e sinistro Anjo da Guarda da negra raça dos desertos, { } descomunal,²⁴⁶ lânguida e letárgica serpente, talvez dormindo e sonhando novos e mais maravilhosos venenos, com as grandes asas abertas... Ah! eram sobrenaturais esses sofrimentos que assim me remordiam tanto²⁴⁷ com tamanhos dentes e com tamanhas garras!

Deus, a essas horas tão tremendas para a minha consciência, ali tão humilhada, batida, cobarde de terror diante daqueles negros espectros, onde estava Deus, para trazer-me um alívio, um consolo,²⁴⁸ para ter piedade de mim, para dar-me de beber da fonte clara, fresca

²⁴² ... estrangularam-me (**todo**)... OC.

²⁴³ ... aqueles esqueletos (**negros**) se reproduzissem... OC.

²⁴⁴ ... matas **sagradas** [**cerradas**]... OC

²⁴⁵ ... solenemente, (**prognosticamente**) sugestionadoramente... OC.

²⁴⁶ ... desertos, **lassa** e descomunal... OC.

²⁴⁷ ... remordiam, tanto... (pont.) OC.

²⁴⁸ ... alívio, (**um**) consolo... OC.

e suave da tranqüilidade, para saciar a sede de humildade, de pobreza, de simplicidade, a sede devoradora que me incendiava, a mim, a gula viva do ouro, a mim, a gula

viva da sensualidade, a mim, a gula viva do crime!

No entanto, ah!, que risadas²⁴⁹ satânicas, diabólicas, que satisfação perversa me assaltava quando o feitor, bizarro, mefistofélico, de chicote em punho, lanhava, lanhava, lanhava os miseráveis e lindos corpos de certas escravas que não queriam vir comigo! Oh! Lembra-me bem de uma que mandei lanhar sem piedade. A cada grito que ela soltava eu gritava também ao feitor: - lanha mais, lanha mais! E o bizarro feitor lanhava! - O sangue, grosso e lento, como uma baba espessa, ia formando no chão um pântano onde os porcos vinham fuçar regaladamente! Com que febre, com que alucinação inquisitorial eu gozava essas torturas! Até mesmo, às vezes, via-me

²⁴⁹ ... que **visadas** [**risadas**] satânicas.. OC.

possuído de um extravagante desejo animal, de um desejo monstro de beber, como os porcos, todo aquele sangue. Lembro-me também de outra, bestialmente grávida, prestes a ser mãe, a quem eu, para saciar a minha sede feroz de ciúme, a minha sede de raiva, a minha sede de concupiscência suína, mandei aplicar quinhentas chicotadas, enquanto os meus dentes rangiam na volúpia do ódio saciado. Desta foi tamanha e tão atroz a dor, tão horríveis as contorções, enroscando-se como serpente dentro de chamas crepitantes, que esvaiu-se toda em sangue, abortou de repente e ali mesmo morreu logo, felizmente²⁵⁰ lembro-me bem, com a boca retorcida numa tromba mole, espumando roxo e duas grossas lágrimas profundas a escorrerem-lhe no canto dos olhos²⁵¹ vidrados...

²⁵⁰ ... felizmente, lembro-me... (pon t.) OC.

²⁵¹ ... escorrerem-lhe (**no canto**) dos olhos... OC.

E de outra ainda lembro-me também,²⁵² porque eu a mandei afogar no rio das Sete Chagas, junto à figueira do inferno, com o filho, que era execravelmente²⁵³ meu, dentro das entranhas... Mandei afogar tarde, a horas mortas, depois que certo sino cavo soluçou as doze badaladas lentas e sonolentas no amortalhado luar... E devo ter algum remorso disso? Remorso? De quê? Por quê? Por quem?²⁵⁴ Meu filho? Como? Feito por um civilizado num bárbaro, num selvagem? Remorso por tão pouco? Por lama vil que se joga fora, por {barro}²⁵⁵ ignóbil que para nada presta?! Remorso por fezes, resíduos exíguos de elementos inservíveis, bílis negra, composto de produtos podres, gases deletérios e inúteis, pus fétido – pois por essa asquerosa e horrenda coisa que se formou e ondulou misteriosamente sonâmbula nas entranhas pantéricas de uma negra hei de ter, então, remorso,²⁵⁶

²⁵² ... lembro-me também;... (pont.) OC.

²⁵³ ... era, execravelmente, meu... (pont.) OC.

²⁵⁴ Remorso? por quem? (**De quê**) Por quê? Por quem?... OC.

²⁵⁵ ... **bárbaro** [barro/berro] ignóbil...OC.

²⁵⁶ remorso, hei de ter, então, remorso?! Acréscimo em OC.

hei de ter, então, remorso?!

E os quatro enforcados da encruzilhada do engenho, com as hirtas línguas de fora, por uma noite de trovões e relâmpagos, oscilando dos galhos das árvores como pêndulos da morte! E os que morreram no tronco, com a espinha dorsal quase vergada ao meio! E aqueles que de desespero e de aflição sem remédio se rasgaram os ventres enterrando-lhes fundo facas agudas! Os que estalaram tostados, queimados nos fornos em brasa! Os que foram arrastados pelos campos afora, a galope, atados a caudas de cavalo! Os que tiveram os ventres atravessados pelas aspas dos bois bravios! Os que se envenenaram com venenos mais mortais que o das serpentes! Os que se degolaram na mais desesperada das agonias!

E aquela negra terrível que morreu louca, abraçada ao filho pequeno, dando-lhe alucinadamente de mamar, nua, toda nua, com o seio a escorrer leite e ao mesmo tempo a escorrer sangue pelas feridas de trezentas e setenta e tantas

chicotadas, com os olhos esbugalhados, a olhar-me²⁵⁷ muito, a olhar-me sempre, parece que ainda horrivelmente a olhar-me agora, a perseguir-me, a cortar-me de pavor como uma lâmina gelada e penetrante.

Ah! e²⁵⁸ aquele negro de cem anos, morfético, inchado como um sapo enorme, manipanço senil, a quem eu arranquei os dois olhos com a ponta de uma verruma, enquanto ele urrava e escabujava de dor como um tigre apunhalado! E isto em pleno eito, num meio-dia de ferro e fogo, que cortava e queimava, por um sol dilacerante, devorador como feras esfaimadas, sanguinolentas! E eu arranquei-lhe os olhos, enterrando-lhe fundo a verruma sem piedade, depois de já lhe haver aplicado por todo o corpo apodrecido e chagado pela morféia seiscentas vergalhadas, de pulso musculoso e rijo e de relho forte aberto em trinta pernas²⁵⁹ terminando em agudos pregos nas pontas. Ah! como o velho manipanço se retorcia, espumava, gania, mordida a língua, soltava pinchos por entre torvelinhos, os círculos vertiginosos, desvairados, das trinta pontas aguçadas das pernas rígidas do relho!

²⁵⁷ Mantém-se transcrição de OC. M está ilegível.

²⁵⁸ Ah!(e) aquele... OC.

²⁵⁹ ... trinta pernas, terminando... (pont.) OC.

E ainda aquele outro negro decrépito, de uma boçalidade caduca, cego, mudo e idiota, completamente²⁶⁰ cego e mudo, que foi encontrado morto no curral dos porcos, a cabeça fora do tronco, inteiramente decepada a machado, os órgãos genitais dilacerados!

Remorsos, eu, então, de toda essa treva trágica, de toda essa lama de crimes apodrecida?! Como²⁶¹ remorso? Pois não era do trono do meu ouro que eu estava rei soberano assim, com o cetro do chicote em punho, coroadado de ouro, arrastando um manto de púrpura feito de muito sangue derramado?! Remorso? De quê? Se o meu ouro tudo lavava, vencia, subjugava a todos e a tudo, emudecia a justiça, tornava completamente servis e de pedra os homens, fazendo de cada sentimento um eunuco?!

A estas palavras como que pareceu haver um certo movimento de protesto, de altivez revoltada, na pasmada assembléia que o ouvia: quase que um vago vento de indignação passou... Mas, como entre os males da vida “o mal de muitos

²⁶⁰ ... de uma boçalidade caduca, cego, mudo e idiota, completamente... OC.

²⁶¹ ... Como, remorso? (pont.) OC.

consolo é”²⁶² e quase todos que ali estavam eram parentes do moribundo, aguardavam uma parte do seu grande ouro; e como também nos seus cerebrozinhos empíricos lhes passasse de repente a idéia de que talvez por um milagre da riqueza, por um extraordinário valor e soberania de potentado, ele muito bem podia levantar-se do leito ainda e expulsá-los a chicote daquele recinto, todos se entreolharam manhosamente e fizeram depressa espinha mais flexível, fingiram-se surdos o melhor que puderam ou fingiram-se mortos²⁶³ o melhor que puderam – vivos, mais mortos que o semimorto.

Toda essa delirante epopéia de lama, treva e sangue, era por ele murmurada lentamente, com voz cava, soturna, como através das paredes de um lóbrego subterrâneo ou nas sombrias,²⁶⁴ solitárias arcadas de um convento os crepusculamentos de um Réquiem...

Impelido por uma força nervosa erguera-se um pouco no leito, talvez ainda mais envelhecido agora, trêmulo, transfigurado, o olhar sempre fixo num ponto, olhar de cego que olha em vão tudo,²⁶⁵ que como que só vê para dentro de si mesmo...

Mas de repente o moribundo teve uma risada alvar, lugubrememente idiota, entre amarelada e negra, que fazia fatalmente lembrar o fúnebre caixão que o esperava... E, arremessando convulsamente as frases como lançadas no ar, na violência do esforço derradeiro, tremendo, como quem chama a si as últimas energias da matéria que desfalece, a língua já presa, já acorrentada pelos pesados grilhões da morte que vinha vindo, pendeu a

²⁶² ... é”, e quase todos... (pont.) OC.

²⁶³ ... flexível, fingiram-se surdos o melhor que puderam (**ou fingiram-se mortos**) – vivos... OC.

²⁶⁴ ... nas sombrias solitárias... (pont.) OC.

²⁶⁵ ... em vão (**tudo**), que...OC.

encanecida cabeça de celerado senil, exausto de forças, os braços molemente caídos ao longo do leito, os olhos e a boca desmesuradamente abertos, a respiração siflante, num espasmo sinistro...

No ambiente ansioso, inquietante, do aposento, pairou uma comoção mortal...

Dos lençóis alvos e frios do leito, bruscamente revoltos na alucinadora aflição daquele velho corpo martirizado, como que transpareciam, se levantavam brancas visões de sepulcro...

Nos circunstantes, à maneira de velhos instrumentos de cordas usadas, que vibram insolitamente, percorreu logo um pavoroso estremecimento. Todos se acercaram do leito, os rostos transfigurados, na agitação convulsa do grande final, - míseras, tristes sombras que num movimento arrastado, impelidas por sensações

secretas, se acercavam de uma sombra mais mísera, mais triste...

E, ó ironia da Culpa original!, numa leve contração da boca, ainda com um voluptuoso e luminoso alento da vida a esvoaçar-lhe nos olhos, sem longos e torturantes estertores, deixando apenas escapar um fugitivo, breve gemido de lá bem do fundo vago, quase apagado, longínquo, do seu Crime, na atitude de um justo, o ilustre homem rico, o abastado e poderoso senhor de escravos expirou – dir-se-ia mesmo com a sua consciência tranqüila, completamente tranqüila...

6. Croquis d'um excêntrico (1891)

Diante do nome ²⁶⁶deste Excêntrico, d'um brilho feérico de fantasia, desenrolado aos meus olhos como tapeçaria *Beauvais*, lembro nitidamente o remoto Oriente: a Turquia, a Arábia, a Pérsia – todos os povos muçulmanos, que têm a frouxidão dos nervos, a elasticidade de membros de raças

*No. 82494 - FCRB – M s/ass, s/loc e c/num. OC p. 694.-695.

** *O Tempo*, ano I, no. 43, 02 jul/1891.

²⁶⁶ DIANTE DO NOME... OC.

decadentes, em todas as suas especiais funções fisiológicas e manifestações psíquicas.

Principalmente a Pérsia lembra-me a indolência, a morbidez orgânica deste Excêntrico – indolência que não constitui, no entanto, defeito fundamental, ausência de qualidades singulares de espírito, mas que antes representa uma maneira de ser na Vida – muda abstração na qual o pensamento é um grande pássaro alado²⁶⁷ viajando nas mais altas regiões inacessíveis à vontade da matéria.

Com o seu ar fidalgo, que lhe dá, através dos finos vidros claros do *pince-nez*, as linhas e a distinção correta e douta de um sadio e forte estudante da Universidade de Bonn ou de Oxford, o Excêntrico parece viver apenas n'uma *flirtation* de idéias, n'uma despreocupação de *touriste* e n'um diletantismo fatigado

²⁶⁷ ... um grande pássaro (**alado**) viajante... OC.

de artista *boulevardier* a quem as asperezas e arestosidades do meio emprestaram já as fundas cores carregadas e pungentes do pessimismo – conquanto na transparência dessa despreocupação aparente, ele analise, perceba e sinta passar, como entre uma luz difusa, o corpo vivo dos positivos fenômenos naturais.

Na verdade, esse amargo pessimismo que os artistas anglo-saxônicos e eslavos beberam, como n'uma dorna onde se houvesse purificado n'um vinho negro a sentir e o dolorido pensar de várias gerações; esse pessimismo torturante por vezes nos livros de Schopenhauer e Harttmann, especialmente nessa transcendental Filosofia do Inconsciente, parece prendê-lo também ao ceticismo mórbido de Murger e Nerval e Chatterton e de tantos outros artistas queimados pela

flamejante chama interna de um desejo nunca realizado.

Mas esse pessimismo, feito de germanismo e eslavismo, ténue, fluido, sutil, que entontece capciosamente, insensivelmente, como os glóbulos microscópicos do álcool que fica no fundo do copo de um russo envenenado pelo niilismo e pelo rum, esse pessimismo, se o Excêntrico possui,²⁶⁸ não lhe tira, de resto, a bizarra, a garrida forma do espírito leve, fino, a iriante graça de abelha.

É que ele, contudo, por entre a variabilidade do tempo, não perde as latentes atitudes nervosas do seu temperamento, acordando dessa persa²⁶⁹ indolência para gozar Arte, para sentir e para amar a Arte.

Num centro antagônico do desenvolvimento e fulgor do seu espírito estético, na aridez dos fatos, n'uma atmosfera onde um ar livre de ideal não

²⁶⁸ ... se o Excêntrico o possui, não lhe... OC.

²⁶⁹ ... acordando dessa **pérsica** [persa] indolência... OC.

circula no sangue, um sangue fremente, rico, não gorgoleja nas veias e as turgesce, o Excêntrico lembra um cactus, uma rara flor nascida no gelo, alva na vastidão das fulgurantes neves, dando, entretanto, uma encantadora poesia serena de pitoresco e originalidade a toda a amplidão do terreno.

Ou, então, para abrazeirar mais o símile comparativo, lembra também uma d'essas simples parasitas brancas, flores pensativas e melancólicas que rebentam d'entre pedras, florindo virginalmente para o azul, indiferentes à rigidez do granito...

O seu estado de morbidez intelectual, que parece, por humorismo sombrio, talvez, corresponder a um estado comatoso, é como a aparência de certos céus turvos, nebulosos, não obstante carregados do

ouro flamante²⁷⁰ do sol e do intenso azul, que de repente aparece em neugas, como prenúncio de aurora, através,²⁷¹ de fuscos, flocosos²⁷² pedaços de nuvens que se vão lenta, demoradamente esgarçando... Depois, outras nuvens, mais pesadas, mais densas, correm, como cortina de brumas, sobre esse ouro de sol e esse azul, voltando então tudo às primitivas névoas eternas.

Alma êxul do Espaço, triste, às vezes, de certo, mas d'essa alta e excelsa tristeza e magoada nonchalance de velha águia real de cabeça pendida e parado vôo, como que adormecida, sonhando dolentemente a melancolia do Azul...

Assim é, assim será para sempre esse meditativo Excêntrico!

Névoa de emoções, debaixo da qual está o sol e o azul de uma idéia, que se descobrem,

²⁷⁰ ouro **flamejante** [**flamante**] do ... OC.

²⁷¹ ... através de fuscos... (pont.) OC.

²⁷² ... fuscas, floculosos [flocosos] pedaços... OC.

bem poucas vezes, para determinadas observações delicadas sentirem; cinza fria de afetos, debaixo da qual arde a radiante, rubra constelação de um anelar do espírito, cuja complexidade o entendimento comum dos homens não apreende nem percebe.

Natureza calma, contemplativa, que a placidez das montanhas e os aspectos quietos, remansosos do campo pacificaram, ele se apura e delicia na nobre convivência, na grandeza mental dos livros, onde a espiritualidade e o esmalte da forma pedem a atenção dos sentidos civilizados.

7. Decaído (1897)

Arrebatado n'um violento rodomoinho²⁷³, n'um verdadeiro ciclone de paixões, o que esperas, Tu, Sátiro tricórnio e bufo, que resfolegas e inchas de pantagruelismo e luxúria – tricórnio como trifloro, – com três hirtos cardos agudos?!

O gozo das mórbidas concupiscências tomou,²⁷⁴ para a tua idiosincrasia afetada do Infinito, aspectos soturnos e miríficos, efeitos mais do que genuinamente capros, mais do que virtual²⁷⁵ e genitalmente eróticos, d'uma

* No. 82495 - FCRB , M c/ass, s/loc e c/num. OC p. 730-732.

** *Rosa-Cruz*, Rio de Janeiro, anoI, no. IV, set/1901.

²⁷³ ARREBATADO NUM VIOLENTO RODOMOINHO, OC.

²⁷⁴ ... tomou para...(pont.) OC.

²⁷⁵ ... mais do que (**virtual e**) genitalmente... OC.

insânia ingênita e transcendental de lascívia; e isso de tal forma supersexual intensa, que és apenas um simples Sátiro tricórnio e bufo e não és mais Diabo magno e sulfúreo, nem radiantemente belo e horrível Arcanjo de maravilhosas asas colossais e flamipotentes²⁷⁶ de fundas envergaduras a ouro fosco e bronze, mas um Satanás suíno e gongórico, um Sileno senil tatuado das equimoses do Vício, tremendamente decaído nos abismos torvos...

Êxtase, indefinidos espasmos estéticos, que espiritualizavam outr'ora em eras primitivas²⁷⁷ os teus estranhos olhos d'águia, cheios de um fulgor de epopéias, operaram nesse maquiavélico, complicado organismo, evoluções, metamorfoses, profundas transfigurações; e a tua cabeça titânica, satânica, cortada, detalhada fundo nas auréolas negras das supremas Blasfêmias e dos

²⁷⁶ ... flamipotente[s], de ...(pont.) OC

²⁷⁷ ... eras primitivas, os....(pont.) OC

Anátemas, cantou e radiou vitória, triunfou milenariamente²⁷⁸ das outras frívolas, desfantasiadas cabeças.

Era a conquista real do Sonho, em que a tua cauda espiralante e magnética ia traçando caracteres simbólicos e feiticeiros e em que os teus cornos tetros e sibilinos, expressivamente assinalados como a coroa genial e hostil da Rebelião, davam o ritmo, com a cauda espiralante e magnética, das divinas sinfonias da Imaginação.

Porque, Tu, criador legendário das Ideogenias! velho Ideólogo imortal!, desde logo foste o Deus²⁷⁹ uno e trino, o Todo-Poderoso do Sonho, fascinando almas e almas, almas e almas e²⁸⁰ arrastando-as frementes²⁸¹ aos teus lagos noturnos e chamejados, originalmente brotando da condensação de biliões de noites sem estrelas, porque já eram abstratamente²⁸², esses chamejados

²⁷⁸ ... triunfou **milenarmente** [**milenariamente**] das... OC.

²⁷⁹ ... o **deus** [**Deus**] uno... OC

²⁸⁰ almas e almas , (**e**) arrastando-as, frementes,... (pont.) OC.

²⁸¹ ... arrastando-as, frementes,... (pont.) OC.

²⁸² ... já eram, abstratamente, esses... (pont.) OC.

lagos noturnos, estrelados de Ideal.

E os teus cornos tetros e sibilinos, dominando amplidões, esgarçavam, rasgavam, defloravam os diáfanos véus nevoentos das Nuvens²⁸³ onde o segredo dos viços e germens ocultos, das virgindades brancas, das castidades tenras, das originalidades puras, dormia, mumidamente, sonos seculares e ignaros.

E esse segredo e mistério que dormiam perpétuos sonos, n'um dormir infinito de fenômenos, Tu, com a significativa mágica do Ideal, fizeste para sempre acordar e circular e mover e febricitar de vertigens e alucinações a terra.

E esse abençoado e prodigioso bem fecundou admiravelmente a terra, semeou constelações nos mares, tocou de auroras os temperamentos, floresceu de rosas, de madressilvas e lírios, as leves, as sutis espiritualidades humanas.

²⁸³ ... das Nuvens, onde... (pont.) OC.

Uma seiva do Desconhecido errou e cintilou por toda a parte, inundou tudo; e as púrpuras palpitantes de um novo Idealismo se desdobraram como firmamentos ou majestosos mediterrâneos.

Mas hoje, que o teu mundanal e soberano domínio é bem raro já, que todo o esplendor das tuas flavas, flamejantes glórias é já remotamente e olvidadamente passado, não és mais o excelso, o preclaro Sátiro fixo, o Diabo prófugo e ágil, aventureiro e sábio, que noctivagou em gôndolas por Veneza, nos estrelados idílios; que cantou outr'ora baladas aos astros aristocráticos com o seu bandolim de luar e o seu perfil mais aristocrático ainda; que apaixonou e languesceu as monjas com as suas curiosas lendas enevoadas e rendilhadas; que foi o Gentil-Homem da Aventura e da Graça nas Cortes²⁸⁴ de Luiz Quinze; que

²⁸⁴ ... nas cortes [Cortes] de... OC.

dourou e enflorou toda a Grécia e fecundou de Poesia e Arte o antigo Inferno mítico.

Arrebatado n'um violento rodomoinho, n'um verdadeiro ciclone de paixões, és agora o Sátiro tricórnio e bufo, o membralhudo e velho histrião devasso, que resfolegas e inchas de pantagruelismo e luxúria.

Não és mais o delicado deus artista, que eu muita vez vi, através das brumas azuladas da fantasia, pelos contemplativos crepúsculos da Alemanha, cismando, envolto n'um resplendor de imponderáveis saudades e nostalgias, tocado dos supremos desdéns, sentado junto aos pórticos medievais com as alongadas, esguias pernas mefistofélicas fidalgamente cruzadas em x.

E te perpetuas agora, através da universal harmonia, no equilíbrio sempiterno, Belzebu obeso e bonzo, inchado de concupiscência e tédio, ignobilmente obsceno, grotesco e esfingético, sonâmbulo

de melancolias, tragicamente triste, atirado para um canto obscuro das Idades, como a truanesca e monstruosa figura orgíaca, báquica e pantagruélica do Vício!

Cruz e Sousa

8. Doença psíquica (1892)

Que mal nos fez a vida,²⁸⁵ ó serenos filósofos, para encherdes do mais negro Pessimismo, como de uma treva soturna²⁸⁶ e dolorosa e de um rio de sangue eternamente caudaloso?!

Para ti, Shopenhauer, a existência é a materialidade;²⁸⁷ o alimento, para ti, é apenas a necessidade de prevalecer na luta à força para a função dos órgãos nervosos, a bem de que se propague a espécie; – enquanto que para outros, ó sombrios monges do Pensamento, o alimento é a lascívia, a luxúria²⁸⁸ da carne,²⁸⁹ que fazia, desde os romanos a carne²⁹⁰ viçosa e rica.

Basta, para ti, que o estômago metodicamente funcione na normalidade cronométrica²⁹¹ de um relógio, a fim de que tenhas a positiva segurança de que subsiste aos vermes e a seca dissecação dos fenômenos da natureza.

No entanto, para outros, o sentimento palatal educado, gozando o requinte,²⁹² das iguarias faustosas, de incomparáveis “gourmandices”, as vaporosas luminosidades, de dourados vinhos,

*no. 82496 - FCRB M c/ass, s/loc e c/num. OC. P. 723-724.

** *Novidades*, RJ, 26/03/1892.

²⁸⁵ QUE MAL NOS FEZ A VIDA,... OC.

²⁸⁶ ... treva noturna[soturna] e... OC.

²⁸⁷ ... a materialidade, o alimento... (pont.) OC.

²⁸⁸ ... é a lascívia, a **lascívia** [**luxúria**] da carne... OC.

²⁸⁹ ... a Carne viçosa... OC.

¹³⁸ ... o requinte das iguarias... (pont.) OC.

apenas bastam para que os sonhos sejam felizes e o sorriso seja alegre.

Para esses, os alimentos, como no Oriente o fumo, têm insubstituíveis encantos, voluptuosas graças de viver, que atilam,²⁹³ acendem a imaginação, fazem abrir e flamejar por todos os pontos, do mundo, infinitamente os mais inauditos sóis do espírito.

Neles, a vida é um²⁹⁴ fluido, um alado perfume, de úmidas bocas purpúreas de rosa, de níveos colos cor de camélia, de veludosos seios macios como a alva plumagem fresca de um pássaro real; um amoroso ansiar de etéreos olhos de estrelas atravessando em visão, claros e pesados de luz, com o brilho aceso e ardente de preciosas e raras pedrarias, a quase extinta noite remota das recordações.

Para ti, Shopenhauer, os seres orgânicos não têm senão o caráter essencial da concorrência²⁹⁵ vital e representam no mundo funcionalmente, o mesmo valor dos elementos inorgânicos, químicos e físicos da terra.

Assim, a pedra, o fogo, o ar, a água, são tantas forças complexas da vida como o homem – ou labore pelo psiquismo, num século de livros, sob o complicado aparelho da ciência, ou simplesmente, ame, seja fator da evolução humana,

²⁹³ ... que **atilam** [**afilam**], acendem... OC.

²⁹⁴ Neles, (**a vida**) é um fluido... OC

²⁹⁵ ... essencial da consciência [**concorrência**] vital

dando a forma do Amor, ao princípio genesíaco da sexualidade²⁹⁶.

Por isso, ó egrégio, magnificente filósofo alemão, eu, que no entanto sinto e percebo a sua radiante²⁹⁷ e clara verdade, que brilha e fere como arestas agudas,²⁹⁸ de um cristal, - verdade aceita pelos homens sob a nebulosa denominação de Pessimismo, - eu tenho tédio, profundo, supremo, e inesgotável tédio, vendo que a vida orgânica é toda ela adstrita à matéria, e que apenas, para ser feliz, nada mais é preciso do que ter a estrutura de um forte e belo animal premunido de garras, para o assalto de dentes para devorar e com a regular circulação²⁹⁹ do sangue para o equilíbrio,³⁰⁰ do coração e do cérebro.

Cruz e Sousa

9. Écloga (1891)

²⁹⁶ ... princípio genesíaco da **sensualidade** [sexualidade]... OC.

²⁹⁷ ... a **sua** [**tua**] radiante... OC.

²⁹⁸ ... arestas agudas de um ... (pont.) OC.

²⁹⁹ ... a regular circulação do... (pont.) OC.

³⁰⁰ ... o equilíbrio do coração... (pont.) OC.

À hora do sol,³⁰¹ por estes tranqüilos sítios afastados, goza-se os montes vestidos de um polvilhamento de ouro; as perspectivas deliciosas na matinal e ruidosa expansão da luz; estes luxos bizarros e tons quentes de estio, onde parece que Sátiros lascivos vão trepando e saltando pelas escarpas calcárias e pelos socalcos pedregosos, entre o verde lustroso e denso da folhagem da mata e os encachoeirados, tormentosos rios.

Galharda natureza esta, de manhã, cheirosa e sadia, em que o jorro da vida vertiginosamente entra e circula pelos pulmões em ar e aroma, dando uma fremente e forte

* No. 82497- M s/ass, s/loc e c/num. OC p.690-692.

** O Tempo, Rio de Janeiro, ano I, no. 16, 5 jun/1891 e Rosa-Cruz, Rio de Janeiro, ano I, no. III, ago/1901.

³⁰¹ À HORA DO SOL, OC.

sonoridade aos órgãos humanos, como vibrante clarim de batalha que nos soprasse metalicamente ao peito, enchendo-o de ecos, de alvoroço, de música e rumores.

Por aqui estende-se, amplia-se, alarga-se por aqui o céu verde das copadas ramagens das árvores – e nada mais idilial e bucólico, nada mais virgiliano e pastoril do que estes aspectos sagrados, quase bíblicos, onde a écloga rebenta de cada tufo perfumoso de rosas, de cada serpente elétrica de hera, de cada pâmpano báquico de vinha, de cada ramo salitroso de murta e de cada concha rosada

e branca nas finas e claras praias, além, onde o mar espumeja doce, parecendo trazer no fluxo e refluxo das suas ondas cantantes a olímpica e serena recordação da mocidade e da formosura da Grécia, ritmada em flóreas canções de Afroditas engrinaldadas de algas...

Montes e vales, vales e montes, faz bem percorrer aqui estes religiosos recantos, estes saudosos retiros, onde parece que o passado, que tudo o que está longe, que tudo o que está remoto, ilusões e eras, tudo aí se veio refugiar e vive um momento agora da nossa presença, da nossa alacridade, do nosso humor, que nós nababescamente derramamos por todas estas paisagens, entre estes pássaros que cantam e voam, purificando-se no Azul, como os palpitantes pássaros alados

do inquieto, do vertiginoso Espírito.

Encantaria ser pastor, para galgar esses penhascos solenes, para subir essas alcantiladas serras e ver borbotar d'elas a água fresca, em finos e prateados fofos vaporosos de espuma,

abundante, em turbilhões impulsivos porejando virgem das origens recônditas, como grande força represa, insubmissa e elementar da Natureza, rebentando e surgindo das profundas entranhas rijas da terra e dominando, enchendo, avassalando a amplidão do ar.

Encantaria ser pastor,³⁰² para ir, cedo, na luz, campos em fora, peludo e florestal como Pan, no vigoroso esplendor de sangue da força de um touro novo, por entre a exuberante luxúria vegetal, apascentar os mansos rebanhos alvos de arminho das nostálgicas ovelhas, que balassem, desoladamente,

n'uma compunção evangélica; e conduzi-las após ao redil,³⁰³ já tarde, na roxa melancolia das tintas da noite – enquanto a lua, fluida e fria, nevasse as tenras culturas e subisse então infinitamente o céu – e enquanto, à distância, longe, no ermo, uma leve e flutuante fita de

³⁰² Encantaria ser pastor para ir, cedo... (pont.) OC

³⁰³ ... após, ao redil... (pont.) OC.

voz se desenrolasse, esvoaçasse e perdesse ao longo e ao largo pelas quebradas na mais harmoniosa e apaixonada cantiga!

Ah! Roma antiga! Ah! Grécia! Ah! Paganismo! Quanto melhor não fora pecar na primitividade dos instintos e dos impulsos, alma espiritualizada no ideal abstrato, existência votada aos cultos soberanos da matéria e tendo para equilíbrio no requinte da calcinação do entendimento, o requinte da elaboração do sentir e do gozar – aberto em chamas no sangue,

aberto em chamas nos nervos, aberto em chamas na carne – até ao supremo aniquilamento final, no qual a morte era como uma nova espécie transcendental de concupiscência e lascívia mais requintada ainda, por isso que era original, desconhecida inteiramente para esses que a experimentavam.

Antes nascer e morrer n'um leito de rosas, amando e gozando rosas, coroado de rosas, como um romano ou como um grego, no mais virtual e mítico paganismo, do que ter-te a ti, vida consciente e disciplinar, como a tremenda esfinge de pedra, colossal e terrível, sufocando, esmagando a seiva, o ímpeto, uma corrente de desregramento animal que há no fundo de todo o organismo, no fundo de todo o temperamento.

E é por isso que dá um instintivo desejo de pastorear e que se sente uma emoção do mesmo modo instintiva, quando essas imaculadas existências campestres, rudes, mas angélicas e sãs na sua casta nudez de sentimentos, nos sulcam a alma como um clarão, a iluminam e a cobrem de esplendor, desdobrando-nos ante os olhos estupefatos, como

opulentas, riquíssimas lhamas rutilosas de diamantes, as magnificências reais do mais profundo e germinal Amor!

10. Formas e Coloridos

A Abelha (1897)

Naquele dia³⁰⁴ a industriosa abelha iriada, como surgisse a manhã n'um fulgurante pó branco de neblinas e ela fosse a desferir o vôo até à colméia onde trabalhava, nos quentes verões³⁰⁵, com outras companheiras;³⁰⁶ perdeu-se em caminho, entre o nevoeiro, como se a cegasse de repente ali aquela alva irradiação matinal de neblinas.

Contudo, animada por uma chama intensa e viva, e que outra coisa não era mais do que o amor à carinhosa colméia, tentava sempre romper o nevoeiro, ir através da bruma espessa, penetrar nela num arrojo mais de vôo, fazendo um pequenino orifício por onde pudesse atravessar, feliz e gloriosamente, o seu gentil organismo diminuto e alado. Mas em vão! A cada esforço empregado em distender para frente³⁰⁷ as asas débeis, a cada ímpeto resoluto, a cada impulso

tenaz, parecia que a neblina se obstinava em condensar-se, em intensificar-se mais; e estava esta luta já assim há tempo continuada resultando talvez num triste perigo para o volatizado ser microscópico e sonoro, quando, finalmente, num golpe de luz – ó sol

* No. 82498 - FCRB – M c/ass, s/loc e c/num. OC p. 733-734.

** Em OC, encontramos em Formas e Coloridos os textos: Abelha, Obsessão da noite, Hora certa, Rosicler e Beijos mortos. Apenas os textos: Abelha e Obsessão da noite, versão 1 e 2 foram intitulados por Cruz como Formas e Coloridos.

³⁰⁴ NAQUELE DIA...OC.

³⁰⁵ ... nos quentes **serões** [**verões**]...OC.

³⁰⁶ ... companheiras, perdeu-se... (pont.) OC.

³⁰⁷ ... distender para **a** frente...

irrompeu;³⁰⁸ surgiu, subiu festivo e triunfoso para o alto, como um redondo cano de ouro cheio de molhos inflamados de loiras espigas ardendo.

Perante o brusco emergir flamejante do sol, a rapidante³⁰⁹ abelha mais ainda se entonteceu e deslumbrou então; e tanto se deslumbrou e entonteceu que jamais conseguiu vencer a fina gaze diáfana, que³¹⁰ agora, com o súbito clarão já se ia esvaindo no ar...

E era inefável, deliciava entretanto ver a abelha presa no éter, sem poder caminhar, sem poder voar, suspensa no azul e doirada pelo sol, como uma leve gota que o sol deixasse pender no espaço, caída das suas rutilantes pedrarias

de raios³¹¹ e librada apenas nos imperceptíveis fios sutis do fluido luminoso.

³⁰⁸ ... - sol irrompeu; surgiu... (pont.). Mantém-se como em OC.

³⁰⁹ ... a rápida [...] abelha...OC rapidante, nd.

³¹⁰ ... diáfana, que, agora, com... (pont.) OC.

³¹¹ ... de raios, e librada... (pont.) OC.

Ah! se a abelha pudesse enviar recado à colméia, às companheiras, que a viessem tirar bem depressa d'ali!

Mas quem sabia onde era a colméia?

Os reis, que habitam lá acima³¹² os claros palácios do³¹³ luxo, entre soberanos confortos sedosos? Os ministros que passam lá embaixo no culto rumor da cidade, fechados no seu *coupé*, lendo jornais, como dentro de um rodante e tépido gabinete de estudo?

A rapariga do campo, que através da frescura dos fenos leva o gado a pastar na grama vasta e viçosa que cintila e fuma pelas manhãs?

Quem sabia onde era a colméia?!

Ninguém o saberia decerto! E essa tênue e voejante abelha, embora solta da trama da luz e não obstante claramente saber para que lados ficava a

³¹² ... que habitam, lá acima, os... (pont.) OC.

³¹³ ... palácios **de** [do] luxo, entre... OC..

colméia, erraria em vão pelos vales cheirosos, perdida para todos os pontos,³¹⁴ daqueles virgens, castos vergéis, - porque esse tempo gasto a vaguear e a vacilar na neblina a cobriria de receio em³¹⁵ comparecer mais,³¹⁶ uma vez só que fosse, à presença das outras, sem que sentisse nos seus dormentes e enxameados zumbidos a mais acusadora censura e a queixa mais penetrante às horas que, no exigente pensar egoísta e caprichoso das companheiras, ela andara à toa no campo em flor³¹⁷ amando e sugando alguma pétala, em vez de ir, por essa³¹⁸ radiosa manhã para o trabalho, abrir³¹⁹ no favo de mel, as curiosidades artísticas e os arabescos³²⁰ filigranados da efervescente colméia.

Também, ó imaginária criatura amada! a peregrina abelha de³²¹ meu sonho, voando um dia para a vida, foi logo em viagem surpreendida pelas profundas névoas impenetráveis das

³¹⁴ ... todos os pontos daqueles... (pont.) OC.

³¹⁵ ... cobriria de receio **de [em]** comparecer... OC.

³¹⁶ ... comparecer, mais uma... (pont.) OC.

³¹⁷ ... em flor, amando... (pont.) OC.

³¹⁸ ... ir por essa **radiosa**... (pont.) OC.

³¹⁹ ... abrir, no favo... (pont.) OC.

³²⁰ ... artísticas **aos [e os]** arabescos... OC.

³²¹ ... abelha **do [de]** meu sonho... OC.

desilusões, e, sem poder nem prosseguir nem recuar, vencida pela distância e pela altura vertiginosa do ideal, perdeu para sempre, para nunca mais encontrar, o desejado rumo, o caminho fluido, luminoso e gorjeante, que vai dar ao teu coração.

Cruz e Sousa

Formas e coloridos

Obsessão da noite (1897)

Vem, Tartufo, rir ao pé de mim a tua risada de fel.

O sol ,em cima,³²² ri a sua risada da aurora, que tudo aclara e resplende.

Mas é em vão para essa risada de luz, que jorra d'alto sobre tudo, que tudo ilumina e clarece.³²³

Quero-te a ti, risada de fel, Tartufo! Quero-te a ti, risada³²⁴ do crime, risada da noite, risada da treva.

Apavora-me esse sol³²⁵ eterno, a flamejar, incendiado na altura, porque ele todas as coisas põe em relevo.

Eu não que essa aflitiva evidência da luz – que ri das nossas chagas, ironiza o nosso amor e avulta o nosso remorso.³²⁶

Quero a sombra que esbate os claros aspectos, que esfuminha

* No. 82498 FCRB – M c/ass, s/loc e c/num. OC p. 734-735 versão 1.

³²² O sol em cima... M Mantém-se pontuação de OC.

³²³ ... ilumina e **floresce** [**clarece**]... OC.

³²⁴ ... a ti, risada do... M Mantém-se pontuação de OC.

³²⁵ ... esse sol, eterno,... (pont.) OC.

³²⁶ Este parágrafo em OC faz parte do anterior.

os longes, que enevoa e quebra a linha,³²⁷ dos corpos.

A sombra que desce, que se desdobra em noites,³²⁸ em trevas amargas.

Esse luto etéreo que tudo esconde e faz repousar no mesmo vasto silêncio.

O luto que esconde o crime e esconde a dor, que confunde a máscara hedionda de Gwymplaine com a máscara loura de Vênus.

Esse luto, essa noite, essa treva é que eu desejo. Treva deliciosa que me anule entre a degenerescência dos sentimentos humanos. Treva que me disperse nos caos,³²⁹ que me eterifique, que me dissolva no vácuo, como um som noturno e místico de floresta, como um vôo de pássaro errante.

Treva sem fim, que seja o meu manto sem estrelas que eu arraste indiferente e obscuro pelo mundo afora, arredado dos homens e das cousas, confundido no supremo movimento da natureza, como

³²⁷ ... a linha dos corpos (pont.) OC.

³²⁸ ... se desdobra em **noite [noites]**... OC.

³²⁹ ... **no [nos]** caos... OC.

um ignorado braço de rio, que através de profundas selvas escuras vai sombria e misteriosamente morrer no mar...

Nela é que eu quero afundar-me, na noite que me defende da lesma humana que babuja ao sol, à grandeza da luz.

Nela é que eu quero viver, na treva que me despe da realidade da vida, que me sepulta e piedosamente consola.³³⁰

Ela tem a majestade para me apagar da vista esses mil animais sinistros e terríveis que, em múltiplas formas diversas, mordem sempre caminhando para mim ao clarão do dia em truculenta marcha cerrada de massas pesadas e formidáveis.

Quero, ó noite niveladora, fria água negra das solidões infinitas³³¹ ir preso nas tuas asas e perder-me, insensivelmente vagar – átomo desconhecido, talvez a gerar longe o mundo estranho³³² de uma nova Dor!³³³

Cruz e Sousa

³³⁰ Em OC este parágrafo pertence ao anterior.

³³¹ ... infinitas ir preso... (pont.) M.Mantém-se como em OC.

³³² ... o mundo [**estranho**] de uma ... OC.

³³³ Em OC este parágrafo pertence ao anterior.

Formas e coloridos

Obsessão da Noite. (1897)

Vem, Tartufo, rir ao pé de mim a tua risada de fel.

O sol em cima ri,³³⁴ a sua risada de aurora, que tudo aclara e resplende.

Mas é em vão para essa risada de luz, que jorra d'alto sobre tudo, que tudo ilumina e floresce.

Quero-te a ti, risada de fel, Tartufo! Quero-te a ti, risada do crime, risada da noite, risada da treva.

Apavora-me esse sol, eterno, a flamejar, incendiado na altura, porque ele todas as cousas põe em relevo. Eu não quero essa aflitiva evidência da luz – que ri das nossas chagas, ironiza o nosso amor e avulta o nosso remorso.

* No 82498 FCRB. M c/ass, c/num e s/loc. OC p. 734-735. Versão 2.

³³⁴ O sol, em cima, ri... (pont.) OC.

Quero a sombra que esbate os claros aspectos, que esfumina os longes, que enevoa e quebra a linha dos corpos.

A sombra que desce, que se desdobra em noite, em trevas amargas.

Esse luto etéreo que tudo esconde e faz repousar no mesmo vasto silêncio.

O luto que esconde o crime e esconde a dor, que confunde a máscara hedionda de Gwympaine com a máscara loura de Vênus.

Esse luto, essa noite, essa treva é que eu desejo.

Treva deliciosa que me anule entre a degenerescência dos sentimentos humanos. Treva que me disperse no caos, que me eterifique, que me dissolva no vácuo, como um som noturno e místico de floresta, como um vôo de pássaro errante.

Treva,³³⁵ sem fim, que seja o meu manto sem estrelas que eu arraste indiferente e obscuro pelo

³³⁵ Treva sem fim, ... (pont.) OC.

mundo afora, arredado dos homens e das cousas, confundido no supremo movimento da natureza, como um ignorado braço de rio, que através de profundas selvas escuras vai sombria e misteriosamente morrer no mar...

Nela é que eu quero afundar-me, na noite que me defende da lesma humana que babuja ao sol, à grandeza da luz.

Nela é que eu quero viver, na treva que me despe da realidade da vida, que me sepulta e piedosamente consola.

Ela tem a majestade para me apagar da vista esses mil animais sinistros e terríveis que, em múltiplas formas diversas, mordem sempre caminhando³³⁶ para mim ao clarão do dia em truculenta marcha cerrada de massas pesadas e formidáveis. Quero,³³⁷ ó noite niveladora, fria água negra das solidões infinitas, ir preso nas tuas asas e

³³⁶ ... sempre, caminhando... (pont.) OC.

³³⁷ Quero, ó noite... (pont.) Mantém-se a pontuação de OC. Quero ó noite... M.

perder-me, insensivelmente vagar – átomo desconhecido³³⁸ talvez a gerar longe o mundo
estranho³³⁹ de uma nova Dor!

Cruz e Sousa

³³⁸ ... átomo desconhecido, ... (pont.) OC.

³³⁹ ... o mundo (**estranho**) de uma nova... OC.

11. Fugitivo Sonho (1897)

Pouco sentiria ³⁴⁰eu que o teu olhar fulgisse e a tua voz vibrasse, se tu não fosses a loura e sugestiva Imagem que vi em sonhos e ainda hoje entre os nimbos da memória me aparece, terna como as baladas antigas.

Eu não digo que seja o luzido e bizarro cavaleiro medieval de nobre coturno e cinzelada espada d' aço polido, retinindo e fulgindo,

* No. 82499 - FCRB – M s/ass, s/loc e c/num. OC p. 732-733.

** *Rosa-Cruz*, Rio de Janeiro, ano I, no. IV, set./1901.

³⁴⁰ POUCO SENTIRIA... OC.

que te aguarde na rendilhada sala gótica, ou nos pátios de mármore, ou nos balcões em flor, para fugirmos, alucinados e errantes, por alguma escada de seda, n'algum nitrir do corcel.

Tu és bem louca e bem fria para esses medievos arrojados, para esses aventureiros jogos florais, e,³⁴¹ eu sou, talvez, em demasia, tímido para arriscar-me a tais assaltos, que romanticamente e naturalmente teriam de ser ao luar, na vaporosa e velada voluptuosidade da lua, como nesses lascivos jardins do Capuleto aquela sonhadora Julieta e aquele pálido Romeu arrulhando em abraços e beijos.

Mas tu cantaste. Cantaste. E o que eu tinha já morto nas recordações ressurgiu, enfim, nesse canto.

Tu cantaste e eu, enfim, revivi e resplandeci para o Amor.³⁴²

A tua garganta, fina, aristocrática, fazia voar, como

³⁴¹ ... florais, e eu sou... (pont.) OC.

³⁴² Pertence ao parágrafo anterior OC.

um pássaro branco, uma voz alada, cuja harmoniosa sonoridade penetrava, escorria pelo meu ser como raro³⁴³ líquido unctoso...

E eu parecia diluir-me em essência, em leves eflúvios, nos gorgeios, nos límpidos trinados, nos apaixonados, impetuosos vôos altos da tua voz – pura, clara, clara, fresca e aberta no ar – amplo firmamento estrelado desenrolado³⁴⁴ por sobre mim odorante dilúvio de luar, - ou como um pássaro branco e estranho que por ali surgisse, abrisse, rufasse, batesse fremente as asas para além dos etéreos seios virgens das empíricas regiões...

Tu cantaste, trinaste, desfolhaste em rosas, fizeste esvoaçar em abelhas e borboletas radiantes todas as músicas, todas as emotivas canções, todas as barcarolas e baladas em que há névoas de³⁴⁵ lágrimas e essas lágrimas – tanta era a melodiosa

³⁴³ ... como **vago** [**raro**] líquido... OC.

³⁴⁴ ... estrelado **desenrolando** [**desenrolado**]... OC.

³⁴⁵ ... névoas **e** [**de**] lágrimas... OC.

tonalidade da tua voz – quase que as sentia eu passar, nítidas, cristalinas, através da transparência do canto que constelava sonoramente o ar como um luminoso tecido de finos fios melódiosos.

E, enquanto dessa forma, em requinte funcionava em mim o extasiado sentimento, o teu olhar fulgia e a tua voz vibrava, vibrava, vibrava infinitamente, n'um esplendor harmonioso e claro, fazendo evocar a expressão feérica de uma lua muito branca do alto cantando sonoridades de prata, subindo céus acima o espasmo branco e tépido da tua voz, como se tu fosses arrebatada, céus acima,³⁴⁶ astros acima, por legiões luminosas e gloriosas de águias, cantando...

³⁴⁶ ... sonoridades de prata, subindo céus acima, (**o espasmo branco e tépido da tua voz, como se fosses arrebatada, céus acima,**) astros acima, por legiões luminosas e gloriosas de águias, cantando... OC.

12. Hora certa (1897)

Inexoravelmente,³⁴⁷ imperturbavelmente, na inevitabilidade de um pêndulo estranho, o último suspiro há de soar, na hora atroz, que reboará soturna como por cavernas e subterrâneos.

Com a alma supliciada de nevroses, assediada por ciúmes inquisidores, através de trêmulos angustiantes de violinos, o Agonizante elevará os olhos claros,

* No. 82500 FCRB – M s/ass, c/num e s/loc. OC p. 735-736.

³⁴⁷ INEXORAVELMENTE,... OC.

cheios já da transfulgência de outras esferas e aspirará, ainda, gemente, Águia triste de solenes asas despedaçadas, os desejos esparsos, perdidos, que para além ficaram no clamor atordoante da Vida.

Como por um mapa fabuloso, viajará ainda a imaginação desfalecida pelas regiões de outr'ora, onde se agitaram, vivas e palpitantes, todas as grandes forças do seu sentir.

E, diante dos olhos adivinhadores de belezas secretas; dos olhos penetrantes e gozadores que pousavam inteligentemente nas cousas com finas asas ideais, amando-as, envolvendo-as n'uma chama de sentimentos, nobres olhos de emoção e profundidade; dos olhos, cujo entendimento cintilava quando olhavam curiosamente tudo; diante dos olhos do Agonizante desfilará então a Visão

do seu Ideal – Beleza tão radiante, tão doce, que lhe lembrará ao mesmo tempo a frescura iluminada de um vale e a profunda pompa noturna das estrelas.

O muito que odiou e o muito que amou, os traços reveladores do seu espírito, formas de enunciação, características de sentimento, ondulações voluptuosas de som, tudo, como um fumo, lhe tecerá brumas na retina; e certas recordações já nebulosas na memória, certas tempestades d'alma, já entrecruzadas, difundidas e repercutidas na tempestade das Esferas, tudo, como um fumo, lhe tecerá brumas na retina.

Soberbos oceanos de imaginação onde mergulhou seguro, o desenterramento da sua Obra, do Escuro para a Luz, ressuscitando-a das sepulturas do Nada e fazendo-a logo abrir clarões e asas no Espaço, tudo, tudo há de ecoar,

em extremo, nos desvãos do seu cérebro a fenecer, como a vibração esmorecidamente saudosa de rouca fanfarra longínqua no fim crepuscular de triste e avante vitória assinalada por aclamações e festões de louros, regada abundantemente pelo vinho quente e humano do sangue.

E, lembrando cousas, revendo todas as veredas passadas, como quem revolve poeira, se o Agonizante achar então que afinal lhe doeu muito a Vida, consolado morrerá de que sofrendo por todos teve assim a mais bela e nobre purificação e consagração da Dor.

E, de reminiscência em reminiscência, consultando no largo, no amplo, no formidável mostrador do Tempo as horas certas do Mundo, - a hora certa para o Amor, a hora certa para o Ouro, a hora certa para o Ódio, - sentirá, então, claro, nítido,

evidente na eloqüência fatal do último suspiro - concentração tremenda de todos os círculos tremendos do Ser – sentirá então que a única hora certa, ó Vida !, é a hora da Morte, quando o último suspiro soa, trêmulo, marcando o inevitável rumo, como um pêndulo estranho que marca horas imponderáveis caindo inexoravelmente, imperturbavelmente...

13. Nicho de Virgem (1891)

Loura,³⁴⁸ n'uma frescura de prados atravessados de luar, de madressilvas floridos, ou, morena, tostada a pele virginal de fino fruto aromado, assim é que eu te vejo dentro do nicho da tua alcova, quando, no alto do teu claro palácio, uma janela me aparece iluminada na noite.

Bem por vezes o firmamento suntuoso d'estrelas espalha no silêncio da

* No. 82502 - FCRB - M s/ass, s/loc e c/num. OC p. 702-703.

** *Novidades*, 08 ago. 1891.

³⁴⁸ LOURA... OC.

natureza uma irradiação eucarística de sacrário e no meu ser viva chama sideral³⁴⁹ de emoção.

E, bem por outras vezes, uma estrela, só, surge com um brilho aceso, coruscante, pelo firmamento tranqüilo, quando eu, amorosa e instintivamente, olho a janela do santuário em que tu às vezes na noite apareces, como se olhasse a estrela em cima.

E fico a meditar, languidamente, nos linhos, nas bretanhas e cambraias finas dessa alcova, nas painas alvas do teu leito, onde a tua vida de astro resplende na nudez da carne.

Fico a meditar nessa serena beleza que brilha e canta na capela mística do Amor, n'um nicho de prata e esmeralda, com o esplendor das Virgens, por entre ritmos e timbres diamantinos e verdes.

Idealizo logo majestosos salões iluminados, ondulosas, vaporosas nuvens de valsas, amantes entrelaçados,

³⁴⁹ ... meu ser viva chama (**sideral**) de emoção... OC.

n'um noivado de aves, por entre exalações de aromas voluptuosos, inebriando-te, fascinando-te em sonhos o cérebro delicado.

Um véu³⁵⁰ tenuíssimo, como que tecido de névoas, pende-te candidamente da cabeça enflorada e radiante; tens suntuosidades e linhas harmoniosas de harpas e elances augustos, etéreos, idealidades soberbas e sonhadoras, de arcanjo, cujas néveas e transluzentes asas vão desprender vôos inefáveis, celestes; os teus olhos fulguram com tão incomparável fulgor e toda a tua formosura disere uma luz tão original, tão imaculada, tão nobre, que parece que as graças, os infinitos encantos, as eternas mocidades, só de dentro de ti, da tua carne, auroram.

E, na penumbra fidalga do nicho onde repousas, entre lustres e candelabros, esse vulto valquiriano, essa sombra doce de balada, formada das espirais d'incenso do teu próprio

³ Um **vôo** [véu] tenuíssimo... OC.

sonho, se esvairá, se apagará, por fim³⁵¹, como o último cintilar da luz no cristal dos lustres e dos candelabros.

E aí ficarás, só e dolente, fechada na treva da tua alcova, no cárcere de chumbo do sono, com as curiosas seduções e os eletrismos atraentes de veludosa serpente de volúpia, à espera que o sol, esmaltando a alta e branca janela do teu palácio, venha pela manhã³⁵² abrir-te os olhos no nicho das cambraias e das bretanhas; à espera que o sol, fabuloso dragão de asas consteladas, desprenda os seus vôos majestosos e rufle sonora e fulgentemente as asas sobre o teu corpo, surpreendendo-te a luxuosa florescência carnal e deixando escorrer das asas, sobre ela, como finos vinhos de ouro, cálidos e palpitantes, das estreladas³⁵³ Vindimas, o pólen claro e virgem das supremas fecundações – ó formosa e frívola Divindade que com os tentáculos magnéticos e fascinantes da Carne estrangula o mundo...

³⁵¹ ... se apagará (**por fim**), como o último... OC.

³⁵² ... venha (**pela manhã**) abrir-te os olhos... OC.

³⁵³ ... das **Estrelas das [estreladas]** Vindimas... OC.

14. Um novo livro (1887)

Ao eminente filósofo Dr. Gama Rosa

Da evolução, da luta, da tenacidade, da força e da vontade foi que se fez o homem moderno.

É isto que está ampla e indiscutivelmente comprovado pelas vastas teorias do século.³⁵⁴

Oliveira Martins, o poderoso filósofo da Biblioteca das Ciências Sociais e, ao que nos parece³⁵⁵ a maior força pensante de Portugal,³⁵⁶ um homem cujo espírito extraordinário, investigador, paciente e infatigável, coloca-o no mesmo paralelo de Spencer e Haeckel, diz³⁵⁷ na sua criteriosa e exatíssima História da república romana: “A antiguidade clássica foi equilibrada e por isso foi feliz, mas por falta de filosofia, caiu de um lado na depravação abjeta, do outro no naturalismo desenfreado; e, gregos e latinos, sepultados na

* No. 82503 c/ num e c/ass e c/local e data – FCRB, OC p. 763-769.

³⁵⁴ Em OC este parágrafo pertence ao anterior.

³⁵⁵ ... nos parece, a maior... (pont.) OC.

³⁵⁶ ... de Portugal um... (pont.) M. Mantém-se OC.

³⁵⁷ ... diz, na sua... (pont.) OC.

cova cristã, deram de si o homem moderno – mais fraco, mais atormentado, acaso porém maior, por isso mesmo que sofre mais.”

Mais fraco, mais atormentado exclama o filósofo!³⁵⁸ Mais fraco sim, porque a luta tem sido desfibradora, os meios terríveis e arestosos, e o organismo cada vez mais perfeito.

E o homem quanto mais se afasta,³⁵⁹ das formas rudimentares, primitivas da natureza, mais frágil, menos resistente vai ficando sempre, além de que, ³⁶⁰a falta de crenças e a perda constante de forças morais³⁶¹ o depauperam e atrasam. Mais atormentado ³⁶²porque a verdade adquirida pelo conhecimento dos fatos positivos o torna cada vez mais responsável; porque a sua individualidade está sempre no embate de todas as hostilidades³⁶³, de todas as contestações; porque precisa ter cotovelos de bronze para rasgar a crosta de anônimo, como bem pensa o ilustre literato italiano, o sr. Edmundo de Amicis; porque, finalmente³⁶⁴ traz a sua cabeça alta, acima daqueles que são ainda retardatários, e

³⁵⁸ Mais fraco, mais atormentado! Exclama... OC.

³⁵⁹ ... se afasta das... (pont.) OC.

³⁶⁰ ... além do que a falta... (pont.) OC.

³⁶¹ ... de forças morais, o ... (pont.) M

³⁶² Mais atormentado, porque... (pont.) OC.

³⁶³ ... de todas as **brutalidades** [**hostilidades**]... OC.

³⁶⁴ ... porque, finalmente, traz... (pont.) OC.

que a não podem trazer erguida na esfera azul das idéias.

O homem moderno não é o homem superficial, o homem visionário, o homem triste. A tristeza é uma condição de moléstia, está no organismo como a filoxera nas vinhas; e o homem moderno tem de ser alegre, porque tem de ser higiênico³⁶⁵ e não há melhor higiene do que a da alegria. É da saúde que vem a força e a força é a luz, a vitalidade, a cor, o tom e a juventude eterna da natureza. Devemos cuidar por isso³⁶⁶ em sermos saudáveis, fortes e higiênicos.

Tem-se falado, dito e escrito tanto sobre a direção que os espíritos têm tomado nestes últimos tempos, que parecerá ocioso e fútil demorarmo-nos no assunto.³⁶⁷

Mas há verdades que precisam ser bem elucidadas,³⁶⁸ bem combatidas, bem esclarecidas, gritadas a largos pulmões de touro, ao ouvido de muita gente atrapalhada, pessimista e fósfil, que ainda³⁶⁹ nos pequeninos centros, ri, canceia arruaçante, com chufas e pedradas anônimas de garoto, das teorias resplandecentes e triunfantes, dos homens da Ciência. E o nosso caso não é o outro senão o de fazer

³⁶⁵ ... de ser higiênico, e não... (pont.) OC.

³⁶⁶ ... cuidar, por isso, em... (pont.) OC.

³⁶⁷ Em OC este parágrafo pertence ao anterior.

³⁶⁸ ... elucidadas bem... (pont.) M. Mantém-se OC.

³⁶⁹ ... que ainda, nos... (pont.) OC.

desfraldar, bem claro nos ares, o branco estandarte dessas teorias que são verdadeiras descobertas, irrefutáveis verdades, incontraditáveis fatos.

As correntes influenciadoras que definiram e acertaram o pensamento novo são mais proveitosas, mais positivas, mais práticas. Podemos recebê-las como leis, não como gosto, nem como imitação ou moda. Nem o verdadeiro espírito de hoje tem moda ou imitação.

O que ele tem unicamente é a ação, é vontade, é força.

Ele está dentro de uma evolução, se quiserem, do seu momento, do seu estado de laboração³⁷⁰ psíquica³⁷¹ e daí é que sai, inteiro, fiel e nítido, para o jornal ou para o livro, o seu esforço mental, como um produto fotográfico das cousas. Não tem mais o pedantismo acadêmico, nem a retórica nem a gramática da convenção. Só admitiremos que ele receba idéias da realidade dos acontecimentos, das impressões poéticas e fecundíssimas da Natureza.³⁷²

A sua disciplina de homem, os seus modos de observar, o seu jeito de ter a dedução e a indução,³⁷³ dos fatos, são aprendidos³⁷⁴ naturalmente, por meio

³⁷⁰ ... estado de **elaboração [laboração]**... OC.

³⁷¹ ... psíquica, e daí... (pont.) OC.

³⁷² Em OC este parágrafo pertence ao anterior.

³⁷³ e a indução dos fatos são... (pont.) OC.

³⁷⁴ ... aprendidos, naturalmente, por... (pont.) OC.

de reiterados estudos e observações no mundo social.

Homem moderno não quer dizer homem da moda.³⁷⁵

Modernismo de desenvolvimento, aperfeiçoamento, convicção, verdade, natureza, processos de exatidão num dado assunto crítico, literário, artístico,³⁷⁶ ou científico.

Modernismo é aproveitamento, utilidade, vantagem de uma época sociológica sobre outra, etc, etc.

Emile Zola é um sociologista. É o que é o Germinal senão o clamor, o clarim atroante de uma grande crise social, que o notável psicólogo descreve admiravelmente, pedindo a justificação, a solidariedade e a consubstanciação dos princípios³⁷⁷ liberais e humanos,³⁷⁸ dos indivíduos das classes inferiores e ignorados? O que é Estevão Lantier? O que é Suvarine?

O romance *Germinal*, diz toda a gente!

Mas nós não entendemos os livros literários especiais,³⁷⁹ de observação e de análise sob esse título. Ficou,³⁸⁰ desde Balzac, desde os Goncourt, sem propriedade, sem significação.

O público os lê como se viessem,³⁸¹ da fábrica cerebral de Montepin, ou de qualquer outro.

³⁷⁵ Em OC este parágrafo pertence ao anterior.

³⁷⁶ ... artístico ou científico. (pont.) OC.

³⁷⁷ ... pedindo a justificação, [a solidariedade e a consubstanciação] dos princípios... OC.

³⁷⁸ ... humanos dos indivíduos... (pont.) OC.

³⁷⁹ ... especiais de... (pont.) OC.

³⁸⁰ Ficou desde... (pont.) OC.

³⁸¹ ... se viessem da fábrica... (pont.) OC.

Não se importa, não lhe dá que fazer o estudo, a faturação, o estilo.

Um livro literariamente escrito com a mesma proficiência científica e com a mesma certeza da técnica³⁸² com que Oliveira Martins trata das ciências sociais, não deveria ter na sua lombada,³⁸³ o título, já hoje gasto e romântico - de romance³⁸⁴.

É por demais escuro e insignificante para exprimir todas as colorações, todo o límpido cristal do espírito contemporâneo.

É a nossa opinião.

Depois³⁸⁵ desta rápida exposição da doutrina filosófica e literária de hoje, ou como pensem, vamos tratar de apreciar, ligeiramente, os fundos traços cavados de sinceridade, de lealdade e de justiça, como os traços de um colorido rubro e acre de Rubens, o carácter literário do belo provinciano³⁸⁶ que tanto nos impressiona e preocupa.

É uma banalidade e uma falta de senso prático dizer-se, uma inaptidão mesmo para adiantar outra coisa que há um elogio³⁸⁷ mútuo, superficial, quando um amigo trata dos merecimentos intelectuais de um outro amigo.

É infundado e mesquinho tal modo de pensar. Neste século de luta³⁸⁸ em que cada hora passa como um raio, em que

³⁸² ... da técnica, com... (pont.) OC.

³⁸³ ... sua lombada o título... (pont.) OC.

³⁸⁴ ... romântico, de romance. (pont.) OC.

³⁸⁵ Depois desta... (pont.) OC.

³⁸⁶ ... provinciano, que ... (pont.) OC.

³⁸⁷ ... outra coisa, **dizer-se** que há (**um**) elogio... OC.

³⁸⁸ ... de luta em que... (pont.) OC.

o homem não tem quase tempo de lançar os olhos sobre os acontecimentos da véspera, mais detidamente, com mais pausa, com mais vagar, porque tem de ocupar-se com o que vem adiante³⁸⁹ enflorecendo e estrelando mais e mais o firmamento³⁹⁰ das idéias, não quer dizer nada, nem importa³⁹¹ que um amigo escreva sobre um outro amigo.

E isto pela razão única, intuitiva e lógica³⁹² de que é esse amigo, por todos os sentidos, por todos os modos,³⁹³ o mais competente de fazer crítica sobre o outro, por estar em contacto com a sua personalidade, o seu temperamento, os seus *tics*, a sua emoção, a sua impressionabilidade, a sua feição particular de escritor. Pela crítica, pela justiça que lhe faz é que o público lê os seus artigos, compra os seus livros e aceita os seus preceitos. Nem pode ser de outro modo. Vitor Hugo, no³⁹⁴ exemplo, documenta e comprova o que pensamos.³⁹⁵

Ele teve Lamartine, teve Saint-Beneuve, teve Théophile Gautier, etc, etc, que o elogiaram quando despontou na literatura. E esses indivíduos, e esses escritores, eram os afeiçoados de Hugo. E se assim não for, como qualquer talento superior, entalado no

³⁸⁹ ... adiante, enflorecendo... (pont.) OC.

³⁹⁰ ... estrelando (**mais e mais**) o firmamento... OC.

³⁹¹ ... nem importa, que um... (pont.) OC.

³⁹² ... e lógica, de que... (pont.) OC.

³⁹³ ... esse amigo, (**por todos os sentidos**) por todos os modos... OC.

³⁹⁴ ... **por [no]** exemplo... OC.

³⁹⁵ Em OC este parágrafo pertence ao anterior.

círculo estreito da sua terra natal, onde não há aspirações nobres e os espíritos apenas têm vôos galináceos, há de ficar no domínio dos homens que sabem?

Pois se ele não tem quem o encoraje, quem o estimule senão os seus amigos, uma vez que o egoísmo, a inveja, a indiferença e outros sentimentos tristemente hipócritas tentam combatê-lo, consterná-lo, digam-nos, digam-nos de que forma há de ele dar vazão ao seu talento, às nevroses mordentes que lhe queimam o cérebro, às idéias, senão permitindo que algum amigo os apregoe e os faça vibrar ao longe e ao largo dos Congressos das inteligências mais imperantes e mais disciplinadas – por um ato de fineza, e, principalmente³⁹⁶ por um ato de justiça.³⁹⁷

Digamos, pois, o que se deve dizer, tranqüilos e seguros de nosso feito, com a retidão e a verdade, que é a filosofia de todas as eras.

O que nos sugeriram as idéias acima e as que se vão seguir foi o ter sido enviado, há dias, para Portugal, a fim de

³⁹⁶ ... e, principalmente, por... OC.

³⁹⁷ Em OC este parágrafo pertence ao anterior.

ser publicado ali³⁹⁸ pela notável casa editora do Porto, de Eduardo da Costa dos Santos³⁹⁹ o livro das Miudezas.

Virgílio Várzea é um provinciano e um meridional. Nasceu sob a impressão simpática e colorida da paisagem, na atmosfera clara e vibrante deste pedaço do⁴⁰⁰ Sul-América – em Canasvieiras, um sítio de província, sossegado, discreto e verdejante, cheio de floridas várzeas, risonho e casto, onde a vida calma, singela e simples, saturada do bom ar sadio e fresco dos vegetais, corre livre, virtuosa, independente e não tem os aparatosos realces das lindas cidades elegantes, onde as danairosas⁴⁰¹ mulheres amorenadas usam a *tornme* no mais exagerado *tic*,⁴⁰² e os *flaneurs*, vão, de rosa jalde na Capela,⁴⁰³ fazer estoirar o líquido opalino do *Champagne Cliquot*, rotulado a prata e a ouro⁴⁰⁴ em garrafas galantes, dentro de taças que tinem à noite, pelos cafés relampejantes e ruidosos. É uma natureza, esse moço; e daí o tom acentuado e muito colorido do aspecto das suas paisagens,⁴⁰⁵ dos seus contos. O seu

³⁹⁸ ... publicado ali, pela .. (pont.) OC.

³⁹⁹ ... dos Santos, o livro... (pont.) OC.

⁴⁰⁰ ... pedaço da Sul... OC.

⁴⁰¹ Palavra não dicionarizada. Em Português: donairosa, aquela que tem donaire, gentil, garboso. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª edição, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 608.

⁴⁰² ... os mais exagerados *tics*... OC.

⁴⁰³ ... na **lapela**. [**Capela**]..OC.

⁴⁰⁴ ... e a ouro, em ... (pont.) OC.

⁴⁰⁵ ... aspectos **de** suas paisagens... OC.

temperamento tem várias modalidades. Porém como⁴⁰⁶ os raios refratores de uma luz, essas modalidades, podendo multiplicarem-se, espalharem-se em estrias na verificação dos objetos e das cousas, reúnem-se, coligam-se, justapõem-se e formam um só foco,⁴⁰⁷ luminoso e forte a que chamamos ordem.

Virgílio Varzea tem ordem, tem exercício e disciplina literária.

A sua educação artística fez-se⁴⁰⁸ naturalmente, sob a influência dos bons mestres, tendo o preciso critério de conhecê-los bem e muito, de compará-los, de não se munir de Larousses⁴⁰⁹ postiçamente sábios, que são como que Cartilhas de algibeiras, de onde sai logo uma legião de ilustrações feitas com muita manuseação e com muita consulta do conhecido⁴¹⁰ dicionário francês⁴¹¹ verdadeira biblioteca, dos que gastam literatura por marcham⁴¹² de didatismo ou de ecletismo artificial e fácil.⁴¹³

⁴⁰⁶ Como, porém, os.. →. OC.

⁴⁰⁷ ... foco luminoso... (pont.) OC.

⁴⁰⁸ De artista fez-se... OC.

⁴⁰⁹ ... Larousses, postiçamente... (pont.) OC.

⁴¹⁰ ... com muita manuseação (**e com muita consulta**) do... OC.

⁴¹¹ ... francês, verdadeira... (pont.) OC.

⁴¹² ... por **mania** {**manham/ marcham**} de... OC.

⁴¹³ Em OC este parágrafo pertence ao anterior.

Talento de assimilação, sabendo apropriar-se e compenetrar-se dos assuntos, com a percepção viva,⁴¹⁴ do semblante animado,⁴¹⁵ das coisas, Virgílio Varzea não é um principiante ou um medíocre que não mereça a análise franca da crítica.

É mais⁴¹⁶ do que uma esperança da pátria, e menos do que um jovem hábil, porque é mais do que essas duas comparativas. Discípulo digno e direito de uma Escola hoje completamente predominante – o Naturalismo –⁴¹⁷ que já chega a exigir que editores ofereçam 28 contos fortes a Daudet, por uma obra,⁴¹⁸ ele tem todos esses detalhes,⁴¹⁹ todas essas circunstâncias, todas essas finas e delicadíssimas originalidades que compõem,⁴²⁰ ou então muito⁴²¹ de inteira correlação com⁴²² os talentos espontâneos, sinceros e firmes.⁴²³

Não é tudo quanto⁴²⁴ dizemos sobre esse moço catarinense,⁴²⁵ nenhum⁴²⁶ entusiasmo pueril.⁴²⁷

Nem nós temos aqui à mão um pilha Volta que nos comunique e nos empreste eletrismo⁴²⁸ de entusiasmo e de aplausos⁴²⁹

⁴¹⁴ ... percepção viva do... (pont.) OC.

⁴¹⁵ ... animado das coisas,... (pont.) OC.

⁴¹⁶ É mais do que... (pont.) OC.

⁴¹⁷ ... Naturalismo, que ... (pont.) OC.

⁴¹⁸ ... o Naturalismo, (**que já chega a exigir que editores ofereçam 28 contos fortes e Daudet, por uma obra**), ele tem todos...OC.

⁴¹⁹ ... ele tem todos **os** [esses] detalhes... OC.

⁴²⁰ ... que **a** compõem... OC.

⁴²¹ ... compõem, e muito... OC.

⁴²² ... inteira **afinidade** [**corelação**] com... OC.

⁴²³ Em OC este parágrafo pertence ao anterior.

⁴²⁴ ... e firmes. Não tudo quanto... OC.

⁴²⁵ ... moço, catarinense... (pont.) OC.

⁴²⁶ ... catarinense, **não** é nenhum... OC

⁴²⁷ Em OC este parágrafo pertence ao anterior.

⁴²⁸ ... nos comunique (**e nos empreste**) eletrismo de... OC.

⁴²⁹ Em OC este parágrafo pertence ao anterior.

fáceis. Se há pilha⁴³⁰ é das nossas convicções, da nossa alma franca, serena e justa de combatente.

Os que conhecerem Virgílio Varzea e lerem os trabalhos de que nos ocupamos aqui adiante, acharão⁴³¹ por certo, que ele é um talento firme, original, trabalhador, afinado pelos maiores espíritos do seu tempo; mas nós⁴³² que o conhecemos pessoalmente, momento por momento, instante por instante, dia por dia, que assistimos muitas vezes à confecção dos seus contos e que sabemos onde ele se adiantou, como lutou, como conheceu os golpes do estilo e a maneira de ver, como produziu sem elementos influentes para isso, como se destacou dos outros, como se especializou, afirmamos que ele é extraordinário.⁴³³

Nem esta escrita quer⁴³⁴ dizer nada diante da aprovação ou desaprovação da crítica sobre o livro do nosso constituinte.⁴³⁵

⁴³⁰ ... há pilha, é das... (pont.) OC.

⁴³¹ ... adiante acharão, por... (pont.) OC.

⁴³² ... mas nós, que o... (pont.) OC.

⁴³³ Em OC este parágrafo pertence ao anterior.

⁴³⁴ ... Nem **este escrito** [**esta escrita**] quer... OC.

⁴³⁵ Em OC este parágrafo pertence ao anterior.

Porque também Émile Zola⁴³⁶ quando começou a publicar o *Mon salon*⁴³⁷ no *Figaro*, foi apedrejado pela pulha literária e sevandija dos cafés cantantes. Também os Goncourt foram contestados e só se ergueram em toda a culminância gloriosa dos seus espíritos⁴³⁸ depois, muito mais tarde, e isto em Paris, em Paris! a grande apoteosadora dos espíritos. Quanto mais numa cidade onde não se cuida de literatura, onde os velhos letrados, dos antigos periódicos obscuros,⁴³⁹ não deram mais um passo além do latim, e onde os novos, os moços que surgem agora, continuam na lição⁴⁴⁰ dos provectos mestres, como eles os {cham},⁴⁴¹ sempre discípulos, sempre escolares, de braço dado com a rotina, caducos já na mocidade, como os velhos letrados de que ali acima falamos, sem tomarem um caráter mais saliente e mais elevado na Arte, na Política e na Literatura.

Poderão dizer-nos que Virgílio Varzea não é⁴⁴² Zola nem nenhum

⁴³⁶ ... Zola, quando... (pont.) OC.

⁴³⁷ ... salon no Figaro...(pont.) OC.

⁴³⁸ ... espíritos depois, muito... (pont.) OC.

⁴³⁹ ... obscuros não deram... (pont.) OC.

⁴⁴⁰ ... na lição dos... (pont.) OC.

⁴⁴¹ ... os chamam sempre... OC.

⁴⁴² ... não é **nenhum** Zola nem nenhum... OC.

Goncourt. De acordo.

Mas nós também poderemos objetar, muito logicamente, muito racionalmente, que o Brasil não é a França e que não conhecemos, por ora, prosador literário mais original, mais imaginoso⁴⁴³ e mais objetivista, do que Virgílio Varzea.

Quando dizemos imaginoso não dizemos retórico, palavroso. A imaginação, principalmente num escrito moderno, participa da verdade e da observação. Imaginação⁴⁴⁴ como o nosso Ideal a representar num pressuposto fenômeno.

Imaginação relativa àquilo e àquele indivíduo ou àquele fato social que, como se mete em pauta qualquer loucura genial de Wagner ou qualquer admirável sinfonia de Beethoven, a gente mete em estilo, em vocábulos brilhantes ou ásperos, secos ou úmidos, conforme a precisão onomatopaica⁴⁴⁵ e o efeito de impressionismo que passou pela retina do escritor, do artista e do estilista.

⁴⁴³ ... mais imaginoso (**e mais objetivista do que Virgílio Várzea. Quando dizemos imaginoso**) não dizemos retórico, palavroso... OC.

⁴⁴⁴ Imaginação, como... (pont.) OC.

⁴⁴⁵ ... conforme a **pressão [precisão]** onomatopaica... OC.

Neste ruído de teorias e de idéias gerais naturalistas que ainda não se firmaram totalmente⁴⁴⁶ neste⁴⁴⁷ País, aparece o vigoroso provinciano com as “Miudezas”. Não se escreveu ainda, pensamos, nem⁴⁴⁸ mesmo em língua portuguesa, um livro de contos tão pitoresco tão pintado, tão musical e tão cantante. E nós dizemos⁴⁴⁹ um livro de contos⁴⁵⁰, sem indagarmos se ele tem o todo necessário, o⁴⁵¹ plano que constitui o caráter de um livro, isto é, a síntese de um estudo social, artístico, político ou religioso.

Mas se formos a demorar bem o olhar no merecimento das “Miudezas”⁴⁵² ver-se-á que são muitos livros dentro de um só livro, porque cada conto representa uma fisionomia particular, destacada e distinta.

Assim, o Albino, o Morfético, Romance de um rapaz,⁴⁵³ o Manoel Basta, A Enjeitadinha, etc, etc

⁴⁴⁶ ... se firmaram (**totalmente**) neste país... OC.

⁴⁴⁷ ... não se **confirmaram** [**firmaram**] neste... OC.

⁴⁴⁸ ... ainda, pensamos nem... OC.

⁴⁴⁹ ... dizemos: um... (pont.) OC.

⁴⁵⁰ ... de contos, sem ... OC.

⁴⁵¹ ... necessário plano ... OC.

⁴⁵² ... Miudezas, ver-se... (pont.) OC.

⁴⁵³ Em OC uso de aspas em vez do sublinhado.

são contos profundamente humanos, paisagistas, parnasianos, cheios⁴⁵⁴ de um humor notável, vibrados e rijos golpes⁴⁵⁵ de verdade, naturais, onde se observam estudos de psicologia, um conhecimento exato do estilo moderno, uma penetrabilidade⁴⁵⁶ de escritor consciencioso, fiel na execução de seus personagens,⁴⁵⁷ dos seus moldes de comunicabilidade afetiva.

Os outros,⁴⁵⁸ a Cabra Cega, Enterro no sítio, A Travessia, o Sândalo,⁴⁵⁹ Passeio no campo, etc, etc, exprimem os seus coloridos, os seus sons quentes e radiosos, as suas vibrações, os seus toques de pintura cromática de água-forte.⁴⁶⁰

H. Taine, o soberano crítico francês, diz na sua - Philosophie de l'Art,⁴⁶¹ o que damos aqui ,⁴⁶² textual e autêntico, no próprio idioma, que “Chaque artiste a son style, un style qui se retrouve dans toutes ses oeuvres. Si c'est un peintre, il a son coloris, riche ou terne, ses types préférés, nobles ou vulgaires, ses attitudes, sa façon de composer, meme ses procédés d'exécution,

⁴⁵⁴ ... paisagistas, (**parnasianos**) cheios de... OC.

⁴⁵⁵ ... **vibrantes** [**vibrados**] e rijos golpes... OC.

⁴⁵⁶ ... uma penetração [**penetrabilidade**] de escritor... (pont.) OC.

⁴⁵⁷ ... de **suas personagens** [**seus personagens**]... OC.

⁴⁵⁸ O outros a... (pont.) M. Mantém-se OC.

⁴⁵⁹ **Saudade[o Sândalo]** OC.

⁴⁶⁰ Em OC este parágrafo pertence ao anterior.

⁴⁶¹ ... diz, na sua - Philosophie... (pont.) M. Mantém-se OC.

⁴⁶² ... que aqui damos —► ... OC.

sés empâtements, son modèle, sés coulers, son faire.

Si c'est un écrivain, il a sés personagens, violents ou paisibles, sés intrigues compliquées ou simples, se dénouements, tragiques ou comiques, sés effets de style, sés périodes et jusqu'a son vocabulaire.”

Seus efeitos de estilo, seus períodos e até seu vocabulário, conclui o grande crítico.

E é o que tem o nosso valente escritor jovem: seus efeitos de estilo,⁴⁶³ seus períodos e seu vocabulário,⁴⁶⁴ que alguns chamam neologismos e outros⁴⁶⁵ menos incompetentes e mais ousados, termos empolados ou pedantes; questão esta que ele resolve e explica distintamente e cabalmente no prólogo⁴⁶⁶ da sua obra.

Neste ou qualquer caso, as Miudezas são um livro superior, adorável, primoroso e extasiante, constelado⁴⁶⁷ de surpresas de imaginação,⁴⁶⁸ matinal e festivo como se uma eterna aurora iluminada e perfumosa,⁴⁶⁹ cantasse e risse pelas páginas afora.

⁴⁶³ ... de estilo seus... (pont.) M. Mantém-se OC.

⁴⁶⁴ ... seu vocabulário que... (pont.) M. Mantém-se OC.

⁴⁶⁵ ... neologismo, e outros, menos... (pont.) OC.

⁴⁶⁶ ... explica (**destinguidamente e cabalmente**) no prólogo... OC.

⁴⁶⁷ Em OC este parágrafo pertence ao anterior.

⁴⁶⁸ ... de imaginação matinal... (pont.) OC.

⁴⁶⁹ ... e perfumosa cantasse e... (pont.) OC.

As palavras, a verve, a graça, a elegância, a gentileza e a delicadeza das imagens lembram um rio de ouro fluido, sutil e límpido, que se desenrola pelos meandros⁴⁷⁰ do livro em ondulações suaves; rio, em cuja face sonora,⁴⁷¹ um sol de vitória derrama rubis, topázios, esmeraldas e berilos da refrangibilidade dos seus venábulos cintilantes.

Uma pessoa recorda-se, pela imaginação acesa desses escritos, dos suntuosos palácios do Alcorão, e vê-se numa sala oriental, toda de espelhos e púrpuras e cristais, ao lado de alguma divindade majestática, coroada de estrelas, de túnica de rosas e de lírios, tendo aos pés, num morno êxtase sensual e amoroso, qualquer Paxá asiático, extravagante e faiscante de pedrarias, com os seus pantufos verdes marchetados de pérolas⁴⁷² e diamantes.

Nas “Miudezas” há o goût de terroir de que falam os franceses, e sente-se o vigor, o enseivamento de uma natureza literária muito sistematizada, decidida e petinaz no

Ninguém,⁴⁷³ com

⁴⁷⁰ ... pelos meandros do livro... (pont.) OC.

⁴⁷¹ ... face sonora um sol... (pont.) OC.

⁴⁷² ... pedrarias, com **as suas pantufas verdes, marchetadas** [os seus pantufos verdes marchetados] de.... OC.

⁴⁷³ Ninguém, com... (pont.) OC.

mais propriedade⁴⁷⁴ e unidade de ação, tomou a si e desenvolveu aqueles assuntos que, pela simplicidade ingênua, pelo saudoso e grato sabor de infância que conservam, pela intimidade e pureza de que são revestidos, parecem a muitos,⁴⁷⁵ vulgares e banais.

Referimo-nos à Cabra cega, para não citar mais, onde Virgílio Varzea pôs, tão maviosa e tão doce, uma nesga de luz da sua infância, fazendo ressuscitar aquele passado morto, tomar vida, mover-se e caminhar do fundo da tela da descrição, a mais expressiva e a mais verdadeira, com um milagre do seu talento indiscutível, pronto, decisivo na ação como um belo aparelho rotativo.⁴⁷⁶

É preciso ter-se um merecimento bem vasto e bem real⁴⁷⁷ para se saber dar valor e tratar assuntos tocantes que quaisquer outros, mesmo de certa nomeada, repeliriam por supô-los indignos e sem significação alguma de toda a forma que fossem encarados.

⁴⁷⁴ ... **maior [mais]** propriedade... OC.

⁴⁷⁵ ... a muitos vulgares... (pont.) OC.

⁴⁷⁶ Em OC este parágrafo pertence ao anterior.

⁴⁷⁷ ... merecimento bem **raro [vasto]** e bem real... OC.

Realmente⁴⁷⁸ o talento é uma cousa imperceptível, um delicadíssimo filtro de luar que poucos percebem. Uma espécie desses corpos microscópicos que estão n'água , a mais cristalina, a mais clara e a mais etérea, sem serem vistos senão através de lentes graduadas e próprias.

Nesta hora em que a preguiça mental tornou-se quase geralmente uma [ilegível], é bom, é consolador ler-se um livro sincero, novo, escorrendo psiquismo, cheio de alma; faz-nos bem, tonifica-nos completamente a vida. E, deitando um olhar até a última linha extrema do horizonte, por sobre o dorso esverdeado e nevrótico do mar, onde a luz da lua, a clorótica Ônfale⁴⁷⁹ do infinto, cai como um dolente beijo de amor, lembremo-nos lá, além, longe, do outro lado da montanha, e do lado ainda de um outro mar, a seara dos espíritos cada vez mais enlourece e se enflora; e, deixando os que ficam atrás de nós, caminhemos sempre, caminhemos⁴⁸⁰ para legar aos de amanhã a bênção de nossas palmas e dos nossos triunfos.

As “Miudezas” não é tudo quanto se tem de esperar do magnífico e encantador talento

⁴⁷⁸ Realmente, o talento... (pont.) OC.

⁴⁷⁹ ... clorótica Onfale... OC.

⁴⁸⁰ ... de nós, (**caminhemos sempre**) caminhemos para legar... OC.

de Virgílio Varzea.

Aguardemos os acontecimentos, deixemos que a evolução se faça, e em seguida aos frutos da alvorada, aos saborosíssimos contos, morangos que ele colheu nas alamedas do parque aristocrático e azul do Ideal, hão de surgir mais idéias, tão bonitas, tão cristalinas e tão nobres como estas, armadas de dignidade e de força, como um exército de cossacos, cujos sabres e cujos capacetes, à mordedura⁴⁸¹ nervosa da luz, faíscam de reflexos de aço pelos relvosos campos de batalha.⁴⁸²

Desterro, Abril, 87.

Cruz e Sousa

⁴⁸¹ ... capacetes, à mordedura nervosa da luz,... (pont.) OC.

⁴⁸² Em OC este parágrafo pertence ao anterior.

15. Rosicler (1897)

Imaginar, agora,⁴⁸³ saudosa Rosicler, que essa boca virginal, onde têm vivido, esvoaçado e cantado os ardentes pássaros dos beijos, fica gelada e muda, negra, como a boca de uma cova; que o colorido alvoral da tua carne esmaece, morre; que os fluidos Danúbios claros e azuis dos teus olhos somem-se na névoa da Morte;⁴⁸⁴ que tu toda esfrias horrivelmente nas minhas mãos, n'um pavoroso contato de neves álgidas, - hirta, inteiriçada, glacial - como pesado e rígido bloco maciço de mármore

* No 82504 – FCRB M s/ass, s/loc e c/num. OC p. 737.

** *Rosa-Cruz*, RJ, série II, fasc.2, jul/1904.

⁴⁸³ IMAGINAR, AGORA,... OC.

⁴⁸⁴ ... da morte... OC.

branco!

E imaginar, também, que a tua infância de flor, de alva magnólia cheirosa cor de luar, na seda fina da pele nívea, foi passada entre os meus braços: todo o delicioso encanto louro dos teus cabelos, a delicada polpa rosada dos teus lábios e as límpidas marchetarias dos teus dentes na láctea candidez do rosto a que os fluidos Danúbios claros e azuis dos teus olhos de ninfa davam frescuras bucólicas de mirtais e de mares meigos da Grécia.

E imaginar, também, celeste Rosicler, que tu, já na pubescência, com as nobrezas régias de dama medieval, planta inglesa e forte desabrochada na atmosfera de uma estufa de Lord, na luxuosa irradiação da formosura, vais, através do aristocrático rumor de cidades, alta e loura, como soberba Águia fidalga que para sempre houvesse abandonado

algum antigo, grande palácio {renano}!⁴⁸⁵

Outros chamem-te Aurora! Hoje que já tens a esveltez palmeiral, o viçoso verdor primaveril e que na transparência d'ouro da epiderme dos seios cantam-te inefavelmente os desejos...

Outros chamem-te Aurora! Hoje que já o travo picante da perfídia feminina dá um encanto fatal e acídulo a tua cabeça funesta e trêpega e dá volúpias secretas e tentadoras às tuas garridas formas de louro demônio, a essa sedução prófuga e prônuba, entre sílfide e entre áspide...

Outros chamem-te Aurora!

Uma vez que ainda diante dos olhos vejo a rosada e consoladora luz difusa da tua Infância; que ainda sinto os leves e perfumados eflúvios da tua voz; o cristalinar do teu riso nos lábios frescos de vida e de leite; os fios sonoros do teu cabelo de sol na primorosa, suave, resplandecente cabeça; agora que tudo isso, enfim, acorda ainda no meu ser a balada longínqua das Recordações , não te chamarei jamais Aurora, mas Rosicler, - Rosicler! que lembra os tons alvoraes incomparáveis da tua vaporosa existência de aroma,

⁴⁸⁵ ...palácio renano. No M:... palácio rhenano/vhenano ?. Mantém-se como em OC.

quando eu tinha nos braços, envolta nas neblinas paradisíacas do sonho, a tua formosa, suave, resplandecente cabeça, da excelsa idealização de cabeças de Anjos, revivescentemente cinzeladas em astro...

16. O Senhor Presidente (1883)

O senhor presidente vai chegar, vai chegar o senhor presidente.

Por toda a parte da terra pacata e simples os senhores burocratas, os senhores políticos de ambas as parcialidades, e o povo murmuram: o senhor presidente vai chegar, vai chegar o senhor presidente.

Boatos locais correm parelhos, vitoriam e martirizam, conforme o caso, despreziosos ou honrosos, a pessoa ignota do senhor presidente.

Homens e mulheres, à maneira de necromantes deitam pareceres, opiniões, como n'uma mesa de jogo se deitam cartas⁴⁸⁶ ao azar: será alto, gordo, baixo, magro; usará cavanhaque, será louro, terá suíças, será moreno, ou usará simplesmente bigode, ou não terá barba nenhuma?

Os provincianos não sabem. Calculam,⁴⁸⁷ estabelecem semelhanças, fazem paralelos, comparam o presidente fulano, o presidente sicrano, etc., e o nome do senhor presidente que deve chegar no pacote do dia, desenrola-se de todas as bocas, flexivelmente, invariavelmente, dando impaciências e febrilidades à massa anônima que o quer ver já ao pé de si,

* no. 82505 - FCRB M c/ass,c/loc e c/num. OC p. 698-700.

⁴⁸⁶ ... se [deita] cartas... Mantém-se: ... se deitam cartas... OC.

⁴⁸⁷ Calculam estabelecem semelhanças... Mantém-se pontuação OC.

saber-lhe os *tics*, como veste, se é bonito ou se é feio.

Mas lá no fundo do horizonte plúmeo destaca-se um vultinho, por ora sem forma, vago, indeciso e nebuloso, como uma bola negra.

Porém, à proporção que os horizontes se desfumaçam e as montanhas somam saliências azuladas e contornadas, transparentizando-se então os variados aspectos das cousas em conseqüência da onda de luz matinal que agora ilumina e faz viver tudo, a bola negra avulta gradualmente, veste as conformações que lhe dá a luz da manhã caindo eterificada, diluída em prata no mar, destaca-se, afirma-se e, todos, algumas senhoras e cavalheiros que assestam o binóculo para lá, e o povo, apinhado no cais, curioso e alvoroçado, exclamam: É o vapor, é o vapor; aí vêm o presidente, aí vem o presidente.

Que tal será, seu Barbosa, perguntam uns indivíduos, você que entende isso de política?!

E o seu Barbosa, homenzinho hirto, franzino e magro, conhecido por muito engraçado, de boas chalaças e que estava placidamente a olhar o mar, volta os olhos para estes indivíduos, endireitando e puxando para cima, desafogando do pescoço o alto colarinho brilhante ⁴⁸⁸ como não cabendo na honra e no orgulho da consulta que lhe fazem e da competência que lhe dão em assunto tão palpitante e melindroso, dizendo com

⁴⁸⁸ ... colarinho brilhante, como... (pont.)OC.

importância: Homem, isto de presidentes médicos não é lá para que digamos.

Todo o mundo bem sabe que ele é médico; ora, é muito capaz o nosso cidadão de quando a província precisar leis fazer-lhe receitas. Não aprovo um facultativo no governo da província.

E o seu Barbosa, rindo, gingando com garbo e discretamente, para não perder a sua linha de sensatez, foi indo para outras rodas, inchado de bazófia, supondo-se imortalizado pela sua opinião.

Então os tais indivíduos⁴⁸⁹ insuflados por aqueles argumentos, banais e atrabiliários, sem cor e sem retidão, deram-se mutuamente os pêsames de não haverem tido há mais tempo a idéia tão original e exata sobre o senhor presidente. Mas um som rasgado e metálico de cornetas ouve-se ao longe: é a guarda que vem fazer honras do estilo ao senhor presidente.

Chega-se⁴⁹⁰ ao cais, para o mando do superior⁴⁹¹ e aguarda as ordens, formada, porque o paquete aproxima-se já, entra no porto, fundeia entre baforadas alvas de fumo, apitando.

E, do lado da capitania, do lado da polícia, da alfândega e do trapiche geral parte uma fila vileira e alegre de botes, de escaleres, repletos de gente, leves e alígeros como golfinhos, os escaleres com os seus toldos brancos

⁴⁸⁹ Então aqueles [os tais] indivíduos... OC

⁴⁹⁰ Na OC parágrafo pertence ao parágrafo anterior.

⁴⁹¹ ... ao [para o] mando do... OC

debruados de vermelho, os botes com as suas velas em verga, enfunadas,⁴⁹² de bandeirolas e galhardetes no topo do mastro, aproando ao paquete, na alegria e no colorido brunido da manhã, às frescas aragens salutares que aflam do norte. Após a visita de bordo⁴⁹³ o senhor presidente aparece no tombadilho, na doçura e na nitidez da paisagem marinha, novo como uma surpresa, de estatura regular e curta barba redonda e preta, parecendo feita a riscos de *fusain*, e *pince-nez* nos olhos profundos e graves. É abraçado e saudado no meio de muita palavra balofa ⁴⁹⁴ com falta de S. S.⁴⁹⁵ cheia de perdigotos⁴⁹⁶ de alguns senhores funcionários públicos que se atrapalham e coram. O senhor presidente toma então o escaler que lhe é destinado e embarca com os correligionários e algumas autoridades da terra.

Logo que o senhor presidente se aproxima do trapiche, o povo murmurinha, sussurra, gesticula e olha vagamente, com uma interjeição pregada à cara: Qual d'aqueles será, vêm outros estranhos no escaler da polícia.

Efetivamente com o senhor presidente vêm outras pessoas. Passageiros, amigos do senhor presidente talvez. Mas o povo que está frenético; sentem a prurigem da ansiedade.

Ah! dizem uns, há de ser aquele ali, à direita daquele sujeito baixo de *pince-nez* – aquele alto

⁴⁹² ... em verga, enfunadas [enfumadas], de... OC

⁴⁹³ Após a visita de bordo, o senhor... (pont.) OC

⁴⁹⁴ ... com [no meio de] muita palavra balofa, (pont.) OC

⁴⁹⁵ S,S OC

⁴⁹⁶ cheia de perdigogotos, (pont.) OC

e louro, de chapéu de castor branco, fino sobretudo claro no braço.

Sim! Sim! É esse naturalmente, é aquele mesmo, confirmam outros,⁴⁹⁷ logo se vê pela figura importante e pelos trajés.

Mas o senhor presidente chegava no cais, saltara já com os seus companheiros. E a curiosidade crescia , crescia como uma onda muito alta que avassala e alastra tudo.

Porém a multidão se desiludira afinal a respeito do seu modo de ver sobre o qual era o senhor presidente; porque agora o senhor presidente é cumprimentado, apertando-lhe a mão, dizem-lhe⁴⁹⁸ coisas sepulcrais, tristes de espírito: Cumprimentamos a V.Exa., felicitamos a província, etc.

E o povo vê então que o sujeito de *pince-nez* e sem mais elegantes maneiras de *toilette* é que é o senhor presidente.

Já daí nasce uma dúvida sobre o governmento que ele poderia dar à província.

No entanto o senhor presidente com o seu amplo olhar de médico conhece de um só golpe de vista qual a doença étnica desse povo e qual o diagnóstico a fazer-se.

Os soldados que aguardam a presença do senhor presidente, fazem sentido, braço armas, apresentar armas, enquanto o senhor presidente passa, baixo, moreno,

⁴⁹⁷ ... outros logo se vê... (pont.) OC

⁴⁹⁸ apertando-lhe a mão, dizendo-lhe [dizem-lhe] coisas... OC

enxergando através do seu *pince-nez* de vidro claro, como de uma larga vitrina aberta ao sol, todas as aspirações e necessidades da terra.

O senhor presidente é transcendentalista. O seu espírito latino, incomensural e vasto como o mar donde acaba de vir, tem a larga solenidade austera das catedrais babilônicas do mundo. No cérebro do senhor presidente cabem todas as grandezas e todas as elevadas nobrezas mentais. Nunca a terra tivera um homem⁴⁹⁹ na gerência dos seus negócios tão transcendentalmente ilustre e preclaro.

O franco ar iluminado que vinha de sua erudição, da sua serenidade anglo-saxônia, fazia impressão rude e brusca nos patriotas, nos dissidentes de pequena política, a ponto de tomarem o senhor presidente por selvagem.

A imaginação popular pensou jamais poder compreender o senhor presidente; se atordoava e entontecia como sujeito que leva à noite n'uma esquina forte pedrada na cabeça sem saber de que lado partiu.

E o senhor presidente vivia num modesto luxo burguês e clássico de palácio de província, numa vida fábula como um deus fantástico cuja ausência provocava ateísmos e anátemas, exorcismos puros, mas cuja presença acabrunhava e

⁴⁹⁹ Nunca a terra tivera [um homem] na gerência... OC

desarmava a todos, tal era o respeito que lhe vinha debaixo do *pince-nez* dos seus tranqüilos olhos de filósofo, como um poderoso e desconhecido fluido do magnetismo animal que, sem saber como, tendo sobre o povo as mais inabaláveis e prontas influências, immobilizava-o, transformava-o em mudo e automático eunuco⁵⁰⁰.

Cruz e Sousa

Desterro

⁵⁰⁰ ... em mudo, **um mudo** e automático... OC

17. Velho (1897)

Pelas infinitas⁵⁰¹ estradas do tempo, afora, ao sol, segue, mudo, soturnamente silencioso, esse frio deserto ambulante, a que alguns chamam Velho e⁵⁰² outros chamam apenas Desilusão.

Hirto, engelhado, com o seu alforge de peregrino, a sua rude veste de estamenha, o seu bordão de jornada, os seus pés nus, caminha, o⁵⁰³ deserto frio – tão

* no. 82506- FCRB – M c/ass, s/loc e c/num. OC p. 727-730.

** *Rosa-Cruz*, Rio de Janeiro, ano I, no. I, jun/1901.

⁵⁰¹ PELAS INFINITAS... OC , p. 727.

⁵⁰² e **os** outros... OC.

⁵⁰³ ... caminha, (**o**) deserto... OC.

vago, tão tateante, tão verdadeiramente sombra, que dir-se-ia que é o vácuo, o intangível, que caminha...

Longas, profundas barbas brancas alvejam-lhe no rosto, dando-lhe um ar de austeridade profética, evocando as severas e legendárias figuras dos Patriarcados bíblicos.

Na sua fronte vasta sulcos imensos formam como que vias⁵⁰⁴ dolorosas por onde pensamentos amargos percorrem, lembranças angustiantes peregrinando passam...

Certo, esse Velho, assim sugestivo e belo, viera dos Mitos, do fundo das Odisséias gregas e ouvira d'alto cantar nos finos céus d'ouro da Hélade a alma augusta e mediterrânea de Homero, sentira as linhas doces da Graça⁵⁰⁵ antiga e mergulhara sereno no seio branco e de rosas do

⁵⁰⁴ ... como que **veias** [**vias**] dolorosas... OC.

⁵⁰⁵ ...da **Grécia** [**graça**] antiga...OC.

Olimpo dos deuses priscos.

Nenhum manto real o cobria, nenhum laurel o coroava – nada parecia revelar, tangivelmente, os seus troféus de onipotência.

No entanto, pelos vestígios supremos, deixados, não só nas rugas da sua face, não só na tristeza e contemplatividade ascética dos seus olhos e até nos caracteres abstratos da Angústia que lhe singularizava o aspecto, como também, em todo o seu vulto fascinante, dominativo e grave, percebia-se o poder e a clarividência transcendental de um Predestinado, de um Inspirado, de um Deus⁵⁰⁶, perfeito e sagrado Deus⁵⁰⁷ concebido da Dor, alimentado e envelhecido na Dor.

Certo, era ele, o Poderoso da Dor, aquele a quem a Dor avassalara mas não vencera, a quem a Dor ungira

⁵⁰⁶ ... de um **deus** [**Deus**]... OC.

⁵⁰⁷ ... e sagrado **deus** [**Deus**] concebido... OC.

mas não execrara nem banalizara.

Maior, talvez um século maior com o contato espiritualizante dos Sofrimentos, era efetivamente agora que ele existia, como a própria consubstanciação da Dor.

Mas, nos abismos fundos dos seus olhos velados, amortalhados de saudade, vivos e vendo e parecendo, no entanto, cegos, um sonho impenetrável esvoaça muito de leve e de muito leve surge, sai, em forma de silfo, de dentro dos olhos amortalhados do Velho e põe-se então a rondar, a rondar em torno d'ele, n'uma fascinação, com as suas asas diáfanas e fosforescentes de tentador demônio...

E o Velho, subitamente deslumbrado pela fosforescência das asas, das asas diáfanas de silfo, tem estremecimentos convulsivos; e a sua face, então, toma expressão

singularíssima, de tal modo fica nesse momento transfigurada, que até como que se lhe aprofundam, que se lhe cavam mais as rugas...

Também, logo, com a rapidez própria dos sonhos, a fosforescente Visão desaparece... E o Velho, taciturno e trágico, parecendo concentrar em si toda a eloqüência simbólica do Eclesiastes, como que lança na terra a condenação suprema do Juízo Final, tendo, porém, na face agora imensamente lívida, duro rictus sarcástico de ceticismo voltaireano...

Mas, ah! quem poderia penetrar nos labirintos d'aquela existência; quem poderia saber os vergéis, campos, vales cheirosos, enflorados de Ilusão, onde essa alma viveu, floresceu e gozou; os pântanos esverdeados, de

concupiscência animal ou de tédio desesperado, onde ela mergulhou vencida; as alvejantes e ermas encruzilhadas de caminho onde a Imagem desolada dos seus Destinos errou, vagueou e gemeu exausta, fatigada, batida ao largo dos temporais atroantes e tremendos da Vida!

Todos que o⁵⁰⁸ viam passar, que lhe admiravam a enfibratura óssea, os filamentos nervosos das grandes rugas; que experimentavam a sensação quase de um pavor abstrato de respeito divino que a sua patriarcal figura inspirava, pareciam inquiri-lo, fazer-lhe mil curiosas e significativas perguntas: - Se tinha já cem anos; que saudades, que recordações trouxera na alma, que pão fresco no alforje; que jornadas fizera, e, se cansara muito, nas

⁵⁰⁸ ... que os [o] viam... OC.

longas e pedregosas estradas áridas; se tivera fome através os pomposos banquetes a Lúculo das altas cidades; se tivera frio sob as cruas neves inclementes e fulgurantes; se sentira sede d'água, mas só sede d'água!,⁵⁰⁹ por tórridos e languescentes calores; ou se sentira sede insaciável de desejos ante o pecado de uns olhos...

Solenemente grande pela Dor, fazia lembrar, como o sentimento de religiosidade que d'ele vinha, todas as magnificências do Elevado e do Sagrado.

Parecia, então, que aquela incomparável amargura de Doloroso ganhava proporções de matéria inerte, se condensava, concretizava em blocos de granito e mármore; que aquela sublimidade de mistérios de secular Velhice tomava formas estáveis, solidificadas com

⁵⁰⁹ ... sede de água, por... (pont.) OC.

raízes infinitas na Terra, de arquiteturas prodigiosas de catedrais, de igrejas góticas, de basílicas, de templos vetustos.

E, pelo sentimento de divinização que ele inspirava, os olhos absortos, extasiados imaginosa e pomposamente, viam que essa Dor ia se transmutando e avultando colossalmente como organismo físico, alargando, alargando, alargando para o espaço na vastidão de um bojo enorme, arredondando pomposamente em cúpulas estreladas, em zimbórios de bronze, em torres formidáveis, crescendo, crescendo, ficando então monstruosamente de pé na amplidão alta a majestade eterna da Basílica da Dor – ao mesmo tempo de venerações e sacrilégios, igualmente divina e profanada!

Passados ermos, remotas antiguidades, eras extintas, recordando lentos,

longos desânimos; ansiedades, desesperos, impaciências e saudades, eram como que a melancólica penumbra da imensa nave dessa Basílica.

E as paixões atormentadas, os ímpetos lascivos, os desejos delirantes e em grita, as deprecações e blasfêmias, as raivas rugidoras, os ódios tempestuosos, eram então as vozes clamantes e plangentes dos violoncelos no coro e os profundos graves chorosos, de soluços pungentes e adormentados, dos órgãos e cantochão.

Alvorocos másculos e são de juventude, heroísmos alegres e alados de esperança, bondade bizarra e florescente, galhardias, lhanezas afetivas, pensamentos límpidos, castos, de brancuras virgens, ternuras angelicais de sonho, eram, enfim, símbolos eucarísticos, pão e vinho

claros de comunhões puras.

Todo o espírito do Velho se afinava por esse acorde, a harmonia das grandes Intuições e Criações evangélicas a consagrava e santificava Deus⁵¹⁰ – harmonia que se elevava para ele n'uma auréola de bênção elísea...

-

A natureza, em redor, calma, repousada, tranqüila, penetrada dos sentimentos imponderáveis do Absoluto, ampliava-se n'uma expansibilidade de vegetações que pareciam quiméricas, n'uma concentrativa mudez de forças originais.

Para os largos e longes do vasto e verde mar melancólico, alguns barcos singravam, d'entre os espreguiçamentos voluptuosos da luz, no leve ritmo da graça banzeira de bamboleantes boiadeiras bailando...

E a figura profética

⁵¹⁰ ... santificava **deus (Deus)**... OC.

do Velho, com a alva cabeça nua, as longas barbas brancas ondulando aos ventos gementes, ia vivamente desenhada no fundo vago da luz, como a concepção extravagantemente⁵¹¹ soberana, grandiosa, dos egrégios Desígnios, a caminho das jornadas eternas, pelas peregrinações perpetuadas, pelas estradas sem termo, pelos indefiníveis desertos sem fim...

-

Vai, Velho! Clarão frio, clarão morto! Tu! Que trazes contigo Agonias e Recordações seculares, sobe, sobe, solitário, só, sinistramente só, a escavada montanha erriçada de agudos cardos bravos, de ásperas, ríspidas silvas,⁵¹² dos Fatalismos tremendos, eloqüentes, épicos, rasgando, ferindo, chagando, ensangüentando mortalmente os pés.

Vai para o Esquecimento

⁵¹¹ ... concepção **extraordinariamente**[**extravagantemente**] soberana... OC.

⁵¹² ... e Recordações seculares, (**sobe, sobe, solitário, só, sinistramente só, a escavada montanha erriçada de agudos cardos bravos, de ásperas**) ríspidas, alvas, dos Fatalismos tremendos,... OC.

e para o Nada, calado, mudo, fechado no sepulcro do teu segredo místico, com os extremos e expressivos silêncios da clausura da tu'alma, levando sob a umbela dos Astros o Sacramento eucarístico da tua Dor.

Vai! Vai! Some-te, perde-te, mergulha soturnamente, aprofundadamente, nas estranhas sombras, nas estranhas sombras, nas estranhas sombras...

Cruz e Sousa.

4.3 Cotejo dos textos em jornais com os *Manuscritos*

1. “Égloga”	p.212
2. “Croquis d’um Excêntrico”.....	p.216
3. “Aroma”	p.220
4. “O Batizado”	p.224
5. “Doença Psíquica”.....	p.229
6. “Velho”	p. 231
7. “Decaído”	p. 238
8. “Rosicler”	p.243
9. “Beijos Mortos”	p. 245

1. ÉCLOGA

À hora do sol, por estes tranqüilos sítios afastados, gozam-se os montes vestidos de um polvilhamento de ouro; as perspectivas deliciosas na matinal e ruidosa expansão da luz; as cabras monteses que por⁵¹³ estes luxos bizarros e tons quentes de estio, vão saltando e trepando⁵¹⁴ pelas escarpas calcárias e pelos socalcos pedregosos, entre o verde lustroso e denso da folhagem da mata e os encachoeirados, tormentosos rios.

Galharda natureza esta, de manhã, cheirosa e sadia, em que o jorro da vida vertiginosamente entra e circula pelos pulmões em ar e aroma, dando uma fremente e forte sonoridade aos órgãos humanos, como vibrante clarim de batalha que nos soprassem metalicamente ao peito, enchendo-o de ecos, de alvoroço, de música e rumores.

Por aqui se estende, se amplia, se alarga⁵¹⁵ por aqui o céu verde das copadas ramagens das árvores – e nada mais idilial⁵¹⁶ e bucólico, nada mais virgiliano e pastoril do que estes aspectos sagrados, quase bíblicos, onde a écloga rebenta de cada tufo perfumoso de rosas, de cada serpente elétrica de hera, de cada pâmpano báquico de vinha, de cada ramo salitroso de murta e de capa⁵¹⁷ concha rosada e branca nas finas e claras praias, além, onde o mar espumeja doce, parecendo trazer no fluxo e refluxo das suas ondas cantantes a olímpica e serena recordação da mocidade e da formosura da Grécia, entoada⁵¹⁸ em flóreas canções de Afroditas engrinaldadas de algas...

* M p. 132.

⁵¹³ ... da luz; **as cabras monteses que por** estes luxos ...

⁵¹⁴ ... estio, [onde parece que Sátiros lascivos] vão **trepando e saltando...** →

⁵¹⁵ ... estende-se, amplia-se, alarga-se...

⁵¹⁶ ... mais idílico [**idilial**] ...

⁵¹⁷ ... de cada[**capa**] concha ...

⁵¹⁸ ... Grécia, ritmada [**entoada**] ...

Montes e vales, vales e montes, faz bem percorrer aqui estes religiosos recantos, estes saudosos retiros, onde parece que o passado, que tudo o que está longe, que tudo o que está remoto, ilusões e eras, tudo aí se veio refugiar e vive um momento agora da nossa presença, da nossa alacridade, do nosso humor, que nós nababescamente devoramos⁵¹⁹ por todas estas paisagens, entre estes ninhos que gorjeiam e estes pássaros que voam,⁵²⁰ purificando-se no Azul, como os palpítes pássaros alados do nosso Espírito.⁵²¹

Quem fosse pastor, para⁵²² galgar esses penhascos solenes, para subir essas alcantiladas serras e ver borbotar d'elas a água fresca, em finos e prateados fofos vaporosos de espuma, abundante, em turbilhões impulsivos porejando virgem das origens recônditas, como uma grande força⁵²³ represa, insubmissa e elementar da Natureza, rebentando e surgindo das profundas entranhas rijas da terra e dominando, enchendo, avassalando a amplidão do ar.

⁵¹⁹ ... derramamos [**devoramos**] ...

⁵²⁰ ... entre estes [ninhos que gorjeiam e estes pássaros] que cantam e voam ...

⁵²¹ ... pássaros [alados] do [inquieto, do vertiginoso] **nosso** Espírito.

⁵²² Encantaria ser [**Quem fosse**] pastor, para...

⁵²³ ... como **uma** grande força ...

Quem fosse pastor,⁵²⁴ para ir, cedo, na luz, campos em fora, peludo e florestal como Pan, na exuberante⁵²⁵ luxúria vegetal, apascentar os mansos rebanhos alvos de arminho das dulçurosas ovelhas,⁵²⁶ que balassem, desoladamente, n'uma compunção evangélica; e conduzi-las após do redil, já tarde, na roxa melancolia das tintas da noite – enquanto a lua, fluida e fria, nevasse as tenras culturas e subisse então infinitamente o céu – e enquanto, à distância, quase no ermo,⁵²⁷ uma leve e flutuante fita de voz se desenrolasse, esvoaçasse e perdesse ao longo e ao largo pelas quebradas na mais harmoniosa e apaixonada cantiga!

Ah! Roma antiga! Ah! Grécia! Ah! Paganismo! Quanto melhor não fora pecar convosco na primitividade⁵²⁸ dos instintos e dos impulsos, alma espiritualizada no ideal abstrato, existência votada aos cultos soberanos da matéria e tendo para equilíbrio no requinte da calcinação do entendimento, o requinte da elaboração do sentir e do gozar – aberto em chamas no sangue, aberto em chamas nos nervos, aberto em chamas na carne – até ao supremo aniquilamento final, no qual a morte era como uma nova espécie transcendental de concupiscência e lascívia mais requintada ainda, por isso que era original, desconhecida inteiramente para esses que a experimentavam.

Antes nascer e morrer n'um leito de rosas, amando e gozando rosas, coroado de rosas, como um romano ou como um grego, no mais virtual e mítico paganismo, do que ter-te a ti, vida pensante, vida consciente⁵²⁹ e disciplinar, como a tremenda esfinge de pedra, colossal e terrível, sufocando, esmagando a seiva, o ímpeto, uma corrente de fôlego e de

⁵²⁴ Encantaria ser [**Quem fosse**] pastor, para...

⁵²⁵ Pan, na exuberante [no vigoroso esplendor de sangue da força de um touro novo, por entre a exuberante] luxúria ...

⁵²⁶ ... nostálgicas [**dulçurosas**] ovelhas...

⁵²⁷ ... distância, quase [longe] no ermo, uma ...

⁵²⁸ ... pecar **convosco** na primitividade...

⁵²⁹ ... ter-te a ti, [**vida pensante**], vida consciente ...

desregramento⁵³⁰ animal que há no fundo de todo o organismo, no fundo de todo o temperamento, no fundo desse produto clínico-biológico que se chama homem.⁵³¹

E é por isso que dá uma instintiva vontade de pastorar e que⁵³² se sente uma emoção do mesmo modo instintiva, quando essas imaculadas existências campestres, rudes, mas angélicas e sãs na sua casta nudez de sentimentos, nos sulcam a alma como um clarão, a iluminam e a cobrem de esplendor, desdobrando-nos ante os olhos estupefatos, como opulentas, riquíssimas lhamas rutilosas de diamantes, as magnificências reais do mais fecundo e natural Amor!⁵³³

O Tempo, Rio de Janeiro, ano I, no. 16, 5 jun/1891.

Cruz e Sousa.

⁵³⁰ ... uma corrente **de fôlego e** de desregramento...

⁵³¹ ... temperamento, **no fundo desse produto clínico-biológico que se chama homem.**

⁵³² ... dá [**uma instintiva vontade de pastorar**] um instintivo desejo de pastorear e que...

⁵³³ ... mais profundo e germinal [**fecundo e natural**] Amor!⁵³³

2. Croquis d'um excêntrico

Diante do nome deste excêntrico, desenrolado⁵³⁴ aos meus olhos como uma tapeçaria⁵³⁵ Beauvais, lembro nitidamente o remoto Oriente: a Turquia, a Arábia, a Pérsia – todos os povos muçulmanos, que têm a frouxidão dos nervos, a elasticidade de membros de raças decadentes, em todas as suas especiais funções fisiológicas e manifestações psíquicas. Principalmente a Pérsia lembra-me a indolência, a morbidez orgânica deste excêntrico – indolência que não constitui, no entanto, defeito fundamental, ausência de qualidades singulares de espírito, mas que antes representa uma maneira de *ser* na vida – muda abstração na qual o pensamento é um grande pássaro alado viajando nas mais altas regiões inacessíveis à vontade da matéria.

Com o seu ar fidalgo, que lhe dá, através dos finos vidros claros de pince-nez, as linhas e a distinção correta e douta de um sadio e forte estudante da Universidade de Bonn ou de Oxford, o excêntrico parece viver apenas n'uma *flirtation* de idéias, n'uma despreocupação de *touriste* e n'um diletantismo fatigado de artista *boulevardier* a quem as asperezas e arestosidades do *meio* emprestaram já as fundas cores carregadas e pungentes do pessimismo – conquanto na transparência dessa despreocupação aparente, ele analise, perceba e sinta passar, como entre uma luz difusa, o corpo vivo dos positivos fenômenos naturais.

Na verdade, esse amargo pessimismo que os artistas anglo-saxônicos e eslavos beberam, como n'uma dorna onde se houvesse purificado n'um vinho negro o sentir e o dolorido pensar de várias gerações; esse pessimismo torturante por vezes nos livros de

* M p.115.

⁵³⁴ ... deste excêntrico, [d'um brilho feérico de fantasia,] desenrolado...

⁵³⁵ ... como **uma** tapeçaria...

Schopenhauer e Harttmann; especialmente nessa transcendental *Filosofia do Inconsciente*, parece prendê-lo também ao ceticismo⁵³⁶ de Murger, de Nerval e Chatterton e de tantos outros artistas queimados pela flamejante chama interna de um querido e sonhado desejo nunca realizado.⁵³⁷

⁵³⁶ ... ao ceticismo [mórbido] de Murger, e Nerval...

⁵³⁷ ... interna de um **querido e sonhado** desejo nunca realizado.

Mas esse pessimismo, feito de germanismo e eslavismo, ténue, fluido, sutil, que entontece capciosamente, insensivelmente, como os glóbulos microscópios do álcool que fica no fundo do copo de um russo envenenado pelo niilismo e pelo *rum*, esse pessimismo, se o excêntrico possui, não lhe tira, de resto, a bizarra, a garrida forma do espírito leve, *aux ailes*,⁵³⁸ a iriante graça de abelha.

É que ele, contudo, por entre a variabilidade do tempo, não perde as latentes atitudes nervosas do seu temperamento, acordando dessa persa indolência para gozar Arte, para sentir e para amar a Arte.

(§) É um esquisito parnasiano do Pensamento, como Gounod e Chopin são os parnasianos da música.⁵³⁹

Num centro antagônico ao desenvolvimento⁵⁴⁰ e fulgor do seu espírito estético, na aridez dos fatos, n'uma atmosfera onde um ar livre de ideal não circula no sangue, um sangue fremente, rico, não gorgoleja nas veias e as turgescer, o excêntrico lembra um cactus, uma rara flor nascida no gelo, alva na vastidão das fulgurantes neves, dando, entretanto, uma encantadora poesia serena de pitoresco e originalidade a toda a amplidão do terreno.

Ou, então, para abrigar mais o *simile* comparativo da análise,⁵⁴¹ lembra também uma d'essas simples parasitas brancas, flores pensativas e melancólicas que rebentam d'entre pedras, florindo virginalmente para o azul, indiferentes à rigidez do granito...

O seu estado de morbidez intelectual, que parece, por Humorismo,⁵⁴² talvez, corresponder a um estado comatoso, é como a aparência de certos céus turvos, nebulosos,

⁵³⁸ ... leve, **aux ailes** [fino,] a iriante

⁵³⁹ [É um esquisito parnasiano do Pensamento, como Gounod e Chopin são os parnasianos da música.]

⁵⁴⁰ ... antagônico do [ao] desenvolvimento...

⁵⁴¹ ... comparativo **da análise**, lembra...

⁵⁴² ... de humorismo [sombrio], talvez...

não obstante carregados do ouro flamante do sol e do intenso azul, que de repente aparece em nêsgas, como prenúncio de aurora, através de fuscos, flocosos pedaços de nuvens que se vão lenta, demoradamente esgarçando... Depois, outras nuvens, mais pesadas, mais densas, correm, como uma cortina de sombras, sobre esse ouro de sol e esse azul, voltando então tudo às primitivas névoas eternas.

§ ⁵⁴³

Assim é, assim será para sempre esse meditativo excêntrico!

Névoa de emoções, debaixo da qual está o sol e o azul de uma idéia, que se descobrem bem poucas vezes, para determinadas observações delicadas sentirem; cinza-fria de afetos, debaixo da qual arde a radiante constelação⁵⁴⁴ de um anelar do espírito, cuja complexidade o entendimento comum dos homens não apreende nem percebe.

Natureza calma, contemplativa, que a placidez das montanhas e os aspectos quietos, remansosos do campo pacificaram, ele se apura e delicia na nobre convivência, na saúde⁵⁴⁵ mental dos livros, onde a espiritualidade e o esmalte da forma pedem a atenção dos sentidos civilizados.

O Tempo, Rio de Janeiro, ano I, no. 43, 25 jul/1891.

Cruz e Sousa.

⁵⁴³ [Alma exul do Espaço, triste, às vezes, de certo, mas d'essa alta e excelsa tristeza e magoada nonchalance de velha águia real de cabeça pendida e parado vôo, como que adormecida, sonhando dolentemente a melancolia do Azul...]

⁵⁴⁴ ... radiante, [rubra] constelação...

⁵⁴⁵ ... na grandeza **saúde** mental...

3. AROMA

A Lima Campos

Manhã clara, um cristal de luz, que parece ter finas⁵⁴⁶ vibrações de sonoros clarins no ar...

§⁵⁴⁷

Alta, loura, esguia, o perfil nervoso, destacado ao sol com a nitidez, a correção de gravura em aço, vem subindo a rua, o *trottoir*, na *toilette* fresca⁵⁴⁸ dos climas quentes, meio dia em dezembro, à irradiação⁵⁴⁹ do calor.

De toda a sua estatura nova, lirial, feita em linhas doces exala-se⁵⁵⁰ um perfume, um aroma delicioso de campo enroseirado, quando o luar acorda as culturas.

O chapéu branco, em forma de grande pássaro de arminho pousado com as asas abertas, colma-a de claro, faz-lhe um toldo branco na frente.

§⁵⁵¹

Toda a sua pessoa encanta, extasia os sentidos; enquanto o olfato delicado, penetrante, sutil,⁵⁵² talvez por um requinte artístico de sensualidade, busca-a, procura-a,

* M p. 78.

⁵⁴⁶ ... clara, de luz, que [cristais de luz, que parecem] ter finas...

⁵⁴⁷ Uma d'essas manhãs líricas, aromadas, de um azul apaixonado...

⁵⁴⁸ ...subindo a areada alameda das violetas e jasmims, dos resedás e lilases de antigo parque famoso, [a rua, o *trottoir*] e [fofa] fresca...

⁵⁴⁹ ... em Dezembro, à [fulva] irradiação...

⁵⁵⁰ ... lirial, **feita em linhas doces** exala-se [brandamente um peregrino] perfume...

⁵⁵¹ [As madeixas caprichosas, lânguidas serpentes do sol, preguiçosamente se lhe abandonam, em carícias luminosas, sobre as aladas formas arcangélicas das espáduas de ouro, de marfim e rosa o colo claro esplende na brancura macia de penugentos veludos, fascinantemente desnudado para o tépido enlaçamento dos braços, para o chamejante estreleçamento dos beijos.]

⁵⁵² Toda a linha suave do seu perfil [sua pessoa] encanta, atrai [extasia] os sentidos; enquanto o olfato penetrante, delicado, [penetrante,] sutil, ...

percorre-lhe o corpo todo, a rósea, áurea carne cheirosa, como milhões de pequeninos faunos sequiosos e irrequietos.⁵⁵³

E tudo o que d'ela vem, a emanção virginal dos seus seios e da sua boca, parece fecundar a luz, purificando-a, virtualizar o aroma das cousas, inebriar o som.⁵⁵⁴

§⁵⁵⁵

⁵⁵³ ... como infinidade de irrequietos e sequiosos faunos [**milhões de pequeninos faunos sequiosos e irrequietos**].

⁵⁵⁴ ... a luz, de [frescuras imaculadas,] purificar [**purificando-a, virtualizar**] o aroma das Cousas, inebriar o som.

⁵⁵⁵ [Como que o ar onde cintila a auréola resplandecente da sua formosura recende embalsamado do feno fresco dos prados, fica banhado em ambrosias, em nardos, mirras e sândalos orientais.]

A sua epiderme, tão aromal e formosa é, que não provocaria apenas beijos, mas dentadas, rijas dentadas na polpa saborosa da sua carne banhada em ambrosias, em nardos, mirras e sândalos orientais.⁵⁵⁶

Experimenta-se uma sensação esquisita,⁵⁵⁷ que dilata, sensibiliza os nervos, dá vibratilidades agudas⁵⁵⁸, intensos espasmos de luxúria, quando o olfato mais a sente, mais se aproxima d'ela, tocando-a, absorvendo-a, como se o olfato só para ela existisse ...⁵⁵⁹

Há um deslumbramento de gozo, quando, a flor do decote lácteo do seio, entre os cetinosos rendados e os folhos ricos do corpete,⁵⁶⁰ um aroma impoluto de aristocráticas magnólias trescala, adocicado e morno.

⁵⁵⁶ **A sua epiderme, tão aromal e formosa é, que não provocaria apenas beijos, mas dentadas, rijas dentadas na polpa saborosa da sua carne banhada em ambrosias, em nardos, mirras e sândalos orientais**

⁵⁵⁷ ... uma [rara] sensação esquisita,...

⁵⁵⁸ ... agudas [vibratilidades]...

⁵⁵⁹ ... d'ela, [tateando-a,] tocando-a, absorvendo-a, como se o olfato só para ela palpitasse [**existisse**]...

⁵⁶⁰ Há um deslumbramento de gozo, quando, a flor **do** decote lácteo do seio, entre os cetinosos rendados e os folhos luxuosos [**ricos**] do corpete,...

E há também o mesmo, ou maior deslumbramento ainda, ou ainda maior resplandecência de gozo, quando, n'uma graça de ave, ela abre, rindo, a boca.

Então, não só da boca, não só do seio, como de toda a aveludada alvura d'aqule ser, evola-se um eflúvio de forças virgens,⁵⁶¹ uma aurora de primorosos, imaculados desejos.

Esguia, delgada, com muito juncal, com hysterismos de mulher felina, toda ela faz idealmente lembrar uma rara ânfora d'incenso, um marchetado turíbulo de prata, d'onde para o alto alam-se claros, alvos fumos puríssimos e dulçurosos ...⁵⁶²

E, sempre que o olfato iluminado, atilado sente, longe ou perto, o aroma casto, inalterável da loura resplandecente, parece logo então, que ela de ⁵⁶³ repente viceja, floresce n'um luxuoso pomar de frutos ou alvorece em rosas diante dos meus olhos extasiados.⁵⁶⁴

Revista Ilustrada, Rio de Janeiro, no. 626, ago./1891.

Cruz e Sousa.

⁵⁶¹ ... um eflúvio **uma aurora de primorosos, imaculados desejos de** forças...

⁵⁶² **Esguia**, Delgada, ágil [**com muito juncal**], com hysterismos de mulher felina, **toda ela** faz idealmente lembrar **uma rara** [cinzelada] ânfora d'incenso, **um** marchetado turíbulo de prata, d' onde, para o alto, alam-se claros, alvos fumos puríssimos e sacros [**dulçurosos**]...

⁵⁶³ ... [**parece logo,**] é como se ela, então, **que ela** de ...

⁵⁶⁴ ... repente vicejasse, florescesse na frescura cheirosa de suntuoso pomar de frutos e alvorecesse em rosas ou em flores nêvas e afrodisíacas de Noivado, majestosamente nua, de dentro de um tálamo branco [**viceja, floresce n'um luxuoso pomar de frutos ou alvorece em rosas diante dos meus olhos extasiados**]...

4. O BATIZADO

A Gonzaga Duque Estrada

Por uma manhã de aromas, cheia de rosas e ouro, em que voavam pombos em vôos triangulares ao alto dos beirais das casas e os pássaros festivamente trinavam⁵⁶⁵ nos arvoredos ramosos, um rancho alegre de lavradores descia, em caminho da igreja do sítio e no ruído vivaz de coloridas conversas risonhas e cantadas, a íngreme ladeira barrenta d'aqueles terrenos agrestes, mais para os lados⁵⁶⁶ que o mar freme e se escrespa à chicotada brusca dos ventos, nas brancas praias caladas.

Era um rancho em descanso e em festa, um tanto livre dos amanhos das terras e do longo mourejar dos dias passados, que levava a batizar um filho do seu amor, o gorducho pimpolho rosado das lavouras, do seu coração, e que lá ia, sorrindo na ternura das delicadas carnes infantis, cheiroso, perfumado de trevo, contente e fresco como um rosal, de linda touca afogada de fitas⁵⁶⁷ escarlates esvoaçantes à⁵⁶⁸ aragem, envolto n'uma toalha de trabalhadas rendas vistosas, sobre os orgulhosos braços polpudos da madrinha, rica rapariga de sol, radiante e florente⁵⁶⁹ como um altar em Maio.⁵⁷⁰

* M p. 82.

⁵⁶⁵ **festivamente trinavam** →

⁵⁶⁶ ... para o lado [**os lados**] em...

⁵⁶⁷ ... touca **afogada** de fitas...

⁵⁶⁸ ... esvoaçantes na [**à**] aragem...

⁵⁶⁹ ... radiante **e florente** como...

⁵⁷⁰ ... Maio[, florente como trigais].

O sereno encanto dessa ⁵⁷¹ abençoada gente, passando ali, sob o raro e calmo damasco do Azul, através de campos, dava à paisagem uma leve graça pitoresca de pintura aldeã, ou lembrava essa tão séria vida holandesa ⁵⁷² disciplinar e feliz de outr'ora, em que as pessoas, só com terem um fértil pedaço de pasto vivo, o bucolismo de alguns ⁵⁷³ bois amenizadamente a gozarem, ou uma viçosa horta dentro da simpleza campestre de cercados verdes, eram, para todo o sempre, consoladamente ditosas e cristãs.

Na longa volta arenosa, à ⁵⁷⁴ margem dos caminhos alvoroçados do rumor e da alacridade vibrante da luz, em murmurasas fontes cristalinas cujos finos veios de prata corriam nitidamente esfiados, rudes mulheres lavadeiras tagarelavam, batendo a roupa na pedra com um estalo seco, à proporção que desenrolavam ⁵⁷⁵ os picantes episódios de amor e as fundas desgraças negras daquele sítio, que se desfolhavam ⁵⁷⁶ e sumiam na correnteza espumosa e túrgida das águas.

O rancho dos lavradores tomava agora por um comprido atalho, fazendo curva, ⁵⁷⁷ até chegar à ampla várzea, onde, no tom alvo de uma visão de balada, ficava a igrejinha, muda e clara no dia, como um símbolo sereno de religião ⁵⁷⁸ na crença e na primitiva paz vegetal da natureza.

Subiam já, sorrindo e falando, o curto adro da igreja e entravam, na alegria comunicativa do ato

⁵⁷¹ O dulçuroso [sereno] encanto d'esta [dessa] abençoada

⁵⁷² ... pintura [pastoril] aldeã ou lembrava essa [tão séria] vida holandesa ...

⁵⁷³ ... bucolismo [e o idílio] de ...

⁵⁷⁴ **Na longa volta arenosa, [à] margem dos...**

⁵⁷⁵ ... que [interminamente] desenrolavam os...

⁵⁷⁶ ... , que se desfolhavam...

⁵⁷⁷ ... curva, [coleando], até chegar a [uma] ampla...

⁵⁷⁸ ... de religião [e de fé] na crença...

que iam realizar – pura e cândida alegria essa! tão pura e tão cândida mesmo como a infância que floria no colo da madrinha,⁵⁷⁹ – quase mais batizada também pela luz que a acariciava e doirava então do que pelas águas⁵⁸⁰ lustrais que lhe deveriam catolicamente⁵⁸¹ banhar a virginal cabeça pequenina.

(§) Na igreja, de aspecto rústico, toda caiada de branco por dentro, simples, sem adorno, { } de um Deus alheio às pompas, no sentir o inesperado rumor de saias engomadas e tufadas e de pesados passos de nem, um bando de andorinhas eletricais ou a { } num pilar e foi pousar, em chilros tímidos, de { } cimalha, sacudindo no ar com as asas, cujos filamentos nervosos palpitavam, um { } um fino pó de clariça que na clara luz da manhã cintilou como uma leve e prateada chuva miúda. Depois tomou a voar e andou por algum tempo, n'um entonteamento, em redor do { }

⁵⁷⁹ ... colo da madrinhas [**madrinha**],...

⁵⁸⁰ ... que pelas [católicas] águas ...

⁵⁸¹ ... lhe deveriam apostolicamente [**catolicamente**] banhar...

do sol que agora então triunfantemente por ali entrava em jorro

(§) Debaixo, os camponeses olhavam, embevecidos e risonhos, a alada e curiosa correria febril das andorinhas no alto.

(§) O recinto permanecia calado, como uma necrópole vazia; e, no silêncio religioso que vinha dá aquela tosca solenidade de templo campestre, o batizado findou, por entre o arrastado latim modorento do sacerdote e a bimbalhante sonoridade dos festivos, garridos e hilariantes repiques do sino que, no ar fresco, transparente e matinal, eram de uma penetradora tonalidade aguda e picante.⁵⁸²

À volta, após o batizado, na humildade, na singeleza do lar,⁵⁸³ os chorados repinçados das violas,⁵⁸⁴ entre cantigas esfuziadas no rosto⁵⁸⁵ da criança e nos padrinhos e aos pais, no tropear⁵⁸⁶ jubiloso e fremente do fandango e n'um alentado e aberto gozo tranqüilo de felicidade obtida sem invejas, sem queixas, sem⁵⁸⁷ cuidados e remorsos, na pobreza casta e sagrada das suas almas chãs, ante a lembrança do Senhor do Passos⁵⁸⁸ e da cera que a Maricas prometera o ano passado para que aquele formoso bem⁵⁸⁹ tão querido, agora

⁵⁸² Na igreja, de aspecto rústico, toda caiada de branco por dentro, simples, sem adorno, { } de um Deus alheio às pompas, no sentir o inesperado rumor de saias engomadas e tufadas e de pesados passos de nem, um bando de andorinhas elétricas ou a { } num pilar e foi pousar, em chilros tímidos, de { } cimalha, sacudindo no ar com as asas, cujos filamentos nervosos palpitavam, um { } um fino pó de clariça que na clara luz da manhã cintilou como uma leve e prateada chuva miúda. Depois tomou a voar e andou por algum tempo, n'um entontamento, em redor do { } do sol que agora então triunfantemente por ali entrava em jorro

Debaixo, os camponeses olhavam, embevecidos e risonhos, a alada e curiosa correria febril das andorinhas no alto.

O recinto permanecia calado, como uma necrópole vazia; e, no silêncio religioso que vinha dá aquela tosca solenidade de templo campestre, o batizado findou, por entre o arrastado latim modorento do sacerdote e a bimbalhante sonoridade dos festivos, garridos e hilariantes repiques do sino que, no ar fresco, transparente e matinal, eram de uma penetradora tonalidade aguda e picante.

⁵⁸³ ... humildade [rústica] do lar,

⁵⁸⁴ ... os chorados repinçados da viola [das violas],...

⁵⁸⁵ ... no rosto [meigo] da criança...

⁵⁸⁶ ... aos padrinhos e aos pais, no tropear...

⁵⁸⁷ ... sem queixas, [sem invejas,] sem...

⁵⁸⁸ ... Senhor do Bonfim [dos Passos] e da cera...

⁵⁸⁹ ... que aquele formoso bem tão...

alvorecido no mundo, nascesse, se batizasse e crescesse sem males, sem dores, são, como⁵⁹⁰ os campos que se andavam sachando e mondando por tantos verões amados.

Muitas vezes⁵⁹¹ não há nem doces nem vinho.

Somente,⁵⁹² porém mais quase à noite, no meio dos sonoros guizos dos grilos melancolicamente vibrados⁵⁹³ nas folhagens mudas de sombra, os vermelhos ocasos de Dezembro, por exemplo, tão⁵⁹⁴ vermelhos como se alguém houvesse no firmamento⁵⁹⁵ passado uma enorme esponja grossa⁵⁹⁶ encharcada em sangue, são a acesa púrpura do vinho com que estas meigas⁵⁹⁷ gentes do sítio apenas se confortam e aquecem, nas suas festas, dos frios e desolantes⁵⁹⁸ invernos.

Novidades, Rio de Janeiro, 23 mar/1892.

Cruz e Sousa

⁵⁹⁰ ... sem dores, são, [saudável] como...

⁵⁹¹ ... **Muitas vezes** não ...

⁵⁹² [Tão-]somente, porém...

⁵⁹³ ... melancolicamente **vibrados** nas folhagens ...

⁵⁹⁴ ... os **vermelhos** ocasos **de Dezembro** [em chama, tão], **por exemplo, tão** vermelhos...

⁵⁹⁵ ... como se **alguém** houvesse **no firmamento** passado...

⁵⁹⁶ ... passado [nas nuvens] uma enorme esponja grossa [embebida e] encharcada ...

⁵⁹⁷ ... estas serenas [**meigas**] gentes...

⁵⁹⁸ ... frios **e desolantes** invernos [da vida]...

5. DOENÇA PSÍQUICA

Que mal vos⁵⁹⁹ fez a vida, ó serenos filósofos, para a encherdes do mais negro Pessimismo, como de uma treva soturna e dolorosa e de um rio de sangue eternamente caudaloso?!

Para ti, Shopenhauer, a existência é a materialidade; o alimento, para ti, é apenas a necessidade de prevalecer na luta, à força para a função dos órgãos nervosos, a bem de que se propague a espécie, – enquanto que para outros, ó sombrios monges do pensamento, o alimento é a lascívia, a luxúria da carne, que fazia, desde os romanos, a carne viçosa e rica.

Basta, para ti, que o estômago metodicamente funcione na normalidade cronométrica de um relógio, a fim de que tenhas a positiva segurança de que subsiste aos vermes e à seca dissecação dos fenômenos da Natureza.

No entanto, para outros, o sentimento palatal educado, gozando o requinte das iguarias faustosas, de incomparáveis “gourmandises”, as vaporosas luminosidades de dourados vinhos, apenas basta⁶⁰⁰ para que os sonhos sejam felizes e o sorriso seja alegre.

Para esses, os alimentos, como no Oriente o fumo, têm insubstituíveis encantos, voluptuosas graças de viver, que atilam, acendem a imaginação, fazem abrir e flamejar por todos os pontos do mundo, infinitamente, os mais inauditos sóis do espírito.

Neles, a vida é um fluido, um alado perfume de úmidas bocas purpúreas de rosa, de nêveos colos cor de camélia, de veludosos seios macios como a alva plumagem fresca d’ um pássaro real; um amoroso ansiar de etéreos olhos de estrela, atravessando em visão,

* M p. 129.

⁵⁹⁹ ... mal nos [vos] fez ...

⁶⁰⁰ ... apenas basta[m] para que ...

claros e pesados de luz, com o brilho aceso e ardente de preciosas e raras pedrarias, a quase extinta noite remota das recordações.

Para ti, Shopenhauer, os seres orgânicos não têm senão o caráter essencial da concorrência vital e representam no mundo, funcionalmente, o mesmo valor dos elementos inorgânicos, químicos e físicos da terra.

Assim, a pedra, o carvão, o fogo, o ar, a água, são tanto⁶⁰¹ forças complexas da vida como o homem – ou labore pelo psiquismo, num século de livros, sob o complicado aparelho da ciência, ou simplesmente, ame, seja fator da evolução humana, dando a forma do Amor ao princípio genésíaco da sexualidade.

Por isso, ó egrégio, magnificente filósofo alemão, eu, que no entanto sinto e percebo a tua radiante e clara verdade, que brilha e fere como as arestas agudas, de um cristal, – verdade aceita pelos homens sob a nebulosa denominação de Pessimismo, – eu tenho tédio, profundo, supremo, e inextinguível⁶⁰² tédio, vendo que a vida orgânica é toda ela adstrita à matéria, e que apenas, para se ser feliz, nada mais é preciso do que ter a estrutura de um forte e belo animal premunido de garras para o assalto, de dentes para devorar e com a regular circulação do sangue para o equilíbrio do coração e do cérebro.

Novidades, Rio de Janeiro, 26 mar/1892.

Cruz e Sousa.

⁶⁰¹ ... Assim, a pedra, **o carvão**, o fogo, o ar, a água, são tantas [**tanto**] forças ...

⁶⁰² ... supremo, e inesgotável [**inextinguível**] tédio, vendo ...

6. Velho

Pelas infinitas estradas do tempo, afora, ao sol, segue, mudo, soturnamente silencioso, esse frio deserto ambulante, a que alguns chamam Velho e outros chamam apenas Desilusão.

Hirto, engelhado, com o seu alforge, de peregrino, a sua rude veste de estamenha, o seu bordão de jornada, os seus pés nus, caminha, o deserto frio – tão vago, tão tateante, tão verdadeiramente sombra, que dir-se-ia que é o vácuo, o intangível, que caminha...

Longas, profundas barbas brancas alvejam-lhe no rosto, dando-lhe um ar de austeridade profética, evocando as severas e legendárias figuras dos Patriarcados bíblicos.

Na sua fronte vasta sulcos imensos formam como que vias dolorosas por onde pensamentos amargos percorrem, lembranças angustiantes peregrinando passam...

Certo, esse Velho, assim sugestivo e belo, viera dos Mitos, do fundo das Odisséias gregas e ouvira d'alto cantar nos finos céus d'ouro da Hélade a alma augusta e mediterrânea de Homero, sentira as linhas doces da Graça antiga e mergulhara sereno no seio branco e de rosas do Olimpo dos deuses priscos.

Nenhum manto real o cobria, nenhum laurel o coroava – nada parecia revelar, tangivelmente, os seus troféus de onipotência.

No entanto, pelos vestígios supremos, deixados, não só nas rugas da sua face, não só na tristeza e contemplatividade ascética dos seus olhos e até nos caracteres abstratos da Angústia que lhe singularizava o aspecto, como também, em todo o seu vulto fascinante, dominativo e grave, percebia-se o poder e a clarividência transcendental de um Predestinado, de um Inspirado, de um Deus, perfeito e sagrado Deus concebido da Dor, alimentado e envelhecido na Dor.

Certo, era ele, o Poderoso da Dor, aquele a quem a Dor avassalara mas não vencera, a quem a Dor ungira mas não execrara nem banalizara.

Maior, talvez um século maior com o contato espiritualizante dos Sofrimentos, era efetivamente agora que ele existia, como a própria consubstanciação da Dor.

Mas, nos abismos fundos dos seus olhos velados, amortalhados de saudade, vivos e vendo e parecendo, no entanto, cegos, um sonho impenetrável esvoaça muito de leve e de muito leve surge, sai, em forma de silfo, de dentro dos olhos amortalhados do Velho e põe-se então a rondar, a rondar em torno d'ele, n'uma fascinação, com as suas asas diáfanas e fosforescentes de tentador demônio...

E o Velho, subitamente deslumbrado pela fosforescência das asas, das asas diáfanas de silfo, tem estremecimentos convulsivos; e a sua face, então, toma expressão singularíssima, de tal modo fica nesse momento transfigurada, que até como que se lhe aprofundam, que se lhe cavam mais as rugas...

Também, logo, com a rapidez própria dos sonhos, a fosforescente Visão desaparece... E o Velho, taciturno e trágico, parecendo concentrar em si toda a eloqüência simbólica do Eclesiastes, como que lança na terra a condenação suprema do Juízo Final, tendo, porém, na face agora imensamente lívida, duro rictus sarcástico de ceticismo voltaireano...

Mas, ah! quem poderia penetrar nos labirintos d'aquela existência; quem poderia saber os vergéis, campos, vales cheirosos, enflorados de Ilusão, onde essa alma viveu, floresceu e gozou; os pântanos esverdeados, de concupiscência animal ou de tédio desesperado, onde ela mergulhou vencida; as alvejantes e ermas encruzilhadas de caminho onde a Imagem desolada dos seus Destinos errou, vagueou e gemeu exausta,

fatigada, batida ao largo dos temporais atroantes e tremendos da Vida!

Todos que o viam passar, que lhe admiravam a enfibratura óssea, os filamentos nervosos das grandes rugas; que experimentavam a sensação quase de um pavor abstrato de respeito divino que a sua patriarcal figura inspirava, pareciam inquiri-lo, fazer-lhe mil curiosas e significativas perguntas: – Se tinha já cem anos, que saudades,⁶⁰³ que recordações trouxera na alma, que pão fresco no alforje; que jornadas fizera, e, se cansara muito, nas longas e pedregosas estradas áridas; se tivera fome através os pomposos banquetes a Lúculo das altas cidades; se tivera frio sob as cruas neves inclementes e fulgurantes; se sentira sede d'água, mas só sede d'água!, por tórridos e languescentes calores; ou se sentira sede insaciável de desejos ante o pecado de uns olhos...

Solenemente grande pela Dor, fazia lembrar, como o sentimento de religiosidade que d'ele vinha, todas as magnificências do Elevado e do Sagrado.

Parecia, então, que aquela incomparável amargura de Doloroso ganhava proporções de matéria inerte, se condensava, concretizava em blocos de granito e mármore; que aquela sublimidade de mistérios de secular Velhice tomava formas estáveis, solidificadas com raízes infinitas na Terra, de arquiteturas prodigiosas de catedrais, de igrejas góticas, de basílicas, de templos vetustos.

E, pelo sentimento de divinização que ele inspirava, os olhos absortos, extasiados imaginosamente, viam que essa Dor ia se transmutando e avultando colossalmente como organismo físico, alargando, alargando, alargando para o espaço na vastidão de um bojo enorme, arredondando pomposamente em cúpulas estreladas, em zimbórios de bronze, em torres formidáveis, crescendo, crescendo, ficando então monstruosamente de pé na

* M p. 196.

⁶⁰³ ... Se tinha já cem anos; que saudades ... (pont.)

amplidão alta a majestade eterna da Basílica da Dor – ao mesmo tempo de venerações e sacrilégios, igualmente divina e profanada!

Passados ermos, remotas antiguidades, eras extintas, recordando lentos, longos desânimos; ansiedades, desesperos, impaciências e saudades, eram como que a melancólica penumbra da imensa nave dessa Basílica.

E as paixões atormentadas, os ímpetos lascivos, os desejos delirantes e em grita, as deprecações e blasfêmias, as raivas rugidoras, os ódios tempestuosos, eram então as vozes clamantes e plangentes dos violoncelos no coro e os profundos graves chorosos, de soluços pungentes e adormentados, dos órgãos e cantochão.

Alvorços másculos e são de juventude, heroísmos alegres e alados de esperança, bondade bizarra e florescente, galhardias, lhanezas afetivas, pensamentos límpidos, castos, de brancuras virgens, ternuras angelicais de sonho, eram, enfim, símbolos eucarísticos, pão e vinho claros de comunhões puras.

Todo o espírito do Velho se afinava por esse acorde, a harmonia das grandes Intuições e Criações evangélicas o

consagrava e santificava Deus – harmonia que se elevava para ele n’uma auréola de bênção elísea...

–

A natureza, em redor, calma, repousada, tranqüila, penetrada dos sentimentos imponderáveis do Absoluto, ampliava-se n’uma expansibilidade de vegetações que pareciam quiméricas, n’uma concentrativa mudez de forças originais.

Para os largos e longes do vasto e verde mar melancólico, alguns barcos singravam, d’entre os espreguiçamentos voluptuosos da luz, no leve ritmo da graça banzeira de bamboleantes boiadeiras bailando...

E a figura profética do Velho, com a alva cabeça nua, as longas barbas brancas ondulando aos ventos gementes, ia vivamente desenhada no fundo vago da luz, como a concepção extravagantemente soberana, grandiosa, dos egrégios Desígnios, a caminho das jornadas eternas, pelas peregrinações perpetuadas, pelas estradas sem termo, pelos indefiníveis desertos sem fim...

-

Vai, Velho! Clarão frio, clarão morto! Tu! Que trazes contigo Agonias e Recordações seculares, sobe, sobe, solitário, só, sinistramente só, a escalvada montanha erriçada de agudos cardos bravos, de ásperas, ríspidas silvas, dos Fatalismos tremendos, eloqüentes, épicos, rasgando, ferindo, chagando, ensangüentando mortalmente os pés.

Vai para o Esquecimento e para o Nada, calado, mudo, fechado no sepulcro do teu segredo místico, com os extremos e expressivos silêncios da clausura da tu’alma, levando sob a umbela dos Astros o Sacramento eucarístico da tua Dor.

Vai! Vai! Some-te, perde-te, mergulha soturnamente, aprofundadamente, nas estranhas sombras, nas estranhas sombras, nas estranhas sombras...

Rosa-Cruz, Rio de Janeiro, ano I, no. I, jun/1901.

Cruz e Sousa.

7. Decaído

Arrebatado n'um violento rodomoinho, n'um verdadeiro ciclone de paixões, o que esperas, Tu, Sátiro tricórnio e bufo, que resfolegas e inchas de pantagruelismo e luxúria – tricórnio como trifloro, – com três hirtos cardos agudos?!

O gozo das mórbidas concupiscências tomou para⁶⁰⁴ a tua idiossincrasia afetada do Infinito, aspectos soturnos e miríficos, efeitos mais do que genuinamente capros, mais do que genitalmente⁶⁰⁵ eróticos, d'uma insânia ingênita e transcendental de lascívia; e isso de tal forma supersexual intensa, que és apenas um simples Sátiro tricórnio e bufo e não és mais Diabo magno e sulfúreo, nem radiante⁶⁰⁶ belo e horrível Arcanjo de maravilhosas asas colossais e flamipotentes de fundas envergaduras a ouro fosco e bronze, mas um Satanás suíno e gongórico, um Sileno senil tatuado das equimoses do Vício, tremendamente decaído nos abismos torvos...

Êxtases,⁶⁰⁷ indefinidos espasmos estéticos, que espiritualizavam outr'ora em eras primitivas os teus estranhos olhos d'água, cheios de um fulgor de epopéias, operaram nesse maquiavélico, complicado organismo, evoluções, metamorfoses, profundas transfigurações; e a tua cabeça titânica, satânica, cortada, detalhada fundo nas auréolas negras das supremas Blasfêmias e dos Anátemas, cantou e radiou vitória, triunfou milenariamente das outras frívolas, defantasiadas cabeças.

* M p. 122.

⁶⁰⁴ ... tomou, para... (pont.)

⁶⁰⁵ ... mais do que [virtual] e genitalmente ...

⁶⁰⁶ ... nem radiantemente [**radiante**] belo...

⁶⁰⁷ Êxtases...

Era a conquista real do Sonho, em que a tua cauda espiralante e magnética ia traçando caracteres simbólicos e feiticeiros e em que os teus cornos tetros e sibilinos,

expressivamente assinalados como a coroa genial e hostil da Rebelião, davam o ritmo, com a cauda espiralante e magnética, das divinas sinfonias da Imaginação.

Porque, Tu, criador legendário das Ideogênias! velho Ideólogo imortal!, desde logo foste o Deus uno e trino, o Todo-Poderoso do Sonho, fascinando almas e almas, almas e almas e arrastando as⁶⁰⁸ frementes aos teus lagos noturnos e chamejados, originalmente brotando da condensação de bilhões de noites sem estrelas, porque já eram abstratamente, esses chamejados lagos noturnos, estrelados de Ideal.

E os teus cornos tetros e sibilinos, dominando amplidões, esgarçavam, rasgavam, defloravam os diáfanos véus nevoentos das Nuvens onde o segredo dos viços e germens ocultos, das virgindades brancas, das castidades tenras, das originalidades puras, dormia, mumidamente, sonos seculares e ignaros.

E esse segredo e mistério que dormiam perpétuos sonos, n'um dormir infinito de fenômenos, Tu, com a significativa mágica do Ideal, fizeste para sempre acordar e circular e morrer⁶⁰⁹ e febricitar de vertigens e alucinações a terra.

E esse abençoado e prodigioso bem fecundou admiravelmente a terra, semeou constelações nos mares, tocou de auroras os temperamentos, floresceu de rosas, de madressilvas e lírios, as leves, as sutis espiritualidades humanas.

Uma seiva do Desconhecido errou e cintilou por toda a parte, inundou tudo; e as púrpuras palpitantes de um novo Idealismo se desdobraram como firmamentos ou majestosos mediterrâneos.

Mas hoje, que o teu mundanal e soberano domínio é bem raro já que⁶¹⁰ todo o esplendor das tuas flavas, flamejantes glórias é já remotamente e olvidadamente passado, não és mais

⁶⁰⁸ ... almas e arrastando-as [**arrastando as**] frementes

⁶⁰⁹ ... e mover [**morrer**] e febricitar...

⁶¹⁰ ... raro já, que todo... (pont.)

o excelso, o preclaro Sátiro fino, o Diabo prófugo e ágil, aventureiro e sábio, que noctivagou em gôndolas por Veneza, nos estrelados idílios; que cantou outr'ora baladas aos astros aristocráticos com o seu bandolim de luar e o seu perfil mais aristocrático ainda; que apaixonou e languesceu as monjas com as suas curiosas lendas enevoadas e rendilhadas; que foi o Gentil-Homem da Aventura e da Graça nas Cortes de Luiz Quinze; que dourou e enflorou toda a Grécia e fecundou de Poesia e Arte o antigo Inferno mítico.

Arrebatado n'um violento rodomoinho, n'um verdadeiro ciclone de paixões, és agora o Sátiro tricórnio e bufo, o membralhudo e velho histrião devasso, que resfolegas e inchas de pantagruelismo e luxúria.

Não és mais o delicado deus artista, que eu muita vez vi, através das brumas azuladas da fantasia, pelos contemplativos crepúsculos da Alemanha, cismando, envolto n'um resplendor de imponderáveis saudades e nostalgias, tocado dos supremos desdéns, sentado junto aos pórticos medievais com as alongadas, esguias pernas mefistofélicas fidalgamente cruzadas em x.

E te perpetuas agora, através da universal harmonia, no equilíbrio sempiterno, Belzebu obeso e bonzo, inchado de

concupiscência e tédio, ignobilmente obsceno, grotesco e esfingético, sonâmbulo de melancolias, tragicamente triste, atirado para um canto obscuro das Idades, como a truanesca e monstruosa figura orgíaca, báquica e pantagruélica do Vício!

Rosa-Cruz, Rio de Janeiro, ano I, no.IV, set/1901.

Cruz e Sousa.

8. Rosicler

Imaginar, agora, saudosa Rosicler, que essa boca virginal, onde têm vivido, esvoaçado e cantado os ardentes pássaros dos beijos, fica gelada e muda, negra, como a boca de uma cova; que o colorido alvoral da tua carne esmaece, morre; que os fluidos Danúbios claros e azuis dos teus olhos somem-se na névoa da morte;⁶¹¹ que tu toda esfrias horrivelmente nas minhas mãos, n'um pavoroso contato de neves álgidas, - hirta, inteiriçada, glacial - como pesado e rígido bloco maciço de mármore branco!

E imaginar, também, que a tua infância de flor, de alva magnólia cheirosa cor de luar, na seda fina da pele nívea, foi passada entre os meus braços: todo o delicioso encanto louro dos teus cabelos, a delicada polpa rosada dos teus lábios e as límpidas marchetarias dos teus dentes na láctea candidez do rosto a que os fluidos Danúbios claros e azuis dos teus olhos de ninfa davam frescuras bucólicas de mirtais e de mares meigos da Grécia.

E imaginar, também, celeste Rosicler, que tu, já na pubescência, com as nobrezas régias de dama medieval, planta inglesa e forte desabrochada na atmosfera de uma estufa de Lord, na luxuosa irradiação da formosura, vais, através do aristocrático rumor de cidades, alta e loura, como soberba Águia fidalga que para sempre houvesse abandonado algum antigo, grande palácio renano

Outros chamem-te Aurora! Hoje que já tens a esveltez palmeiral, o viçoso verdor primaveril e que na transparência d'ouro da epiderme dos seios cantam-te inefavelmente os desejos...

Outros chamem-te Aurora! Hoje que já o travo picante

* M p. 185.

⁶¹¹ ... névoa da **Morte**...

da perfídia feminina dá um encanto fatal e acídulo a tua cabeça funesta e trêpega e dá volúpias secretas e tentadoras às tuas garridas formas de louro demônio, a essa sedução prófuga e prónuba, entre sílfide e entre áspide...

Outros chamem-te Aurora!

Uma vez que ainda diante dos olhos vejo a rosada e consoladora luz difusa da tua Infância; que ainda sinto os leves e perfumados eflúvios da tua voz; o cristalinar do teu riso nos lábios frescos de vida e de leite; os fios sonoros do teu cabelo de sol na primorosa, suave, resplandecente cabeça; agora que tudo isso, enfim, acorda ainda no meu ser a balada longínqua das Recordações , não te chamarei jamais Aurora, mas Rosicler, - Rosicler! que lembra os tons alvoraes incomparáveis da tua vaporosa existência de aroma, quando eu tinha nos braços, envolta nas neblinas paradisíacas do sonho, a tua formosa, suave, resplandecente cabeça, da excelsa idealização de cabeças de Anjos, revivescentemente cinzeladas em astro...

Rosa-Cruz, Rio de Janeiro, série II, fasc. 2, jul/1904.

Cruz e Sousa

9. BEIJOS MORTOS

Para o frio silêncio do firmamento, para a alta sideração das estrelas,⁶¹² os beijos de chama que me deste outr'ora subiram mortos, frígidos, glaciais, sem aquele quente, inflamado clarão que os tornava apaixonados.

Foram-se os beijos e tu te foste também com eles, Alma e sonora,⁶¹³ Carne de perfume e de luz, cujos olhos, de tanto incomparável amor carinhosamente me falavam.

A minha boca, sequiosa e saudosa agora desses beijos que a constelaram, mal pode sonorizar as sílabas de sol – Amor – que tão inefavelmente sonorizava.

Foram-se os teus beijos, sumiram-se aqueles astros, que ardiam, e, agora, ei-los, já, frios, lá, acima, no azul esplendor, esparsos no arqueado Azul infinito...

Que brilhem, lá, gélidos, esses beijos mortos, como a serena e sagrada Via-Láctea da Paixão!

Para mim, cá da terra, embaixo, eu os verei e os sentirei ainda palpitar para sempre sobre a minh'alma, purificando-a e iluminando-a, miraculosamente, contra o frio veneno negro da Dor, derramada fundo no meu peito por fulvos e inquisitoriais demônios atropeladamente arremessados à escalada vertiginosa do Mundo!

Rosa-Cruz, Rio de Janeiro, série II, fasc. 3, ago/ 1904.

Cruz e Sousa.

* M p. 75.

⁶¹² ... das Estrelas...

⁶¹³ ... Alma e sonora ...

Capítulo 5

Da garipagem à edição crítica

5.1 A prosa dispersa

“Poeta, não foste o mísero vencido
Que a turba suspeitou por mal julgar
Tu foste um rebelado convencido
Revolto e coeso, como o próprio mar.

Sacerdote do Verso e do Mistério
Domaste as trevas e venceste a dor.
Tu foste sempre esse pasto etéreo
O grande Mago da ilusão do Amor.”

Os versos acima do poema “Adeus a Cruz e Sousa”, de Oscar Rosas,⁶¹⁴ resumem bem o que foi a vida deste simbolista que alcançou as estrelas: contraditório, mas fascinante. E é na prosa poética que Cruz e Sousa expressa melhor esse paradoxo, pois nela revela toda sua vontade de inovação. E é também nesse novo gênero que ele tornou-se, antecipadamente, um grande modernista: na linguagem e na forma. A crítica negativa à obra de Cruz dirigiu-se, principalmente, à sua prosa, que, ao ser comparada com sua poesia, foi tachada de inferior e enquadrada, portanto, como “menor”. Todavia, há quem considere a prosa de Cruz e Sousa fundamental para a compreensão de sua poesia, pois nela encontram-se os versos. É fato que para a curta vida do escritor, sua literatura é bastante diversificada e intensa. De *Tropos e fantasias* a *Evocações* há uma evolução, não só em relação à estrutura dos textos, como quanto à temática.

Apesar de irregular, a produção em prosa do poeta brasileiro oferece páginas primorosas que revelam, entrelaçados, o retrato do poeta perseguido pela sua cor – signo e testemunho de uma época – e a consciência de crise do final do século. Talhadas por um sujeito melancólico, as páginas em prosa de Cruz e Sousa descortinam um

⁶¹⁴ VOZES. *Poesia contemporânea canta Cruz e Sousa*. Organização e notas bio-bibliográficas de Iaponan Soares. Museu/Arquivo da poesia manuscrita. Florianópolis, 1998, p. 83.

mundo em ruínas – idealismo e desencanto, procura de si e alienação – movimento pendular que só se compraz com a iminência da morte.⁶¹⁵

Chamo de prosa dispersa os dezoito manuscritos de Cruz que transcrevi, à margem da margem. Esses textos apresentam-nos, um outro artista, além de um homem perseguido e melancólico, ou seja, um cidadão preocupado com o destino que a sociedade finissecular, desigual e preconceituosa, estava tomando. Temos também um cronista e um crítico desta mesma sociedade que nela atua de forma ética e pragmática.

São textos que tratam de temas variados, alguns afins que confirmam a tragédia da vida de seu autor: de um lado, muita paixão, do outro, dor. Essa prosa caracteriza um escritor amargurado e pessimista que busca, na literatura, equilíbrio. Esse ponto de equilíbrio transparece em um narrador indefinível, em um personagem indescritível, em palavras impenetráveis que caracterizam a sociedade burguesa do final do século XIX. É a literatura, portanto, único meio de ascensão desse homem “marginal”, também seu único objeto de defesa, e o utiliza com precisão, apesar de não alcançar previamente seus objetivos, pois conseguiu, em vida, publicar apenas os dois primeiros livros: *Missal e Broquéis*.

Restaram-lhe algumas páginas em jornais da época. Em verso e em prosa, Cruz e Sousa procurou fundamentar e consolidar um movimento literário que, no Brasil, só aconteceu após sua morte: o Simbolismo. Nesses dezoito textos, enxergamos um outro homem, em total desequilíbrio interno, mas em um processo de evolução. Alguns impressionam pela beleza sugestiva e caracterizam fielmente a corrente simbolista. Para Nereu Correa, os versos de Cruz pertencem ao livro branco do poeta e, a prosa, ao negro.⁶¹⁶ Ou seja, a poesia

⁶¹⁵ RUFINONI, Simone Rossinetti. O Satã Negro. *CULT, Revista Brasileira de Literatura*, no. 08, março, 1998, p. 56-57.

⁶¹⁶ CORRÊA, Nereu. *O canto do cisne negro e outros ensaios*. 2ª edição, Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981, p.16.

estaria diretamente ligada ao movimento simbolista, a prosa, a uma literatura engajada, social. A poesia seria ficção, criação, a prosa, autobiografia.

Destacam-se, nessa prosa, alguns temas presentes em seus poemas e na prosa de *Tropos e fantasias*, *Missal* e *Evocações*, a velhice, por exemplo. Em “Velho”,⁶¹⁷ é-nos apresentado um homem sem nome, idoso e sábio, que se deixa levar pelas dificuldades da vida. As rugas de seu rosto salientam a sabedoria com que ele lida com a realidade; a profundidade delas denota o poder de alguém que dribla a Dor e a torna uma arma de sobrevivência, não se deixando, portanto, vencer:

No entanto, pelos vestígios supremos, deixados, não só nas rugas da sua face, não só na tristeza e contemplatividade ascética dos seus olhos e até nos caracteres abstratos da Angústia que lhe singularizava o aspecto, como também, em todo o seu vulto fascinante, dominativo e grave, percebia-se o poder e a clarividência transcendental de um Predestinado, de um Inspirado, de um Deus perfeito e sagrado Deus concebido da Dor, alimentado e envelhecido na Dor.

E a dor o leva à filosofia, à religiosidade, à sublimação, eixos temáticos frequentes em *Evocações*. O velho está imerso em uma natureza

calma, repousada, tranqüila, penetrada dos sentimentos imponderáveis do Absoluto, ampliava-se n’uma expansibilidade de vegetações que pareciam quiméricas, n’uma concentrativa mudez de forças originais.

Nesse texto, já percebemos com freqüência algumas características simbolistas como o uso de aliterações e de sinestésias, como em :

Para os largos e longes do vasto e verde mar melancólico, alguns barcos singravam, d’entre os espreguiçamentos voluptuosos da luz, no leve ritmo da graça benzeira de bamboleantes boiadeiras bailando...

Mesma temática encontramos no poema “Velho”⁶¹⁸, de *Últimos Sonetos*:

Estás morto, estás velho, estás cansado!
Como um sulco de lágrimas pungidas,
Ei-las, as rugas, as indefinidas

⁶¹⁷ MV, p.199-210.

⁶¹⁸ *Poesia Completa*. Introdução e organização de Zahidé Lupinacci Muzar. 12 ed. Florianópolis: FCC:FBB, 1993, p.173.

Noites do ser vencido e fatigado.

Envolve-te o crepúsculo gelado
Onde vai soturno amortalhando as vidas
Ante o responso em músicas gemidas
No fundo coração dilacerado.

A cabeça pendida de fadiga,
Sentes a morte taciturna e amiga
Que os teus nervosos círculos governa.

Estás velho, estás morto! Ó dor, delírio,
Alma despedaçada de martírio,
Ó desespero da Desgraça eterna!

A temática da morte é destaque em “Hora certa”,⁶¹⁹ sendo ela um consolo para a dor do artista e a mais nobre purificação da alma. A morte é o fim do sofrimento e este, o único meio de sublimação. Há uma analogia constante entre a alma e o corpo, assim, como entre o amor e o ódio, pois para o narrador:

“O muito que odiou e o muito que amou, os traços reveladores do seu espírito, formas de enunciação características de sentimento, ondulações voluptuosas de som, tudo, como um fumo, lhe tecerá brumas na retina”, ou seja, o espírito será revelado através do quanto o Agonizante odiou ou amou. Se a vida lhe doeu muito, a morte será seu consolo. Para o narrador há horas certas do Mundo, para o Amor, para o Ouro, para o Ódio, mas a única hora certa é a da Morte: “quando o último suspiro soa, trêmulo, marcando o inevitável rumo, como um pêndulo estranho que marca horas imponderáveis caindo inexoravelmente, imperturbavelmente...”

Diante dos olhos do Agonizante passará sua vida, entre a clareza de um vale e o anoitecer das estrelas. O Agonizante é um artista que desenterrou sua obra do Nada, trazendo-a do Escuro para a Luz. Podemos dizer que este Agonizante é o artista simbolista que, sinestesticamente e musicalmente, criou uma arte de sublimação.

⁶¹⁹ MHC, p.158-162.

Em “Beijos Mortos” , a morte invade o amor. Predominam, nesse texto, figuras como a antítese - através da dicotomia céu-terra - o paralelismo e imagens sinestésicas: a correspondência entre os mundos espiritual e material, como em:

Foram-se os beijos e tu te foste também com eles, Alma sonora, Carne de perfume e de luz, cujos olhos de tanto incomparável amor carinhosamente me falavam.

É a descrição do amor, representada pelo beijo de chama. Há a constância entre o beijo de amor, caloroso, repleto de luz e o beijo da morte, gelado. A vida e o amor são invadidos pela dor e pela morte. Tais oposições barrocas, vida-morte, caloroso-gelado, sugerem toda a simbologia pessimista da morte.

Em “Aroma”, “Rosicler”, “Nicho de Virgem”, “Fugitivo Sonho” temos a temática da mulher loura e alta. Em “Rosicler”, especificamente, há uma analogia entre a mulher e a Aurora, símbolo de todas as possibilidades. É a aurora que anuncia e prepara o desabrochar das colheitas. Simboliza luz, além de representar também o poder de Deus celeste. Os termos anafóricos: “outros chamam-te Aurora”, caracterizam essa figura feminina idealizada que se opõe a Rosicler, como o eu-lírico a chamará: “Outros chamam-te Aurora!”

Uma vez que ainda diante dos olhos vejo a rosada e consoladora luz difusa da tua Infância, que ainda sinto os leves e perfumados eflúvios da voz, o cristalinar do teu riso nos lábios frescos de vida e de leite, os fios sonoros do teu cabelo de sol na primorosa, suave, resplandecente cabeça, agora que tudo isso, enfim, acorda ainda, no meu ser a balada longínqua das Recordações, não te chamarei jamais Aurora, mas Rosicler, - Rosicler! que lembra as tons alvoraes, incomparáveis da tua vaporosa existência de aroma, quando eu tinha nos braços, envolta nas neblinas, paradisíacas do sonho, a tua formosura, suave, resplandecente cabeça da excelsa idealização de cabeças de Anjos, revivescentemente cinzeladas em astro...

São textos em que predominam vocábulos referentes à cor branca: “vaporosas nuvens de valsas”, “noivado de aves”, “véu tenuíssimo”, “tecido de névoas”, “alva magnólia cheirosa

cor de luar”, “manhã clara”, “cristais de luz”, repletos de sinestésias, como em “manhãs líricas, aromadas, de um azul apaixonado...”, presentes nos versos de *Broquéis* e na prosa de *Missal*.

A publicação de “Aroma”, em *Revista Ilustrada*⁶²⁰, possui grandes diferenças em relação ao manuscrito. Nesta, o texto foi dedicado a Lima Campos, poeta que participou do grupo inicial da “Nona Seção da Diretoria Geral” do periódico, ao lado de Colatino Barroso, Saturnino Meireles, Tibúrcio de Freitas, Mario Pederneiras e Carlos Dias Fernandes. No último parágrafo do texto há uma reescritura, e uma conseqüente exclusão do herotismo, presente no uso da palavra “nua”, devido a uma provável censura dos leitores finisseculares. No manuscrito:

E, sempre que o olfato iluminado, atilado, sente, longe ou perto, o aroma casto, inalterável, da loura resplandecente, é como se ela, então, de repente vicejasse, florescesse na frescura cheirosa de suntuoso pomar de frutos e alvorecesse em rosas ou em flores nêvas e afrodisíacas de Noivado, majestosamente *nua*, (grifo meu) de dentro de um tálamo branco...

No jornal:

E, sempre que o olfato iluminado, atilado, sente, longe ou perto, o aroma casto, inalterável da loura resplandecente, parece logo, então, que ela de repente viceja, floresce n’um luxuoso pomar de frutos ou alvorecesse em rosas diante dos meus olhos extasiados.

São visíveis também algumas alterações na publicação de *Écloga*.⁶²¹ Percebemos que tais mudanças enriqueceram o texto, tornando-o mais claro e poético. Por exemplo, no manuscrito, encontramos a anáfora: “Encantaria ser pastor, para...” substituída no jornal por: “Quem fosse pastor, para...”

Em “Doença Psíquica” e “Croquis d’um Excêntrico” temos um crítico que questiona a arte de filosofar. Ambos os textos tratam da arte de Shopenhauer, mais especificamente do

⁶²⁰ Rio de Janeiro, no. 626, ago./ 1891.

⁶²¹ *O Tempo*, Rio de Janeiro, ano I, no 16, 05 de jun./ 1891.

pessimismo deste que foi um dos grandes filósofos alemães do século XIX e que possui algumas semelhanças biográficas com Cruz e Sousa, como por exemplo,

Por isso, ó egrégio, magnificente filósofo alemão, eu, que no entanto, sinto e percebo a tua radiante e clara verdade, que brilha e fere como arestas agudas, de um cristal, - verdade aceita pelos homens sob nebulosa denominação de Pessimismo, - eu tenho tédio, profundo supremo, e inesgotável tédio, vendo que a vida orgânica é toda ela adstrita à matéria, e que apenas, para ser feliz, nada mais é preciso do que ter a estrutura de um forte e belo animal premunido de garras, para o assalto de dentes para devorar e com a circulação regular do sangue para o equilíbrio do coração e do cérebro.

O excêntrico, o pessimista, ou seja, os simbolistas são como “um cactus, parasitas brancas flores pensativas e melancólicas que rebentam d’entre pedras, florindo virginalmente para o azul, indiferentes à rigidez do granito”. Enfim, o autor nos chama a atenção para o novo, o diferente, o raro, sempre temido por ser desconhecido e, portanto, sujeito ao isolamento.⁶²²

“Doença Psíquica” e “Croquis d’um excêntrico”⁶²³ também foram publicados em jornais, mas encontram-se poucas diferenças em relação ao manuscrito, mas interessantes, que enriquecem o cotejo, pois no manuscrito do primeiro texto a letra é quase ilegível, confirmando, assim, a transcrição efetuada.

A ironia predomina na crônica: “Consciência tranqüila”. Nesta, o narrador apresenta a vida de um senhor de escravos, à beira da morte. A indignação do narrador transparece em cada linha do texto, em cada palavra cuidadosamente escolhida:

Não há dúvida que vamos perder um homem útil, prestimoso, eminente, carregado de saber virtudes, bom e piedoso, ah! Sobretudo bom e piedoso. Que coração de anjo para os humildes, para os tristes, para os fracos, para os desamparados

⁶²² “Croquis d’um Excêntrico”, p. 118.

⁶²³ *Novidades*, Rio de Janeiro, 26 de mar./ 1892 e *O Tempo*, ano I, no. 43, 02 de jul./1891 respectivamente.

A angústia e indignação frente não só à escravidão, mas ao abuso de um homem poderoso, rico que escraviza pessoas negras, ou ainda, explora as brancas, pobres é uma constante. Através do poder e da riqueza, este senhor de escravos decide pela vida ou pela morte daqueles que menospreza e agride física e psicologicamente. Dos textos transcritos é aquele que se tornou mais popular, talvez pela forma e abordagem temática. Mesma temática encontramos em *Tropos e fantasias*, livro em que Cruz já se apresenta como um abolicionista, ou melhor, “justiceiro”, defensor não só de negros, mas de brancos também, tão explorados quanto os primeiros. Em o “abutre de batina”, o poeta critica um padre escravocrata.

O protagonista de “Consciência tranqüila” é um homem vil, explorador de mulheres brancas e pobres, negociadas como mercadorias e de mulheres negras, brutalmente assassinadas, sendo que todas sofriam abusos sexuais. Neste texto, o narrador extravasa toda a repressão sofrida através dessa quase sádica vingança macabra em que faz o velho, escravocrata e impiedoso, rever suas atitudes e sua lúbrica sexualidade, se julgando, até o último momento de sua vida, certo de seus atos.

Não é difícil compreender a angústia deste narrador ao apresentar esse “homem”, fato banal naquele período em que pobres, mulheres e negros não tinham “voz”, e, portanto, não eram “gente”. Ao folhear os jornais do século XIX, encontramos, com frequência, anúncios como: “Vende-se escravo, crioulo, lavrador, trata-se com Virgílio José Vilela”.⁶²⁴ Ou seja, o que esperar de uma sociedade escravocrata se não a injustiça?

E um filme atroz passa pela mente desse senhor de escravos que relembra, impiedosamente, sua falta de moral e caráter. É alguém que não possui remorso de nada, e nem a proximidade da morte torna-o mais piedoso:

⁶²⁴ *A Regeneração*, 18 de dez. /1883, p.2.

E devo ter algum remorso? Remorso? De quê? Por quê? Por quem? Meu filho? Como? Feito por um civilizado bárbaro, num selvagem? Remorso por tão pouco? Por lama vil que se jogue fora, (...) Remorso por fezes, resíduos exíguos de elementos inservíveis, bílis negra, composto de produtos podres, gases deletérios e inúteis, pus fétido...

Simone Rossinetti Rufinoni compara o narrador de “Consciência tranqüila” àquele que utiliza as armas de um inimigo para poder atacá-lo. Ou seja, o narrador “veste a máscara do burguês e escancara a violência que encobre as relações sociais. “A ironia rasga a fachada da enunciação por parte dos dominadores e revela o potencial subversivo da estratégia”.⁶²⁵ Isso acontece quando o narrador, em “Consciência tranqüila”, em 3ª pessoa, onisciente, dá voz ao senhor de escravos, a fim de que este conte suas experiências de total crueldade.

Em “O senhor presidente” há um retrato do povo desterrense do final do século XIX. A expectativa do povo para receber um novo presidente é caracterizada em “O senhor presidente”: “O senhor presidente vai chegar, vai chegar o senhor presidente”. Identificamos a ironia do narrador ao analisar o povo desterrense, extremamente provinciano, que espera um homem alto, loiro e bem vestido, e se decepciona ao ver um “sujeito” de *pince-nez*, nada elegante, de estatura regular e curta barba redonda na pessoa do senhor presidente. Além disso, o presidente era médico, o que não era comum à época, pois a maioria dos presidentes de província ou eram militares, ou com formação em Direito. “Todo o mundo bem sabe que ele é médico, ora, é muito capaz o nosso cidadão de quando a província precisar de leis fazer-lhe receitas”.

O presidente de que trata o narrador é Francisco Luiz da Gama Rosa, natural do Rio Grande. Graduou-se em Medicina, mas trabalhou muito com o jornalismo de 1888 a 1889. Foi nomeado Presidente da Província de Santa Catarina no lugar de Theodureto Carlos de Faria Souto. Governou de 29 de agosto de 1883 a 09 de setembro de 1884. Estava sempre

⁶²⁵ Rufinoni, op. cit. p. 57. O que Simone chama de “envenenamento” do ponto de vista.

cercado de intelectuais como Virgílio Varzea, Cruz e Sousa e Santos Lostada. Escreveu trabalhos científicos e filosóficos, como por exemplo *Biologia e Sociologia do Casamento*.⁶²⁶

Percebemos a admiração de Cruz por Gama Rosa, seu amigo, pois muitos textos foram dedicados a ele. Quando José Lustosa da Cunha Paranaguá⁶²⁷ assumiu o governo, foram muitas as críticas, diretas e cruéis a seu governo, a exemplo, de textos publicados no jornal *O moleque*, cujos autores eram Cruz e Sousa e Virgílio Varzea. Aparece neste periódico uma série de poesias intituladas: O para n'água – Poema realista.⁶²⁸

Observe o 1º canto – O dia da chegada:

No dia que ele chegou
Pela forma do semblante
Todo povo calculou
Um presidente pedante
Um sujeito sem talento
Só cheio de proteção;
E passar por figurão;
Uma nulidade, enfim,
Espartilhada e faceira
Que veio fazer carreira,
Sendo uma cousa chinfrim;
No cais, ao desembarcar,
Conheci, pela ventrola,
Que ele não tinha cachola
Pra província governar; (...).

E outros cantos apareceram em *O Moleque*, ridicularizando o político que, de certa forma, tirou o protetor dos artistas da “Idéia Nova” de cena. São textos que seguem uma tendência da época, de utilizar os jornais não só como meio de transmissão da literatura, mas também como propaganda política. São versos rimados, redondilhos e, portanto, fáceis de serem

⁶²⁶ CORRÊA, Carlos Humberto. *Os governantes de Santa Catarina de 1739 a 1982*. Florianópolis: editora da UFSC, 1983, p. 282.

⁶²⁷ Natural do Rio de Janeiro. Bacharel em Direito pela faculdade de Direito de Recife. Exerceu vários cargos públicos. Em 09 de agosto de 1884 foi nomeado Presidente da Província de Santa Catarina, assumindo a administração em substituição a Francisco Gama Rosa. PIAZZA, Walter. *Dicionário Político Catarinense*. 2ª edição, Florianópolis: Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1994, p. 522.

⁶²⁸ *O Moleque*, 1885, p. 02.

memorizados, com um único fim: ridicularizar o presidente Paranaguá, ou ainda, aproveitando-se da ironia de quem escreveu aqueles versos, ridicularizar aquele que “parou na água”.

Ainda no texto de que tratamos, Cruz apresenta-nos um povo cruel e preconceituoso, deixando clara ser a postura do presidente Gama Rosa, um transcendentalista. Indiretamente, Cruz afirma que o povo, por estar doente, não precisa mais de pessoas que façam leis, mas sim, de um médico: “No entanto o senhor presidente com o seu amplo olhar de médico conhece de um só golpe de vista qual a doença étnica desse povo e qual diagnóstico a fazer-se”.

Outros dois textos falam do presidente Luiz da Gama Rosa: “Biologia e sociologia do casamento” e “Um novo livro”. No primeiro, há uma analogia entre o livro de mesmo nome de Gama Rosa e o do inglês Herbert Spencer, um pioneiro da sociologia. Segundo Spencer, a sociedade se parece com o organismo biológico, sendo que o crescimento caracteriza-se pelo aumento da massa e esse processo dá origem à complexidade das estruturas. Ou seja, “a evolução de todos os corpos passa de um estágio primitivo a estágios mais complexos”. O texto de Cruz é uma resenha sobre o livro de Gama Rosa. É uma crítica construtiva, pois, segundo Cruz:

Na verdade, ter calma filosófica num país equatorial, inter-tropical de um sol causticante, é uma qualidade verdadeiramente e seriamente admirável, tanto mais se essa calma, se essa tranqüilidade de análise, se esse esforço mental paciente é completado por uma orientação e abstração de cérebro notável, fazendo lembrar o caráter pacificamente frio e pensador da raça anglo-saxônica.

Em “Um novo livro”, predominantemente metalinguístico, dedicado a Gama Rosa, Cruz procura caracterizar um homem moderno (que não é o mesmo que “homem da moda”), fruto da evolução, luta, tenacidade da força e da vontade. Neste, há defesa de teorias científicas.

“Um novo livro” é um texto longo, com 21 páginas. Nas cinco primeiras páginas, Cruz e Sousa expõe rapidamente a doutrina filosófica e literária da época para, na sexta, fazer uma crítica construtiva ao trabalho de Virgílio Varzea. Há também uma crítica feroz a Desterro: “Quanto mais numa cidade onde não se cuida de literatura, onde os velhos letrados, dos antigos periódicos obscuros não deram mais um passo além do latim, e onde os novos, os moços que surgem agora, continuam na lição dos provectoros mestres ...”.

Em “A abelha”, há metaforicamente a descrição de uma abelha que se perde em seu caminho entre o nevoeiro, que tentava romper devido ao amor à colméia. Quando o sol desponta, a abelha entontece e não consegue vencer o diáfano e não alcança seu objetivo. E o narrador se surpreende com a descrição desta abelha imóvel: “sem poder voar, suspensa no azul e doirada pelo sol, como uma leve gota que o sol deixasse pender no espaço, caída das suas rutilantes pedrarias de raios, e librada apenas nos imperceptíveis fios sutis do fluido luminoso”.

Simbolicamente, a abelha é um trabalhador que busca, através de seu incansável trabalho, ser útil à sociedade, à colméia, caracterizada aqui, por um lugar desconhecido: “Mas quem sabia onde era a colméia?” Ou seja, ironicamente, esta abelha ficou incapacitada de trabalhar em prol da colméia, e só esta poderia libertá-la.

E esta abelha, mesmo que pudesse voltar à sua origem, jamais o faria, pois sofreria a discriminação por parte das outras abelhas que a julgariam, por ela andar à toa no campo em flor, amando e sugando alguma pétala, em vez de ir por essa radiosa manhã para o trabalho, abrir, no favo de mel, as curiosidades artísticas aos arabescos filigranados da efervescente colméia.

Enfim, aquela abelha que voava para a vida e foi surpreendida pelas decepções, vencida por muitos obstáculos, desistiria de encontrar o seu caminho, o amor. Simbolicamente, a

abelha representa as massas e “está submetida à inexorabilidade do destino (homem ou deus) que as acorrenta, se, além disso, não sublimassem em mel imortal o frágil perfume das flores. É quanto basta para conferir elevado alcance espiritual ao seu simbolismo, paralelamente ao temporal”⁶²⁹. Possui outros significados, no coletivo, em relação ao seu trabalho em função da colméia, de perpetuação da espécie, e, no individual, de a materialização da alma. É, portanto, símbolo de ressurreição, podendo simbolizar, também, a eloquência, a poesia e a inteligência. “Representa as sacerdotisas do templo, as pitonisas, as almas puras dos iniciados, o Espírito, as palavras; purifica pelo fogo e nutre com o mel; queima com seu ferrão e ilumina com seu brilho”.

A descrição de uma criança humilde, filha de uma “abençoada gente” é tema de “O batizado”, texto dedicado a Horácio de Carvalho, amigo de Cruz e Sousa. O narrador descreve um ambiente simples, bucólico, pitoresco, onde é batizada uma criança, que, inserida no meio, o embeleza.

Nos livros de história da literatura catarinense,⁶³⁰ pouco se encontra a respeito de Horácio de Carvalho, sabe-se, apenas, que ao lado de Cruz e Sousa, Santos Lostada, Virgílio Várzea e Araújo Figueiredo formava o grupo Idéia Nova, e que possuía idéias renovadoras que se opunham à escola do Romantismo de Eduardo Nunes Pires. Em *Ao Redor de Cruz e Sousa*,⁶³¹ Iaponan dedica todo um capítulo a Horácio de Carvalho, intelectual e amigo de Cruz e Sousa que atuou literariamente no final do século XIX e início do XX, apesar de ter freqüentado pouco as colunas de jornais. Do grupo, era o mais novo e, infelizmente, só deixou dispersos alguns textos. Ingressou no magistério, através de

⁶²⁹ CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 4ª edição, Rio de Janeiro: José Olympio, 1991, p.03-04.

⁶³⁰ THIAGO, Arnaldo S. *História da Literatura catarinense*. Rio de Janeiro: 1957 e SACHET, Celestino. *A literatura catarinense*. Florianópolis: Lunardelli, 1985.

⁶³¹ Florianópolis: Editora da UFSC, 1988, p.37-39.

concurso público, com a tese: *O Realismo naturalista e a Nova Educação*, publicada em *O Dia*, em 1902. Foi fundador da Academia Catarinense de Letras, em 30 de outubro de 1920, dono da cadeira 16 que tem, como patrono, João Justino Proença e, como sucessor, Alcides Abreu.

Segundo Cabral:

O meio desterrense era pequeno. Pequeno demais e cheio de preconceitos. Pequeno e sem ressonância. A prova é que os que ficara, mesmo bons, apagaram-se entre as colinas e as praias da sua terra, muitas vezes indiferentes à maviosidade da sua música.⁶³²

Também considerado um artista menor, Horácio de Carvalho foi apagado da história da literatura catarinense, restam-lhe os poucos textos que o amigo, Cruz e Sousa, lhe dedicou, como o texto “Horácio de carvalho”.⁶³³

Vivendo na província, num centro antagônico ao desenvolvimento e fulgor do seu talento; na aridez das estafadas idéias em circulação, entre muros fechados de assuntos banais, numa atmosfera onde a hematose quase não se faz, onde o sangue não circula bem, nem os nervos se tonificam convenientemente, Horácio de Carvalho lembra um cactus ou uma flor boreal, nascida sobre a rocha ou sobre o gelo, vermelha ou alva, perdida tristemente na esterilidade, queimada por um sol de brasas ou na desolação da frigidez imensa...⁶³⁴

Na transcrição efetuada a partir da publicação deste texto no jornal *Novidades*,⁶³⁵ observamos algumas considerações bastante contundentes. O manuscrito foi feito em Desterro, onde Cruz possuía fortes amizades e, por este motivo, dedicado a Horácio de Carvalho. No Rio, Cruz resolveu dedicá-lo a Gonzaga Duque Estrada, seu amigo ao lado de Oscar Rosas e Emiliano Pernetá. Na realidade, o texto publicado no Rio é uma reescritura daquele feito em Desterro, pois há diferenças marcantes.

⁶³² CABRAL, Oswaldo R. *História de Santa Catarina*. 3ª edição, Florianópolis: Lunardelli, 1987, p. 134.

⁶³³ Em *Dispersos*. Neste, Cruz e Sousa apresenta uma descrição do amigo: “Assim é Horácio de Carvalho, cérebro nevoento como esses céus da Alemanha e da Rússia, ao Centro do qual, porém, rebrilha o sol do pensamento sobre a amplidão azul da inteligência que estranhos cúmulos e nimbo encobrem perenemente...” OC p. 775-777.

⁶³⁴ OC p. 775-776.

⁶³⁵ Rio de Janeiro, 23 mar. De 1892.

Um outro texto com imagens campestres é “Écloga”, que idealiza a antiguidade: “Encantaria ser pastor, para subir essas alcantiladas serras e ver borbotar d’elas a água fresca, em finos e prateados fofos vaporosos de espuma”. Apesar de uma temática aparentemente parnasiana, encontramos nesse texto o tema da transcendentalização depois da morte:

Antes nascer e morrer n’um leito de rosas, amando e gozando rosas, coroados de rosas, como um romano ou um grego, no mais virtual e mítico paganismo, do que ter-te a ti, vida consciente e disciplinar, como a tremenda esfinge de pedra, colossal e terrível, sufocando, esmagando a seiva, o ímpeto, uma corrente de desregramento animal que há no fundo de todo o organismo, no fundo de todo o temperamento.

A figura de um sátiro, comparado a um “satanás suíno e gongórico, um sileno senil” é-nos apresentada em “Decaído”. Este é um tema presente em outros textos também, como em “Écloga” e “Croquis d’um excêntrico”. Seria interessante lembrar que Cruz e Sousa e outros “ilustres” da época foram vítimas de sátiras, pois foram ridicularizados nos jornais da época. O número de textos satíricos no final do século XIX é bastante grande, haja vista os interesses políticos associados aos periódicos. O jornal “O Moleque”, dirigido por Cruz e Sousa e Virgílio Varzea era significativamente satírico, muitas vezes, uma resposta a agressões de terceiros.

Em “Obsessão da noite”, o narrador dirige-se a um Tartufo, que ri um riso do crime, da noite e, portanto, da treva. Temos a temática do riso, comum em muitos poemas de Cruz, o riso que expressa alegria e, ao mesmo tempo, medo. O poeta tem obsessão pela noite, pois o dia, a luz revela quem ele é e o expõe: “Eu não quero essa aflitiva evidência da luz – que ri das nossas chagas, ironiza o nosso amor e avulta o nosso remorso”. E almeja, assim, a sombra, o mediano, o que não compromete, pois de um lado, temos a luz reveladora, do outro, a noite.

Esse luto, essa noite, essa treva é que eu desejo. Treva que me anule entre a degenerescência dos sentimentos humanos. Treva que me disperse no caos, que me eterifique, que me dissolva no vácuo, como um som noturno e místico de floresta, como um vôo de pássaro errante. (...) Nela é que eu quero viver, na treva que me despe da realidade da vida, que me sepulta e piedosamente consola.

Portanto, a noite é o perdão e o consolo. O narrador implora por uma nova dor. Entre os muitos significados para a noite está o de ser o tempo das germinações, das conspirações, que vão desabrochar em pleno dia como manifestação da vida. Entrar na noite, entretanto, é buscar o indeterminado, num mundo onde o inconsciente se liberta. Contraditoriamente, a noite simboliza as trevas, onde fermenta o vir a ser; e a preparação do dia, de onde brotará toda a luz da vida.⁶³⁶

A noite simboliza também o desaparecimento de todo conhecimento distinto, analítico, exprimível; mais ainda, a privação de toda evidência e de todo suporte psicológico. Em outras palavras, como obscuridade, a noite convém à purificação da memória, e aridez e secura, à purificação dos desejos e afetos sensíveis, até mesmo das aspirações mais elevadas.⁶³⁷

Enfim, esses dezoito textos caracterizam o artista Cruz e Sousa, um sofredor e um sonhador em busca de purificação espiritual, pois encontrava-se em total desequilíbrio com o meio no qual estava inserido. O eixo temático e imagético da grande maioria dos textos não difere dos textos de *Missal* e *Evocações*, mas nos é apresentado um outro olhar do escritor, em um outro tempo e lugar sobre os temas da dor, da morte, da noite, enfim. Apesar de não se ter uma data precisa dos textos, é provável que tenham sido escritos entre a publicação do primeiro e último livro em prosa, ou seja, entre a publicação de *Missal* e *Evocações*. O uso da descrição através de metáforas, antíteses, sinestésias e aliterações, além da presença de um vocabulário restrito, com alguns momentos que beiram o ilogismo,

⁶³⁶ DS, p.639-640.

⁶³⁷ Idem. p.40

fazem parte dessa prosa de Cruz, desconhecida da grande maioria dos leitores e críticos. Já os textos: “Um novo livro”, “O senhor secretário” e “Biologia e sociologia do casamento” apresentam-nos o crítico Cruz e Sousa, bastante consciente da sociedade da qual fazia parte e a qual pretendia transformar. Além de nos mostrarem um outro Cruz e Sousa, esses textos apresentam-nos também vestígios de nossa história.

Conclusão

Se essa determinada prosa dá sugestões, desperta curiosidades, faz acordar a imaginação e consegue trazer no estilo modalidades perfeitamente originais, correspondentes à originalidade do temperamento do artista, como, pois, que o que ele produz, não é prosa, não se deverá chamar prosa?

“Intuições” - Cruz e Sousa

Não foram poucas tampouco raras as vezes em que me perguntaram, ao ser questionada sobre o tema de meu trabalho: prosa? Cruz e Sousa fez prosa? Não ficaria surpresa se as perguntas viessem de leigos da literatura, mas, foram de profissionais das letras que sequer haviam ouvido falar, quanto mais lido sobre o prosador Cruz e Sousa. Portanto, já alcancei, por ora, meus objetivos, apresentar um trabalho sobre a prosa de João da Cruz e Sousa.

Através da prosa canonizada de *Tropos e fantasias*, *Missal* e *Evocações* - em um primeiro momento meus únicos objetos de leitura e pesquisa - encontrei dezoito manuscritos que me apresentaram um outro Cruz. A importância destes textos deve-se a um conhecimento do artista simbolista como um todo, pois através dele encontramos o poeta.

O encontro com os dezoito textos autógrafos instigou-me a encontrar outras palavras, outros sentidos, outros textos que não eram de domínio público. Este trabalho, associado à publicação de Andrade Murici, portanto, se completa. Posso afirmar que temos textos, mais próximos da vontade de seu autor. Alguns rastros da prosa dispersa de Cruz puderam ser acompanhados a partir da leitura e análise dos manuscritos e das publicações nos jornais de 1891 e 1892. Em “Aroma”, por exemplo, percebemos a auto-censura do escritor que reescreve todo um parágrafo e retira a palavra “nua”, o que de certa forma pode caracterizar o leitor e a sociedade do final do século XIX. A alteração nas dedicatórias também pode ser

observada. Em “Aroma”, no manuscrito não há dedicatória, no Rio ele é dedicado a Lima Campos, poeta e amigo de Cruz e Sousa. O texto “Batizado” é em Desterro dedicado a Horácio de Carvalho, no Rio, é todo reescrito para Gonzaga Duque Estrada. Temos ainda duas versões manuscritas de “Obsessão da noite”. Foi interessante poder acompanhar algumas pegadas do autor, pois foram alterações, supressões e acréscimos que ainda não haviam sido apresentados ao público. Pude constatar também que o cotejo com os jornais reafirmou algumas dúvidas em relação à transcrição, contribuindo, portanto, para uma melhor apresentação dos textos.

O objetivo, portanto, foi alcançado: trabalhar a prosa de Cruz e Sousa, cotejando alguns manuscritos com *Obra Completa*. Como o fim é o começo de tudo, espero que este trabalho estimule outros voltados à prosa de Cruz e Sousa. Temos, por exemplo, na Fundação Casa de Rui Barbosa, os manuscritos de *Evocações*, os quais, infelizmente, não pude cotejar. Sendo assim, espero que outros olhares voltem-se para a prosa-poética de Cruz e Sousa.

Foram diferentes olhares que nos mostraram um Cruz através de rabiscos, rasuras, pontos e vírgulas. Algumas vezes senti como se estivesse escrevendo com o autor. Muita pretensão a minha, mas, em alguns momentos tive que decidir entre colocar ou não um sinal de pontuação, por exemplo, o que me transportou, de certa forma, ao momento de criação do artista. Tarefa intangível. Burilar astros, brotar palavras, fazer cantar e sonorizar a prosa é uma tarefa única e exclusiva do prosador Cruz e Sousa.

Espero que a prosa de Cruz seja lida despida de olhares preconceituosos, pois são textos que não exigem raciocínio, basta sensibilidade e deixar aflorar todos os sentidos, pois a prosa de Cruz é pura correspondência entre forma e conteúdo, poesia e prosa. Faz-se

necessário *olhar para além do cânone*⁶³⁸. Portanto, querer classificá-la faz parte de uma análise mais tradicional e, talvez, uma tentativa de exclusão. A prosa poética de Cruz e Sousa é como uma harpa exótica⁶³⁹ de duas cordas: uma para o verso outra para a forma formando as duas uma igual harmonia.

⁶³⁸ MORETTI, Franco. *Conjecturas sobre a literatura mundial*. In: *Contra corrente: O melhor da new left review em 2000*, Org. Emir Sader, Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 49.

⁶³⁹ Metáfora utilizada por Cruz e Sousa ao caracterizar um ser artístico em “Intuições”, *Evocações* (edição fac-similar). Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1986, p. 179.

Bibliografia

De Apoio Teórico e Geral

A *HISTORIOGRAFIA literária e as técnicas de escrita* (do manuscrito aohipertexto). Organização Flora Susekind e Tânia Dias. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa: Vieira e Lent, 2004.

BALAKIAN, Anna. *O Simbolismo*. 1ª. edição, São Paulo: Perspectiva, 2000.

BAUDELAIRE, Charles. *Escritos sobre arte*. São Paulo: Edusp/Imaginário, 1991.

_____ *Pequenos poemas em prosa*. 2ª. edição. Florianópolis: Editora de UFSC, 1996.

_____ *As flores do mal*. São Paulo: Martim Claret, 2002.

_____ *As flores do mal*. São Paulo: Círculo do livro, s/d.

_____ *Sobre a modernidade*. São Paulo: Editora Paz e Terra S.A, 1997.

_____ *Um comedor de ópio*. Rio de Janeiro: Editor Int. D.E.L, International Publisher ltd, 1992.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *Literatura e revolução*. V.V.A.A. *In Gratidão de ser*. Homenagem ao Irmão Elvo Clemente. Porto Alegre: PUCRS, 1994.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. 4ª. edição, São Paulo: Brasiliense, s/d.

BERGSON, Henri. *O Riso*. 1ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

_____. *Obras escolhidas III: Charles Baudelaire – um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, s/d.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil-1900*. MEC/Serviço de Documentação.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

_____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, vol. 1, 1975.

CARR, E. H. *Que é história?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

CHEVALIER, Jean et GHEERBRANT, Alan. *Dicionário de Símbolos*. 4ª edição, Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. 5ª. ed. São Paulo:Global, 1999.

DIAS, Ângela Maria. *O resgate da dissonância*. Rio de Janeiro: Edições Antares: Inelivro, 1981.

DUFOURCQ, Norbert (Org.). *La musique des origines à nos jours*. Paris: Larousse, 1946.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 1989.

_____. *Sobre a literatura*. 2ª. edição, São Paulo: Rio de Janeiro: Record, 2003.

GOMES, Álvaro Cardoso. *A estética simbolista*. 2ª. edição, São Paulo: Atlas, 1994.

HOLLANDA, Chico Buarque de. *Budapeste*. 2ª. edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

HOUAISS, Antônio. *Elementos de bibliologia*. São Paulo: Hucitec; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.

LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro*. 4. ed. São Paulo: Pioneira, 1983.

MARTINS, Maria Helena. *A Agonia do Heroísmo* (Contexto e trajetória de Antônio Chimango). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1980.

MEYER, Augusto. *Prosa dos pagos*. Rio de Janeiro: Presença/INL-MEC, 1979.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

_____ *Simbolismo*. 3^a. edição, São Paulo: Cultrix, s/d.

MORETTI, Francisco. Conjecturas sobre a literatura mundial. In: *Contra corrente: o melhor da new left review em 2000*, Organização: Emir Sader, Rio de Janeiro: Recorde, 2001.

MOURALIS, Bernard. *As contra literaturas*. Coimbra: Almedina, 1982.

NUNES, Cassiano. *Breves estudos de literatura brasileira*. São Paulo: Saraiva, 1969.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade*. Visões literárias do urbano. PortoAlegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de Teoria da Narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa (ensaios sobre questões político-culturais)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SANTOS, Joel Rufino dos. *O que é racismo*. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1984.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. Rio de Janeiro: Contratempo, 2001.

_____ *Da morte/ metafísica do amor/ do sofrimento do mundo*. São Paulo: Martim Claret, 2002.

SODRÈ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SPINA, Segismundo. *Introdução à Edótica (Crítica Textual)*. 2^a edição rev. e atual, São Paulo: Ars Poetica Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

Sobre Santa Catarina

- BOITEUX, Lucas Alexandre. *Notas para a história catarinense*. Florianópolis: Tip. Da Livraria Moderna, 1912.
- CABRAL, Oswaldo. *Nossa senhora do Desterro*. Florianópolis: Lunardelli, 1979.
- _____. *História de Santa Catarina*. 3. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1987.
- CORRÊA, Carlos Humberto. *Os governantes de Santa Catarina de 1739 a 1982*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1983.
- FLORES, Altino. *Sondagens literárias*. Florianópolis: Edeme, 1973.
- JUNKES, Lauro. *Presença da poesia em Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1979.
- PAIVA, Joaquim Gomes d'Oliveira e. *Notícia geral da província de Santa Catarina*. Desterro: Tipografia da Regeneração, 1873.
- PAULI, Evaldo. *A fundação de Florianópolis*. Florianópolis: Edeme, 1973
- PIAZZA, Walter.. *Santa Catarina: sua história*. Florianópolis: Lunardelli, UFSC, 1983.
- _____. *Dicionário político*. 2ª edição, Florianópolis/Assembléia Legislativa, 1994.
- SACHET, Celestino e SOARES, Iaponan. *Presença da literatura catarinense*. Florianópolis: Lunardelli, 1989.
- STOETERAU, Lígia de Oliveira. *A trajetória do poder legislativo catarinense (1835-2000)*. Florianópolis: IOESC, 200.
- SACHET, Celestino e SOARES, Iaponan. *Presença da literatura catarinense*. Florianópolis: Lunardelli, 1989.

SACHET, Celestino. *A literatura catarinense*. Florianópolis: Lunardelli, 1985.

S. THIAGO, Arnaldo. *História da literatura catarinense*. Rio de Janeiro, 1957

De Cruz e Sousa

Broquéis e Faróis. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.

Obra Completa. Coletânea organizada por Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: INL, 1979.

Obra Completa. Organização, Andrade Murici; atualização, Alexei Bueno, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

Cruz e Sousa. Série Resgate. Florianópolis: FCC, 1991.

Dispersos (Poesia e Prosa). São Paulo: Fundação Editora UNESP: Giordano, 1998.

Evocações. Rio de Janeiro, Typ. Aldina, 1898.

Evocações. Edição fac-similar, apresentação de Esperidião Helou Filho, Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1986.

Faróis. Edição fa-similar, apresentação de Ivan Teixeira, Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1998.

Missal/ Broquéis. 1ª edição, Organização e preparação do original: Ivan Teixeira, São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Poemas Inéditos. Florianópolis: Papa-Livro, 1996.

Poesia completa. Introdução de Maria Helena Regis Camargo, Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

Poesia completa. Introdução e organização de Zahidé Lupinacci Muzart, 12^aed. Florianópolis: FCC: FBB, 1993.

Poesia completa. 2^a. edição, São Paulo: Ediouro, 2002.

Sonetos da noite. Florianópolis: FCC, 1988.

Tropos e fantasias. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1994.

Tropos e fantasias. Edição fac-similar, Introdução de Ledo Ivo, Rio de Janeiro/Florianópolis: Ministério da Cultura, FCRB/FCC.

Últimos sonetos. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1984.

Sobre Cruz e Sousa

ALVES, Henrique L. *Cruz e Sousa*. São Paulo: Associação Cultural do Negro, 1961.

ALVES, Uelinton Farias. *Reencontro Cruz e Sousa*. Florianópolis: Papa-Livro, 1990.

BASTIDE, Roger. *O lugar de Cruz e Sousa no movimento simbolista*. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado, 1943.

BASTOS, Fernando de Oliveira. *Aspectos psicológicos de Cruz e Sousa: seu temperamento e sua arte poética*. São Paulo: Edograp, 1945.

CORRÊA, Nereu. *O canto do cisne negro e outros estudos*. Florianópolis: Fundação Catarinense, 1981.

_____ *Literatura Comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1982.

COUTINHO, Afrânio. *Cruz e Sousa*. Coleção Fortuna Crítica 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, INL, 1979.

Cruz e Sousa - Cem anos de Morte. Catálogo da Exposição. Rio de Janeiro/ Fundação Biblioteca Nacional do Livro, 1999.

D'Eça, Othon e outros. *Cruz e Sousa – interpretações*. Edição da Comissão Oficial de Festejo, s/d.

FONTES, Henrique da Silva. *O nosso Cruz e Sousa*. Florianópolis, 1961.

GALLO, Sérgio. *Cruz e Sousa e a tragicidade de “Últimos Sonetos”*. Rio de Janeiro: La Cava, 1982.

LEMINSKI, Paulo. *Cruz e Sousa*. São Paulo: Brasiliense, s/d.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Poesia e vida de Cruz e Sousa*. São Paulo: Editora das Américas, 1961.

MONTENEGRO, Abelardo F. *Cruz e Sousa e o Movimento Simbolista no Brasil*. 3ª edição, Florianópolis: FCC, Fortaleza e UFC, 1998.

PÁDUA, Antônio de. *A margem do estilo de Cruz e Sousa*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

PAULI, Evaldo. *Cruz e Sousa*. São Paulo: Editora do escritor, s/d.

PORTELLA, Eduardo. *Nota prévia a Cruz e Sousa*. Rio de Janeiro: anuário da Literatura Brasileira, s/d.

REGIS, Maria Helena Camargo. *Linguagem e versificação em Broquéis*. Porto Alegre: Movimento, 1976.

RUFINONI, Simone Rossinetti. O satã negro. Dossiê Cruz e Sousa – 100 anos. *Cult, Revista Brasileira de Literatura*, no. 8, mar. 1998.

SAYERS, Raymond S. *Onze estudos de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/Brasília, IML, 1983.

SOARES, Iaponan. *Ao redor de Cruz e Sousa*. Florianópolis: UFSC, 1988.

SOARES, Iaponan e MUZART, Zahidè L. *Cruz e Sousa - No Centenário de Broquéis e Missal*. Florianópolis: FCC Ediouro/Ed. UFSC, 1994.

TILL, Rodrigues. *Cruz e Sousa e o Rio Grande do Sul*. Florianópolis: Fundação Catarinense de cultura, 1981.

_____ *Cruz e Sousa no tempo e no espaço*. Porto Alegre: Edições, 1998.

TORRES, Arthur de Almeida. *Cruz e Sousa (aspectos estilísticos)*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1975.

VOZES. *Poesia contemporânea canta Cruz e Sousa*. Organização e notas bio-bibliográficas de Iaponan Soares. Florianópolis: Museu do arquivo da poesia manuscrita, 1998.

Periódicos

A Capital, Rio de Janeiro, 27 de mai. de 1893.

Álbum, Rio de Janeiro, mar. de 1893.

Anuário catarinense, ano I, no. 1, Florianópolis, jan. 1948.

Correio da Manhã, 18 de nov. 1961.

CULT – Revista Brasileira de Literatura, no. 8, mar. 1998.

Diário Catarinense, 23 de jun. de 1987.

Gazeta, 02 de abr. de 1899.

Gazeta da Tarde, 12 de mar. De 1893.

Geração, abr de 1893.

Jornal do Comércio, 14 de dez. 1960.

Novidades, Rio de Janeiro, mar. De 1892.

O Argos, no. 591, 12 de jun. 1860.

Ô Catarina, jul. 1993.

O Debate, Rio de Janeiro, 21 de mar. de 1898.

O Estado, Desterro, 23 de mar. 1893

O Moleque, Desterro, 1884-1885.

O País, Rio de Janeiro, abril de 1899.

O Tempo, Rio de Janeiro, jun e jul. de 1891.

Revista Ilustrada, no. 626, Rio de Janeiro, ago. 1891.

Teias, Revista Lítero Cultural, no. 03, DLLV-CCE-UFSC, 1990.

Travessia26, Revista do Curso de Pós-Graduação em Letras, Ed. UFSC.

Teses

NUNES, Zilma Gesser. *Prelúdio de uma voz oculta – edição crítica da obra de Ernani Rosas*. Florianópolis, 2002. Tese (Doutorado), Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Curso de Pós-Graduação em Literatura Brasileira.

RABELO, Ivone Doré. *Um canto à margem – uma leitura da poética de Cruz e Sousa*. Tese apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo, 1997.

